

REVISTA DA SEMANA



4-8-45

CR \$ 1,50
EM TODO O BRASIL

TONELAGEM AEREA



CLIPPER EXPRESS *

* SERVIÇO RÁPIDO DE ENCOMENDAS
AÉREAS PELOS "CLIPPERS" DA PAA

Amanhã, o "Clipper Express" lhe oferecerá um serviço ainda mais rápido e conveniente, para qualquer carga - desde alfinetes até casas desmontáveis.

SIM, o serviço de carga ainda é, para alguns, um plano para amanhã - para quando, eliminadas as limitações de equipamento e pessoal, a paz colocar ao alcance de todos o transporte aéreo ainda mais rápido, mais freqüente e econômico... graças ao "Clipper Express" da Pan American World Airways. Mas há já muito tempo que o

"Clipper Express" da Pan American une centenas de lugares nas três Américas. Porém, se os seus despachos não consistem de material bélico ou de mercadorias vitais à saúde e ao bem-estar da coletividade, rogamos-lhe compreensão, durante estes dias de tráfego congestionado e restrições materiais. Lembre-se: as exigências de guerra têm prioridade absoluta sobre todo o equipamento e o pessoal da Pan American.



Ouçá **AQUARELAS DO BRASIL** - Todas as às-feiras das 22,05 às 22,35, na Rádio Nacional, em ondas médias (PRE-8, 980 Kcs.) e curtas (PRL-7, 30,86 metros). Evocação sonora da tradição musical e do folklore nacionais. Um magnífico programa com grandes orquestras e coros mixtos, solistas e vocalistas, sob o comando de Almirante. Uma viagem sentimental pelo passado e o presente do Brasil, oferecida pela Pan American World Airways.

PAN AMERICAN WORLD AIRWAYS

A Rede dos Clippers

HEINE O PROFETA DO DESTINO DA ALEMANHA

A Alemanha de Hitler banuiu das bibliotecas e das livrarias os livros de Heinrich Heine, o poeta que amava a liberdade e detestava o militarismo prussiano. Restaurar na Alemanha o culto a Heine, assim como a Lessing e a tantos outros escritores detestados pelo nazismo, é uma das tarefas a que está obrigada a administração conjunta dos aliados. Não será apenas pela ocupação militar que a Alemanha poderá perder a belicosidade que tantas vezes tem lavado em sangue a Europa e o mundo. É preciso que à desmobilização dos exércitos, à liquidação do Estado Maior germânico, ao desmonte das indústrias inimigas se suceda também o esforço em prol da criação de um clima psicológico contrário à guerra — obra já iniciada por Heine, Bertha von Suttner, Erich Maria Remarque e tantos outros.

Para o nazismo Heinrich Heine era um judeu afrancesado, um desenraizado, um propinador de venenos terríveis à mocidade germânica. Tudo isso porque Heine falava em liberdade e em paz, porque Heine se insurgia contra as tendências imperialistas germânicas, nas quais só via cobiça e derramamento de sangue humano. No entanto ninguém mais profundamente alemão do que Heine, o cantor que tanto se fez amar pelo povo, com as suas baladas simples e belas, com os seus "lieber" cheios de emoção e de ternura. Heine, entretanto, não era apenas poeta: era um panfletário também. Odiando o espírito prussiano, o orgulho da casta militar e a agressividade alemã, tanto quanto amava a liberdade e o sentimento democrático dos franceses, Heine jamais quis adotar outra nacionalidade. Viveu na França, mas sem se naturalizar. Ele mesmo nos dá as suas razões de patriota extremado que era:

— Sim, eu serei franco: é um louco orgulho de poeta alemão que me impede de ser francês, mesmo "pro forma". Quimera de idealismo, da qual jamais pude me desfazer!

Heine asseverava que não podia suportar a idéia de se desprender completamente de sua pátria, muito embora o seu casamento com a dama Germânia, gordalhona e selvagem, não pudesse ser chamado um matrimônio feliz. Toda a idéia de apostasia — acrescenta — lhe era odiosa — e ele nunca se separaria de uma cadela alemã e de uma gata teutônica, por mais numerosas que fossem as suas pulgas e as suas infidelidades. Para que ele quis se conservar alemão? Apenas por isto: para poder falar com mais autoridade ao seu povo. É o próprio Heine quem o explica:

— Eu posso dizer ao professor Massmann: "Nós, os estúpidos alemães..." Ora, se eu me naturalizar francês, Massmann poderá me responder: "Eu, apenas, sou um estúpido alemão; tu não o és mais". Seria para mim um pensamento horrível, um pensamento de louco, ser ao mesmo tempo um poeta alemão e um naturalizado francês.

Desdenhando da metrificacão forçada, dos alexandrinos, anti-naturais dos poetas franceses, Heine exaltava a poesia alemã e se dizia orgulhoso dela, ao ponto de desejar como único epitáfio, no seu túmulo, estas palavras: "Aqui repousa um poeta alemão".

Isso, entretanto, não o impedia de sentir-se extremamente bem sob o clima de liberdade da França.

— Que inveja eu sinto dos cães franceses, que podem andar livremente nos Champs-Élysées!

No prefácio de um dos seus livros Heine responde às acusações que faziam, na Alemanha, de haver abandonado a terra germânica pela França. "Tranquilizai-vos. Amo a pátria tanto quanto vós, e foi por causa desse amor que vivi tantos anos no exílio". O que ele não queria, entretanto, era que a Alemanha tivesse um destino guerreiro, em vez de um porvir pacífico. Ridicularizava o conceito de que a melhor maneira de provar o sentimento alemão era odiar os franceses. Via na França uma aliada natural da sua pátria, não para empresas de guerra, mas nos domínios do espírito. Em vez de uma aliança de canhões, uma aliança de amizade.

Tinha Heine, sem dúvida, o dom da profecia. E na verdade se mostrou um bom profeta quando prognosticou a catástrofe alemã, com um século de antecedência. Sim, porque Heine nos falou da Lorelei lendária e fascinante, mas nos falou também das hecatom-

bes que haviam de vir. E nos disse que ouviríamos "um estrondo, um abalo como jamais alguém teria ouvido em toda a história do mundo, quando a tempestade alemã desabasse". A esse estrondo, as águias tomariam mortas das alturas e os leões, nos mais remotos desertos da África, baixariam as suas caudas espavoridos, escondendo-se nos seus antros reais. "Na Alemanha, desenrolar-se-á um drama ao pé do qual a Revolução Francesa não passará de um inocente idílio". Advertiu, porém, que os homens que então apareciam, aqui e ali, gesticulando, ainda não eram os atores que se encarregariam da representação. Esses atores viriam mais tarde...

O nazismo não podia deixar de detestar Heinrich Heine, essa sentinela avançada da liberdade e da democracia, que de tão longe dava um grito de alarme e que através dos seus livros, sempre reimpressos às centenas de milhares, lutava ainda, depois de morto, contra o militarismo e a mania guerreira do povo alemão, ridicularizando-a, satirizando-a, apostrofando-a por vezes em rasgos de humanitária indignação.

Por tudo isso Heinrich Heine continua a ser um escritor atualíssimo, e a restauração dos seus livros nas bibliotecas públicas como nas estantes particulares, através da Alemanha, representa uma necessidade imperiosa da campanha de preparação da nação germânica para a vida pacífica. Há nos livros de Heine muito o que aprender, especialmente o amor exaltado à liberdade que nunca o abandonou.

R. MAGALHAES JUNIOR

HEINE, o maior poeta da Alemanha, quando ainda havia poesia na Alemanha, é visto num auto-retrato.





O SUL-AMERICANO DE REMO

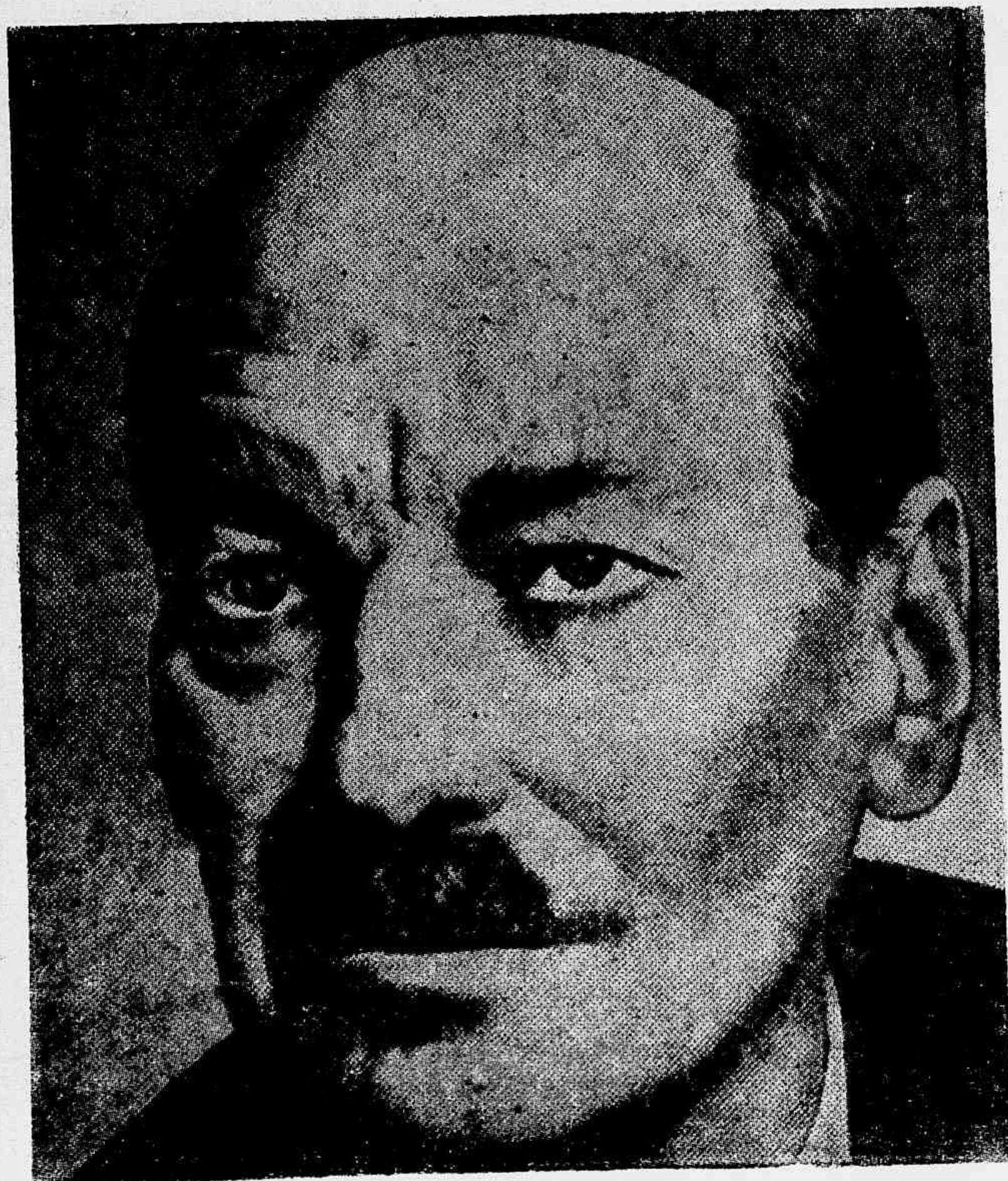
A representação argentina ao 4.º Campeonato Sul-Americano de Remo brilhou na competição. Apesar de só tomarem parte em cinco dos sete páreos, os portenhos lograram sagrar-se campeões, demonstrando uma classe e um estado de ânimo ímpares. A representação brasileira, por motivos desconhecidos, cumpriu "performances" fracas, muito aquém da expectativa dos técnicos e dos aficionados das regatas. Dos cinco páreos de que participaram os "remeurs" argentinos saíram vitoriosos em três, alcançando assim uma vitória consagrada sobre as demais equipes, vencendo surpreendentemente o Sul-Americano. As guarnições patrias deixaram muito a desejar, constatando-se mesmo na cronometragem tempos inferiores aos alcançados nas eliminatórias. Nas fotos que aqui reproduzimos vemos três flagrantes das regatas internacionais de domingo último, a saber: ao alto, à esquerda, out-rigger a 4, vencedor do 1.º páreo; à direita, out-rigger a 8, brasileiro, campeão sul-americano; em baixo, out-rigger a 4, argentino, campeão sul-americano.



ATUALIDADES

UM MUNDO MARCHA

Aproximam-se as eleições no Brasil. Houve eleições na Inglaterra. Um dos candidatos era o homem da defesa de Londres, o severo inimigo do regime socialista, que votara a favor de uma política de união com a Rússia afim de evitar o perigo hitlerista. Chamberlain fez o acôrdo de Munich e Churchill protestou. Veio a guerra, vieram os bombardeios da Inglaterra. Foram buscar Winston Churchill em seu retiro, puseram-no no governo. Pouco depois veio a campanha da Sicília, levada a efeito com sucesso. A invasão da Itália foi efetuada sem grande dificuldade. E em junho de 1944, finalmente, as tropas de desembarque dos Aliados chegavam às praias francesas do Atlântico. Tudo isto foi obra de Churchill, que entrara com tôdas as suas energias na guerra, afim de levá-la de vencida juntamente com Roosevelt e Stalin. Roosevelt morreu pouco antes da vitória. Ele seria um homem para a guerra e para a paz. Churchill não. Homem de origem aristocrática, nascido no seio de uma família rica, seguira sempre, antes da conflagração, uma política reacionária e conservadora. Mesmo depois da guerra continuaria a ser um conservador. Para ele, nada mais consolador que a derrota eleitoral que veio de sofrer. Caindo agora, será sempre lembrado como um general da vitória. Se continuasse, passaria à história como o homem que lavou as mãos ante as questões espanhola e argentina. Desde a semana passada os trabalhistas estão no poder. Homens que até há bem pouco tempo só andavam em carruagem, serão agora governadores por filhos de sapateiros, marceneiros e estivadores. A União das Repúblicas Socialistas Soviéticas ganhou mais um amigo precioso na pessoa de Atlee.



GLORIA WARREN NO RIO

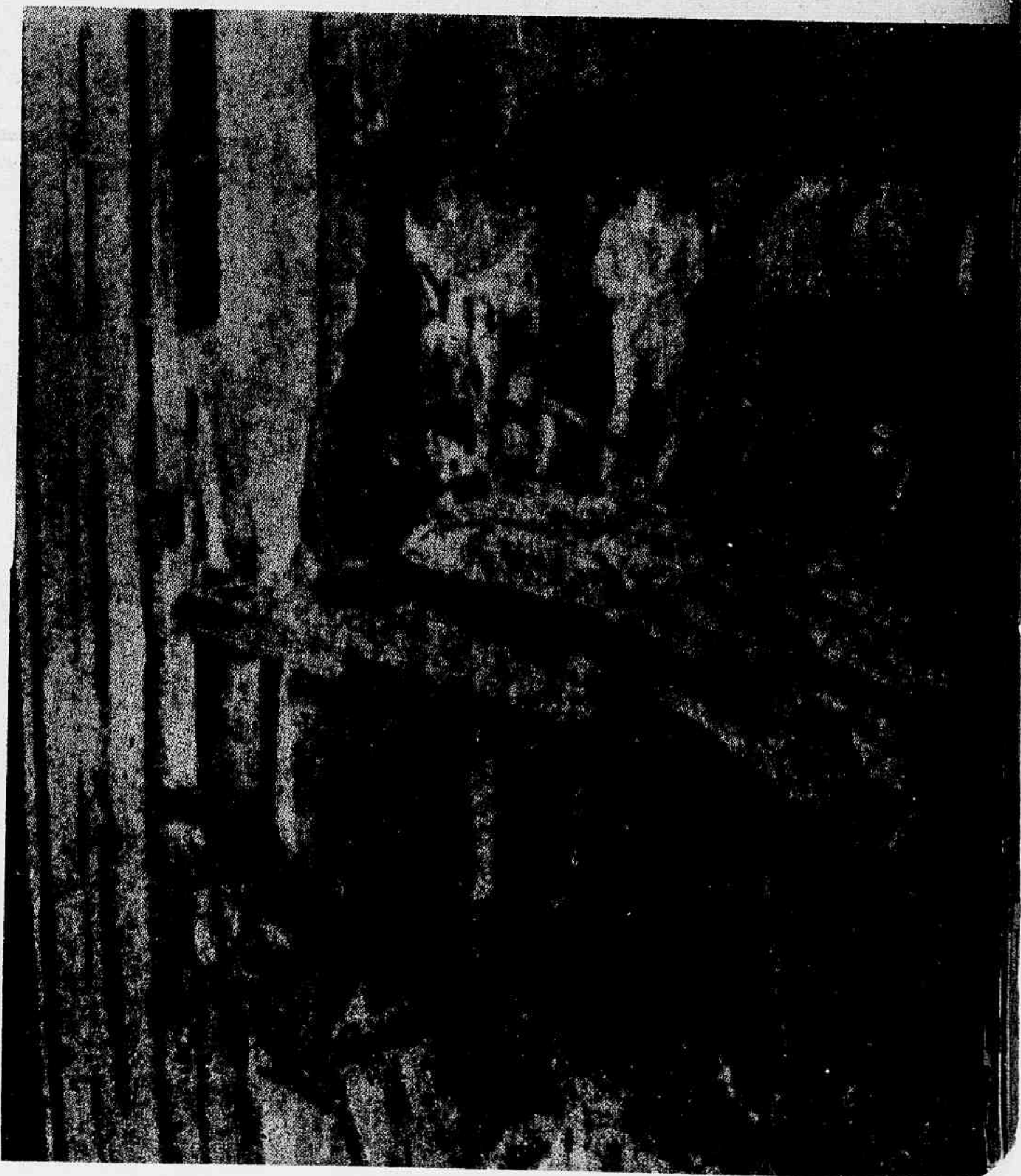
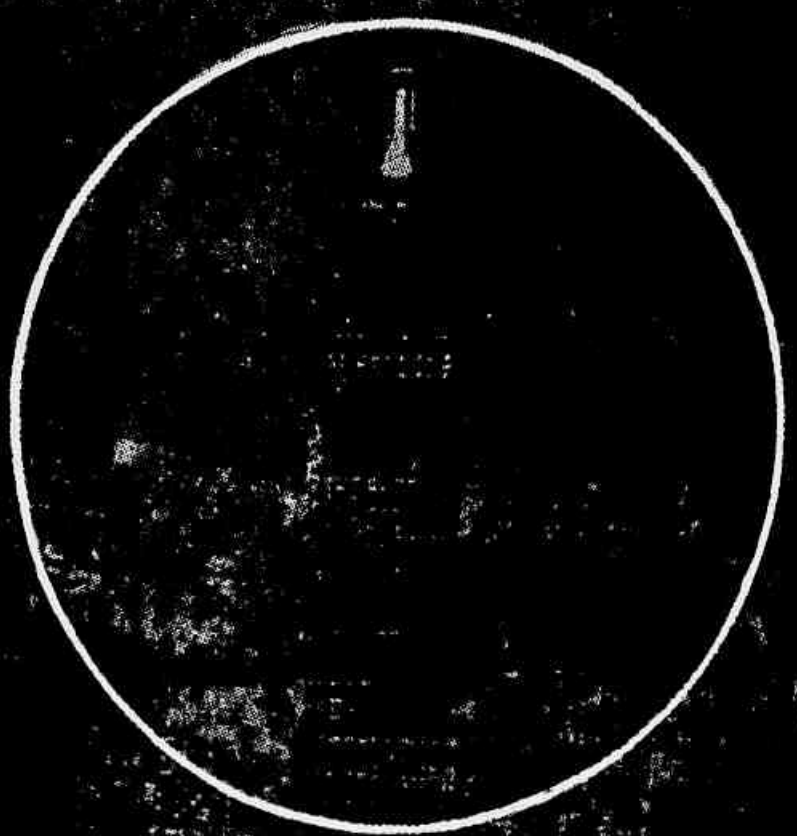
Uma de nossas "psicoses" de guerra, que se alastrou por todo o Rio, atingindo o caráter de verdadeira epidemia, que durou seis meses, foi sem dúvida o fanatismo de que se possuiu o carioca pela fita "Sempre em Meu Coração", uma película feita em torno de um romance banal, com tema já exploradíssimo. O sucesso alcançado pelo filme se deve, com certeza, ao fato de ter sido na época o único onde não apareciam cenas de guerra. E para encanto dos "fans" aparecia na fita a pequena cantora Gloria Warren, graciosa e cheia de "it", que prendeu logo o coração dos "fans". Agora está de viagem para cá a gloriosa estrelinha. E' provável mesmo que ela já haja chegado quando circular a presente edição. E' a primeira vez que a menina pisa terra brasileira. No entanto nem nos Estados Unidos ela poderá ser mais popular que aqui. Dos dois milhões de habitantes do Rio talvez não haja um milhão que não a tenha ido ver em "Sempre em Meu Coração". E dos que ali a viram, muitos voltaram uma, duas, três, quatro e até cinco vezes. Um camarada chegou ao ponto de assistir à fita quatro vezes no mesmo dia. E Gloria encheu a cidade. Em tôdas as bocas andava o seu nome, em todos os pianos sorria a melodia que ela entoara diante da câmara e do micro. Hoje, ela aparecerá aos brasileiros, aos cariocas, sem "maquillage", viva e real. Muitas coisas aconteceram, entretanto, durante o período de tempo que transcorreu desde o sucesso de "Sempre em Meu Coração" até o dia de hoje. Foram para o "front" os nossos soldados, houve a invasão da Europa, a guerra foi ganha, voltaram os expedicionários. Gloria cresceu um pouco, deve estar já uma moça bonita. Muito apagada já se encontra na memória dos homens a imagem dos dias de dois anos atrás. Mas Gloria Warren está no Rio, para satisfação e alegria de seus "fans". Parabens pois aos "fans", e boas vindas à graciosa estrelinha.



DESDA SEMANA

O INCÊNDIO DO EMPIRE BUILDING

A atenção do mundo foi despertada pelo sinistro do Empire State Building, o mais alto edifício do Globo, que possui algumas dezenas de andares. Em dias da semana passada, um avião de bombardeio médio, modelo B-25, bi-motor, voando sobre New York, em virtude das brumas, chocou-se contra o arcabouço do arranha-céu, fazendo na parede do mesmo um rombo de mais de trinta metros quadrados, explodindo fragorosamente. Do sinistro resultou um incêndio que se alastrou rapidamente pelo 78.º e 79.º andares do prédio, resultando a morte de 13 pessoas e ferimentos graves em muitas outras. Eram dois os tripulantes do B-25, que também conduzia um passageiro. Além destas vítimas foi identificado, até o momento em que redigíamos estas notas, apenas o cadáver do publicista Paul Dearing, do "Catholic Welfare Council", que trabalhava nos escritórios de publicidade daquele órgão, situados no 78.º andar. Curiosos fatos relacionados com o incêndio foram narrados pela imprensa novaiorquina. Entre eles figura a sorte de duas senhoras que se encontravam no elevador, no 78.º andar, e que desprende-se, vindo ao solo. Os aparelhos de precisão funcionaram bem e as duas sofreram apenas ferimentos, graças ao freio de segurança.





JOCKEY CLUB MUNDANO

Realizou-se domingo último mais uma tarde de alegria e elegância no Hipódromo da Gávea. Como sempre nossa reportagem esteve presente a esse centro de diversão onde se reúnem os elementos da mais alta sociedade brasileira e estrangeira quando em visita à nossa capital. Durante o desenrolar das carreiras realizadas no último domingo colhemos na "pelouse" os instantâneos aqui reproduzidos.



REI

Atu
Jock
O ni
Con
O co
A vi

LIT

Hain
L
Resta
Livro
Figur
Antes
Robe
O cas

FEMI

N
Inver
Seu T
Model
Na in

SECC

Acont
A REV
Músic

CARIO

"Charg
De Bor
"Charg

NOVEL

"Ressu

E' de
da Colum
ta-se de
cujos enco
seguros p
Neste caso
palminho
dadeiro se
Anita Loui
mero, uma
reportagem
velha resic
rua de São
museu do
grantes da
laríssimo de
feminina, c
gências, co
estão multo
tuneiras —
Luiz Sá —
momento ex



NESTE NUMERO

ANO XLVI --- N.º 31 --- 4-8-945

REPORTAGENS

Atualidades da Semana	4/5
Jockey Club	6
O ninho vazio da Águia de Haya	9/14
Convenção P. S. D.	15
O comandante da R. A. F. no Brasil	16/17
A vida de Piolin contada por ele mesmo (Celestino Silveira)	27/33

LITERATURA

Haine, o profeta do destino da Alemanha (R. Magalhães, Jr.)	3
Restaurante (Nadine Teffy)	19
Livros Novos	20/21
Figuras diferentes (Escragnolle Doria)	22
Antes a morte! (Charles Folly)	24/25
Roberto Reynoso e o cenário amazônico (A. Migueis)	26
O caso do Rubens (Jacques Futrelles)	39

FEMININAS

Nos Bastidores Femininos (Jesy Barbosa)	23
Inverno	36/37
Seu Tricot	40
Modelos Avulsos	41/48
Na intimidade e Para as tardes de sol	46/47

SECÇÕES

Aconteceu em S. Paulo	34
A REVISTA em Hollywood (Luiz Serrano)	38
Música (Roberto Lyra F.º)	45

CARICATURAS

"Charge" de Luiz Sá	8
De Bom Humor	18
"Charge" de Raul	56

NOVELA

"Ressurreição"	53/54
----------------------	-------

NOSSA CAPA

É de Anita Louise, a conhecida "estrêla" da Columbia, a sobre-capla deste número. Trata-se de uma figura por demais popular, e cujos encantos muito se conjugam com seus seguros predicados de intérprete dramática. Neste caso, não se trata apenas de um lindo palminho de rosto, mas de uma atriz no verdadeiro sentido da palavra. De par com Anita Louise, o leitor encontrará, neste número, uma série de palpitantes e curiosas reportagens, inclusive a que nos mostra a velha residência de Ruy Barbosa, na antiga rua de São Clemente, hoje transformada em museu do grande brasileiro. Há também flagrantes da vida de Piolin, o palhaço popularíssimo de São Paulo, e ainda ampla secção feminina, cujas informações de modas e elegâncias, conforme as leitoras vão observar, estão muito desenvolvidas. As secções costumelras — humorismo agora também com Luiz Sá —, música, contos e novelas completam o número variado que neste momento entregamos aos leitores.



Estômago Sujo

As vezes, sem saber porque, sente-se de repente grande abatimento geral, aborrecimento, moleza, indisposição profunda, mal-estar em todo o corpo, preguiça para fazer qualquer esforço, até dores e peso no estômago, na cabeça e no ventre; em fim não se tem vontade



nem coragem nenhuma de trabalhar!

Sempre que estas perturbações aparecem assim de repente, deve-se ter a certeza de que o estômago e intestinos estão muito sujos e cheios de matérias fermentadas e tóxicas, e neste mesmo dia convem usar **Ventre-Livre**, afim de prevenir complicações e moléstias mais graves.

Um Conselho

Evite as medicações violentas e debilitantes!

Para tratar racionalmente a prisão de ventre, use **Ventre-Livre**, remédio brando e suave, que alivia, limpa e tonifica o estômago e intestinos e exerce uma ação muito salutar sobre as funções do fígado.

Todas estas qualidades é que fazem com que **Ventre-Livre** seja largamente usado em tão numerosos e importantes países.

Use **Ventre-Livre**

O GRANDE CONCURSO LITERARIO DA "REVISTA DA SEMANA"

Continua alcançando sucesso em nossos meios literários o triplo concurso instituido pela REVISTA DA SEMANA para premiar obras brasileiras inéditas, estimulando ao mesmo tempo os novos.

São esses certames nada menos de três, a saber: um concurso para peças teatrais, um para contos e outro para romances. As bases de todos já foram amplamente divulgadas em nossos números anteriores, de 30 de junho a 28 de julho. Aos nossos concursos, que têm como patronos Apolonia Pinto para o de peças teatrais, o jornalista Aureliano Machado para o de romances, e a REVISTA DA SEMANA para o de contos, só poderão concorrer escritores brasileiros natos. Fica entretanto entendido que os assuntos, a critério do autor, podem basear-se em qualquer tema, nacionais ou não.

O "Prêmio Apolonia Pinto", ao qual poderá concorrer qualquer peça teatral inédita, consta da quantia de Cr\$ 10.000,00, oferecida pelo Clube Ginástico Português ao primeiro colocado. As peças classificadas em segundo e terceiro lugares serão encenadas pela Escola Dramática do Clube Ginástico, recebendo os autores das mesmas as cotas estipuladas por lei. Durante seis meses a partir da apuração do concurso o Clube Ginástico terá prioridade na representação da peça colocada em primeiro lugar.

Ao "Prêmio Aureliano Machado", como aos demais, só poderão concorrer trabalhos inéditos. Os romances poderão versar sobre qualquer assunto, passando-se a ação em qualquer parte, dentro ou fora do Brasil. Este concurso, como o de peças teatrais, será encerrado a 30 de novembro do corrente ano, data última permitida à entrega dos originais em nossa redação.

O concurso de contos tem caráter permanente, obedecendo os originais ao julgamento periódico, que se fará de três em três meses. Nessas apurações serão selecionados os originais a serem publicados nos três meses imediatamente posteriores. Cada trabalho premiado será remunerado com a quantia de Cr\$ 100,00.

Até o presente momento já nos chegaram vários originais de contos e o da peça teatral "A mulher que voltou", de autoria do sr. Homero Lobo.

Os contos até agora recebidos são os seguintes:

"A sentinela", de Valerio Hofili; "Feia", de Lucilia Figueiredo; "Ao crepitar da fogueira", de Braz Mendonça; "O diário da mortética", de Elora; "História em dois quadros", de Florzinha; "Asclepiades", jogador de contos, de Homero Lobo; "A desventura do Maquias", de Altino Bondesan; "Copacabana", de Henrique Oscar; "O cheiro", de Piauí de Souza; "Sinfonia inacabada", de Naylor Vilas Boas; "Como é triste recordar", de Violeta Benedetti; "Ainda não sei viver", de Alvaro Lourenço dos Santos; "Renúncia", de Odete Serpa Levy; "Fruto da Nogueira", por João de Queiroz; "A imagem perdida", de José Escobar Faria; e "Sic-transit", de Maria Isaura Pereira de Queiroz.

Um calçado da moda para o mundo elegante

Gambier

Rua Uruguaiana, 52
Fone 22-5587 - RIO

(Do noticiário)
"Durante a realização da **Semana do Trânsito** alto-falantes dirigiram os pedestres na avenida Rio Branco."

O CAVALHEIRO AÍ, DE
ROUPA XADREZ, TENHA
A BONDADÉ DE ENTRAR
NA FAIXA...

Luiz Sá
- 45

— Estás ouvindo, Marieta. Vê se deixas uma vaguinha para mim dentro da faixa.

O NINHO VA- ZIO DA AGUIA DE HAYA

TINHA o nome pequeno de Ruy. Apenas uma sílaba rápida, mas que trazia em si a designação de um gênio. Três letras somente que identificavam um herói. Três letras que abalaram o mundo, uma sílaba que encheu um século. Era um homem pequeno, como aliás o são muitos grandes homens. Menor que Napoleão o Corso, visto assim com a sua cabeça grande, sempre erguida. Maior, muito maior que o general Bonaparte, se lhe tomássemos abertos aos olhos e aos sentimentos o seu cérebro de gigante e o seu coração de lutador.

Hoje, por esquecimento ou por ingratidão, pouco, quase nada nos resta dêle. O que foram sua vida e sua obra, já não sabe mais o povo, o grande e anônimo povo pelo qual tanto êle batalhou, através a palavra escrita ou falada, a palavra que era a sua arma de combate, arma de que êle nunca se utilizou sem honra e que nunca usou sem glória. Os eruditos, os estudantes ainda o conhecem por sua obra de didatismo jurídico, uma vez que os seus conceitos se fizeram fórmulas e as suas palavras se tornaram leis. Mas além disto, já não vemos-lo mais citado ou imitado, a não ser em discursos políticos ou aulas de direito. No Rio, um ostracismo injustificável cerca a sua memória imorredoura. Somente vamos encontrar o seu nome realmente compreendido e cultuado na Bahia, a terra que teve a glória de lhe servir de berço. Ali todos nos falam de Ruy, toda a população tem consciência do que êle representou para o Brasil e para o mundo, qualquer cidadão sabe a significação grandiosa de sua vida de glórias e de sua luta de titã.

E enquanto os baianos honram o seu gênio libertário, a Capital da República ignora a existência de uma de suas maiores glórias.

UM CASARÃO EM BOTAFOGO

Hoje nos restam de Ruy, além das biografias e dos estudos que em tórno de sua obra se fizeram, poucas reminiscências além de um casarão em Botafogo, onde se guardam as relíquias da Águia de Haya. Foi ali, à rua São Clemente 134, numa casa antiga de três pavimentos, que durante muitos anos viveu o imortal tribuno, entregue aos seus estudos e aos seus trabalhos, na luta titânica em que se empenhou pela paz entre os povos e pela liberdade de seu povo. Era ali que o filólogo anotava dicionários, era ali que o político escrevia suas orações, o diplomata estudava fórmulas, o jurista concebia libelos. Naquela casa foi que o imortal Ruy presidiu a toda a

O MUSEU RUY BARBOSA E SUAS CURIOSIDADES — A REPORTAGEM VISITA O VELHO CASARÃO ONDE MOROU O IMORTAL JURISTA — COMO ORGANIZAVA RUY AS SUAS CONTAS PARTICULARES — HISTÓRIA CURIOSA DE UMA "CADEIRA-ESCADA" — QUANTO GANHAVA UM MINISTRO PLENIPOTENCIÁRIO

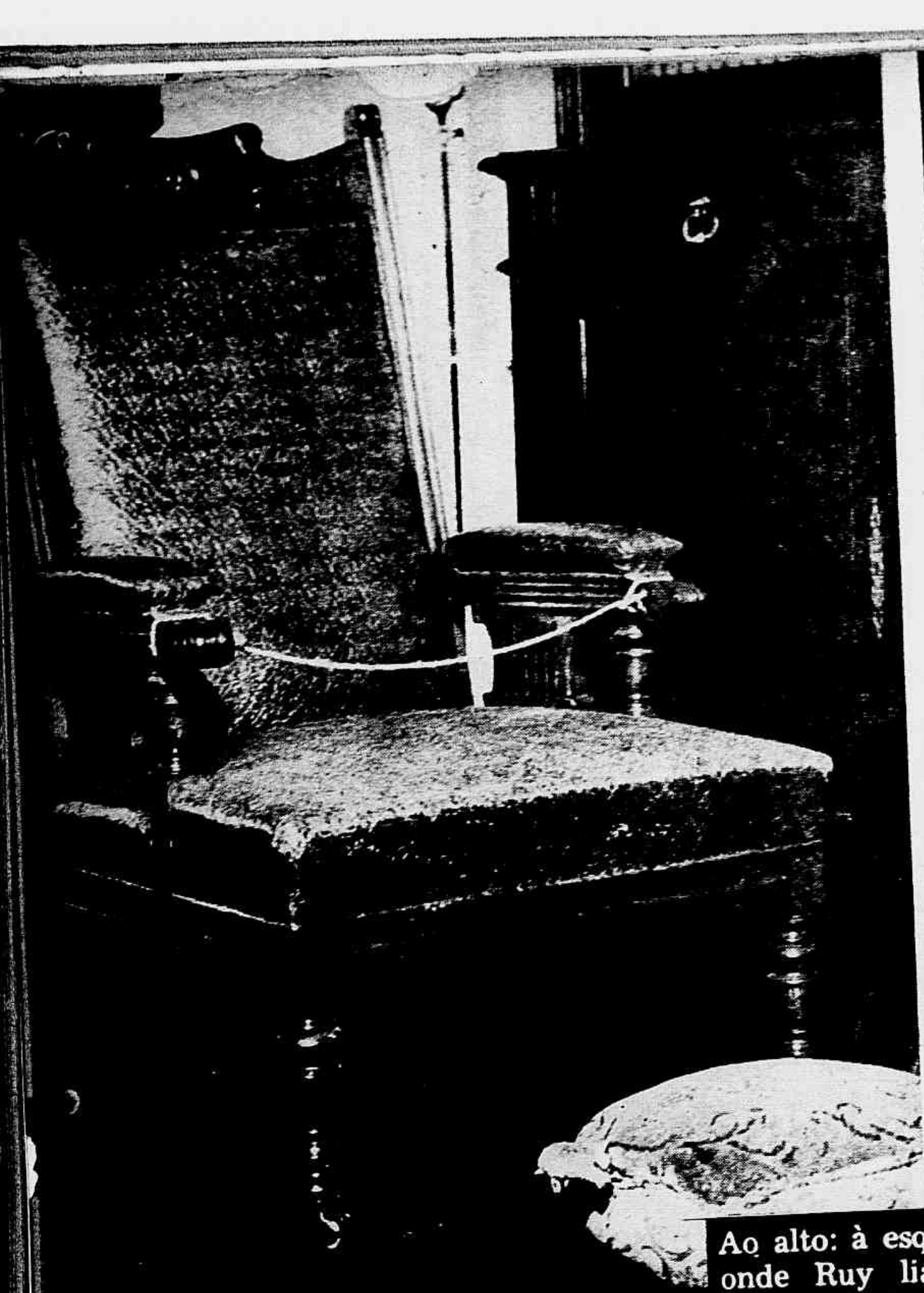


RUY BARBOSA

HERMA

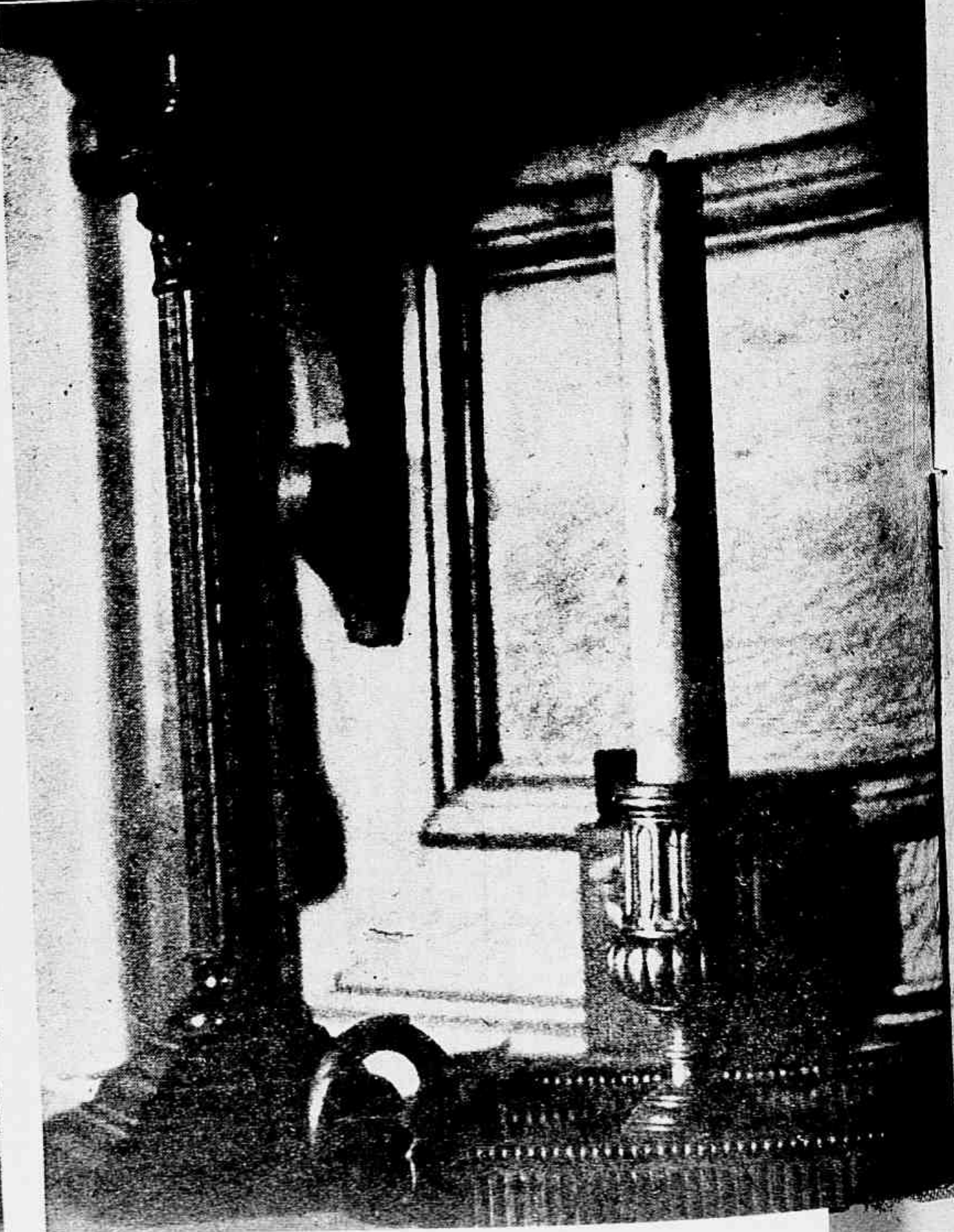
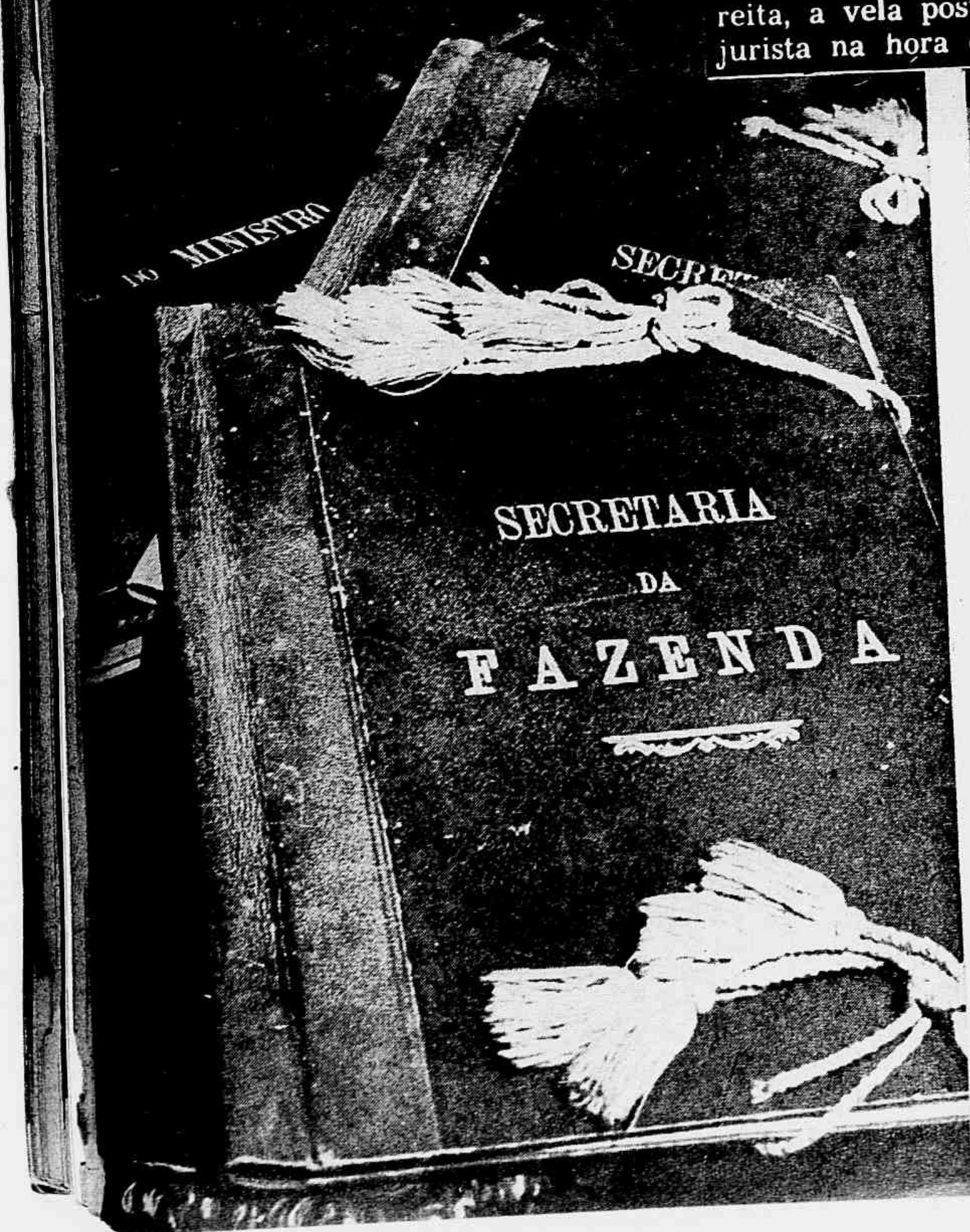
MANDADA COLOCAR
EM NOME DA BAHIA
PELO SEU INVENTOR
CAP. JURACY MAGALHÃES

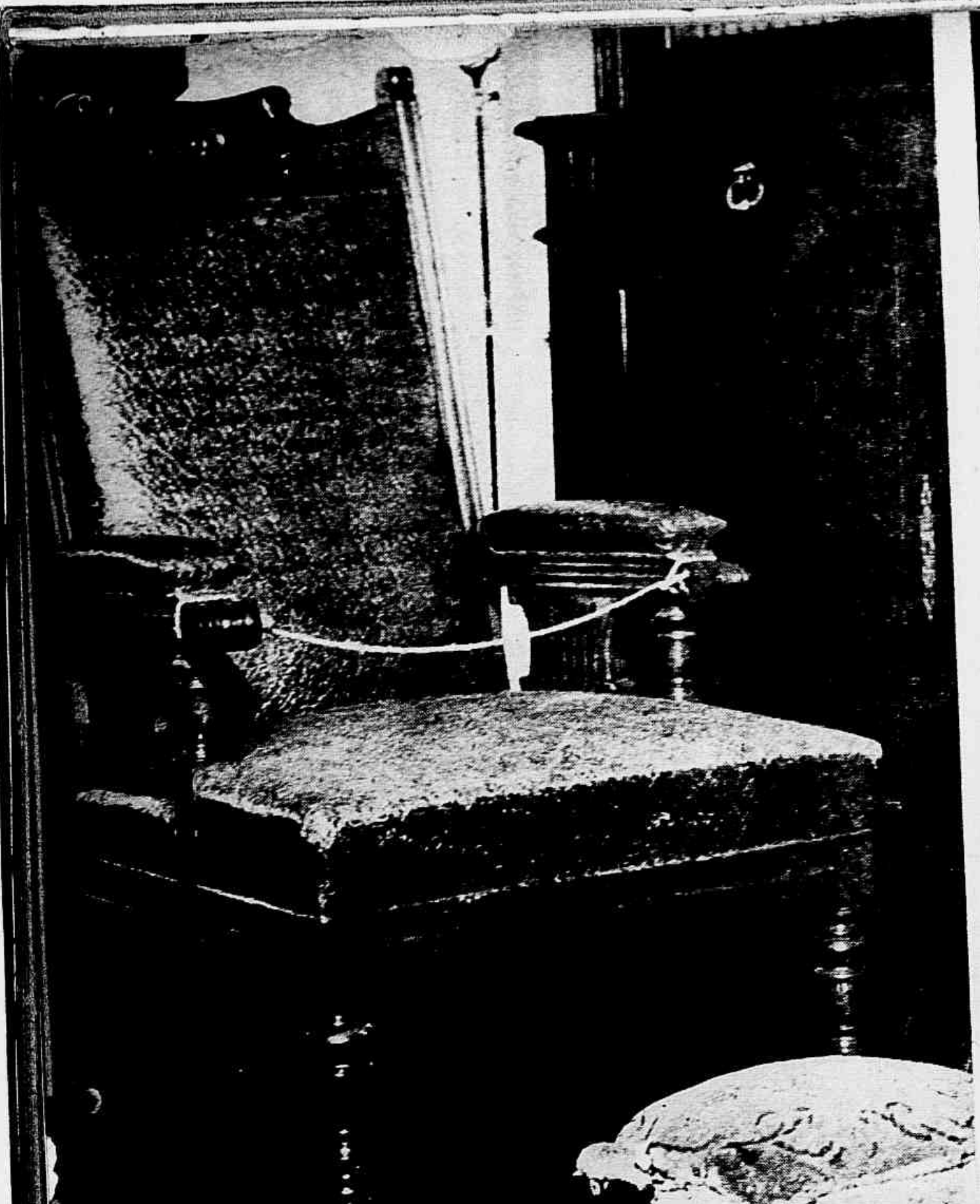
11 AGOSTO 1933



DEUXIÈME CONFÉRENCE
DE LA PAIX
—
LA HAYE
—
1907.

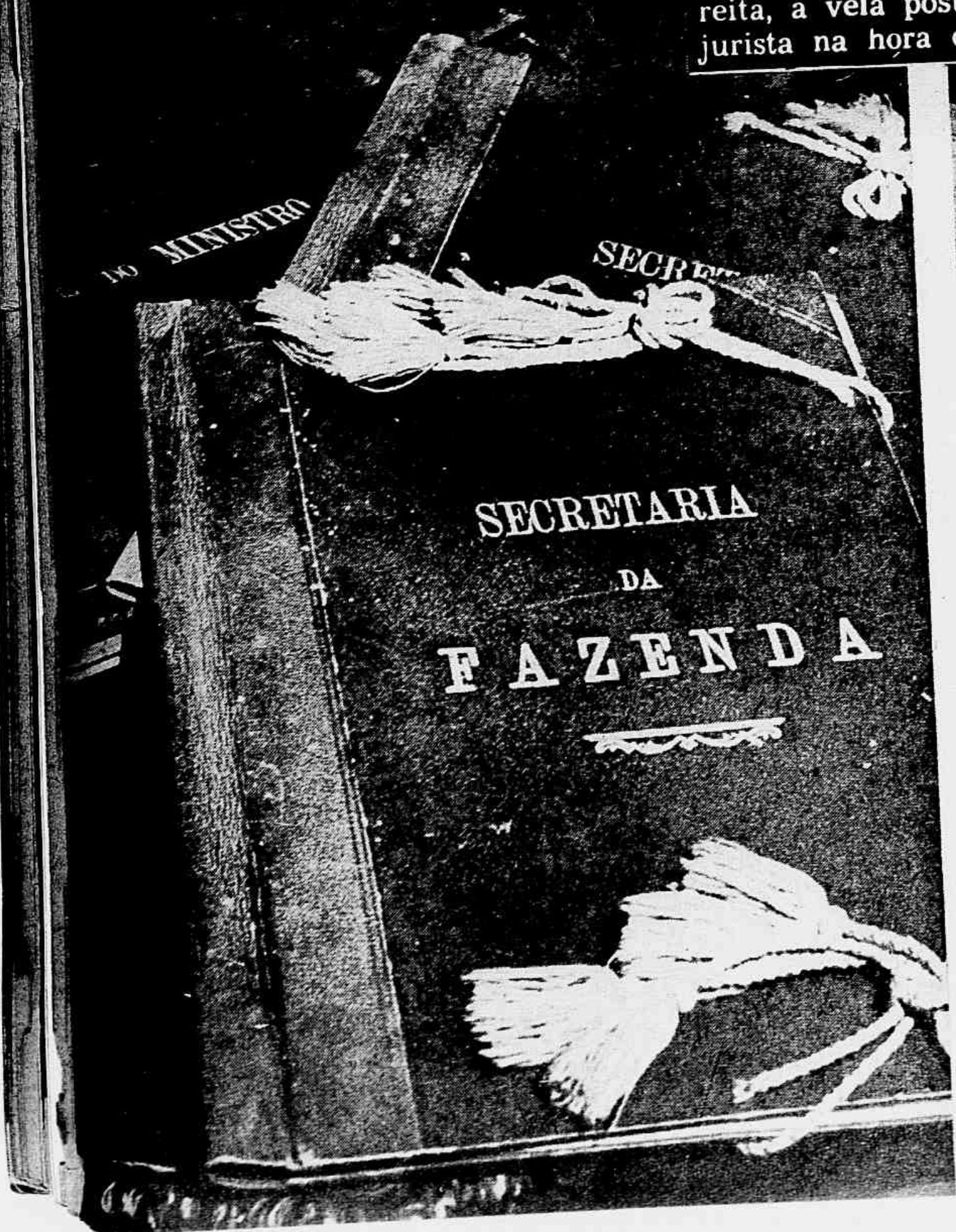
Ao alto: à esquerda, a poltrona onde Ruy lia diariamente os jornais; à direita, a pasta utilizada na Conferência de Haya. Em baixo: à esquerda, pastas do ministro Ruy Barbosa; à direita, a vela posta na mão do jurista na hora de sua morte.





DEUXIÈME CONFÉRENCE
DE LA PAIX
—
LA HAYE
—
1907.

Ao alto: à esquerda, a poltrona onde Ruy lia diariamente os jornais; à direita, a pasta utilizada na Conferência de Haya. Em baixo: à esquerda, pastas do ministro Ruy Barbosa; à direita, a vela posta na mão do jurista na hora de sua morte.



MINISTRO
SECRETARIA
DA
FAZENDA



can
lític
lan

resi
tran
con
à su
SEM
con
gun
da
de
cen
vist
dess
glór

um
ond
teir
már
maj
da
arca
vim
reci
ções
asso

quel
com
tas
que
o im
idéia

O EE
faz p
quadr

campanha civilista, reunindo os "leaders" políticos que o seguiam, ditando ordens, formulando planos.

Hoje, a casa onde durante tanto tempo residiu e trabalhou o genial brasileiro está transformada em museu. Lá se procurou conservar tudo o que dizia respeito a Ruy e à sua obra. A reportagem da REVISTA DA SEMANA, em visita à "Casa de Ruy Barbosa", conseguiu, num rápido apanhado, focalizar alguns aspectos do museu, que são instantâneos da vida gloriosa do grande baiano, flagrantes de uma existência edificante, retratados pelos cenários que o viram batalhar e vencer e que, vistos hoje, são como que partículas espaçadas dessa luta de titã, marcas imperecíveis da glória imortal de um grande cidadão.

Entra-se na "Casa de Ruy Barbosa" por um largo portão que dá acesso ao jardim, onde correm alamedas estreitas entre os canteiros gramados. A um canto, um busto em mármore do patrono da casa, oferecido pelo major Juracy Magalhães, em nome do povo da Bahia, à memória do grande brasileiro. A arcada por onde se passa para chegar ao pavimento térreo, está ladeada por placas oferecidas ao jurista Ruy Barbosa por instituições brasileiras, universidades estrangeiras, associações literárias e pacifistas.

Essas placas são atestados da gratidão daqueles por quem sempre lutou Ruy Barbosa, com desprendimento e bravura, embora muitas vezes a vitória da causa mais não fôsse que uma imagem distante e imprecisa. Mas o imortal baiano nunca vacilou diante de uma idéia que julgasse justa, embora contra ela

se levantassem todas as barreiras da força e da opressão. Mas o seu gênio combativo, o seu espírito de justo e a sua inteligência de gigante jamais foram vencidos. A vitória lhe sorriu sempre, no fim de cada pugna. A verdade e a justiça eram as suas armas, a liberdade era a sua meta. Nunca parou cansado em meio do caminho, jamais fugiu temeroso no decorrer de uma batalha.

Hoje, vinte e dois anos passados de sua morte, tem na velha casa sob cujo teto lutou e venceu, o retrato de sua vida de herói do Direito, a glorificação de sua carreira de soldado da Justiça.

A BIBLIOTECA DE RUY

Não fôra a sua obra de diplomata, de político, de filólogo e de juriconsulto, Ruy Barbosa passaria à história como o mais erudito de todos os brasileiros. A sua biblioteca é uma prova eloquente da cultura quase sobrehumana que ele conseguiu acumular, através de anos de estudos e leituras incansáveis. Só isso revelaria o gênio. Em sua casa os livros ocupavam sempre o lugar de honra, e eram eles que dominavam tudo com a sua presença dignificante. Do velho casarão da rua S. Clemente, no mínimo três terços são ocupados pela biblioteca de Ruy, que se espalha por salas e antecâmaras, distribuída em estantes infindáveis, pequenas porém para conter a multidão de volumes que se armazenam em filas extensas por muitas centenas de metros quadrados.

Há nessa imensa biblioteca relíquias va-

liosíssimas, obras editadas há séculos, livros hoje raríssimos, que Ruy colecionava com amor, como um sacerdote guarda os objetos sagrados de seu templo.

E' justamente por isso que as melhores lembranças de Ruy nos são reveladas pela sua biblioteca, aliás a única parte do museu que se conserva até hoje como ele a deixou, tratada sempre com o mesmo carinho que ele lhe dispensava.

Ali passou o grande brasileiro senão a maior, pelo menos a melhor parte de sua existência. Foi dali, daquelas salas amplas e arejadas, cujas paredes estão forradas por estantes numerosas, que ele dirigiu a campanha civilista. Foi ali que ele se preparou para a II Conferência da Paz de Haya, que o iria consagrar perante a opinião mundial e levar o seu nome através dos anos pela posteridade.

Mas não só os documentos e objetos relativos à sua vida pública se encontram nas diversas salas da biblioteca. Também lá estão colecionados utensílios de uso particular de Ruy, as roupas que ele costumava trajar, móveis que tiveram papel importante em diversas passagens de sua existência.

RECORDAÇÕES DE HAYA

Começamos a nossa visita à "Casa de Ruy Barbosa" pela "Sala de Haya", onde se guardam documentos da Conferência, e outros objetos que falam da atuação do imortal baiano no grande conclave internacional. Mas, como em todas as dependências principais do museu, os livros ocupam ali a maior parte do es-

O MEITO DE MORTE DA AGUIA DE HAYA — Nesta cama de ferro dourado morreu Ruy Barbosa em Petrópolis. Hoje ela está guardada no antigo quarto de dormir do jurista, e faz parte do patrimônio do Museu de Ruy. Ao fundo, sobre o criado-mudo, aparece a vela que foi posta na mão de Ruy, no último momento de sua vida. Nas paredes alguns quadros. E as duas penteadeiras de madeira amarela completam o mobiliário dessa sala da "Casa de Ruy Barbosa". Sobre estas ainda se encontram as bacias e jarras de prata, que compunham o lavatório do casal.



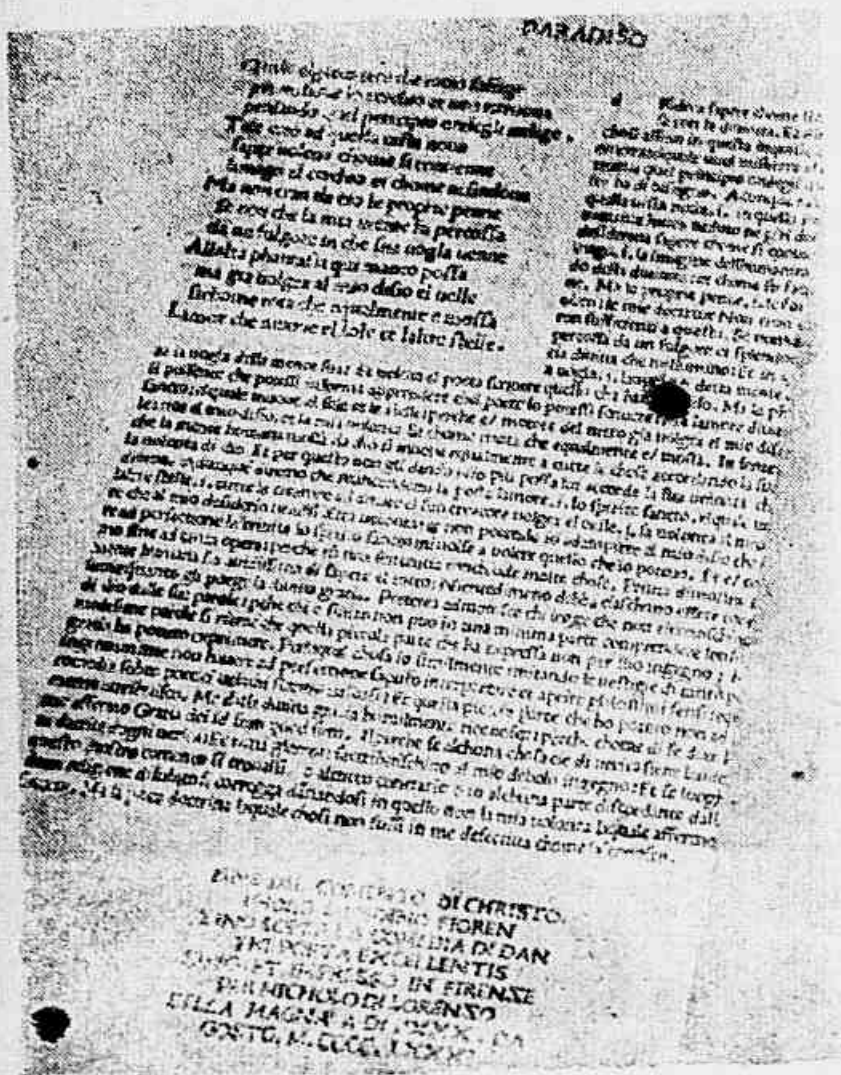


A COLEÇÃO DE GRAVATAS DE RUY — Num dos armários da "Sala do Casamento Civil", antigo quarto de vestir do jurista, pôsto entre duas salas da biblioteca, se encontram agora objetos que compunham o vestuário do grande diplomata. Entre essas peças camisas, colarinhos e gravatas de uso diário de Ruy. Aqui vemos a sua coleção de gravatas e uma caixa de colarinhos. As gravatas borboletas que aparecem na foto, eram colocadas já com o laço armado e presas por trás do pescoço por um botão colocado no elástico que as completava. O jurista possuía uma quantidade infinita de gravatas. O que aqui está é uma pequena parte de sua coleção.

paço. Numa vasta estante, como tôdas as outras envidraçada, estão postos em fila centenas de dicionários e alguns livros didáticos, além de volumes de direito.

Ao centro da sala uma grande vitrine mostra os mais variados objetos, lembrando todos a atuação de Ruy como ministro pleni-

UM TESOURO HISTÓRICO — Última página impressa da edição da "Divina Comédia", feita em 1481, que faz parte da biblioteca de Ruy. No fecho lê-se: "Fine del comento di Christo, phoro landino fiorentino sopra la Comedia di Danthe poeta excellentissimo et impresso in Firenze per Nicholo di Lorenzo, dela magna adi — XXX — dagosto — MCCCCLXXXI."



potenciário do Brasil na II Conferência Internacional da Paz, reunida em Haya em 1907.

Entre os documentos vamos encontrar o original do decreto presidencial de sua nomeação como representante nosso naquela assembléia mundial.

A leitura dêsse papel nos põe cientes de que Ruy Barbosa percebia, naquela função, o ordenado mensal de um conto de réis, isto é, mil cruzeiros, e mais quatro mil mensais como ajuda de custa, para cobrir as despesas de representação.

Na mesma vitrine vamos encontrar as pastas de couro negro, das quais se utilizava a Águia de Haya para guardar os papéis, quando da realização da Conferência. Em tôdas elas, gravadas em letras de ouro, lê-se: "Deuxieme Conférence de la Paix — La Haye — 1907."

NA "SALA DO CÓDIGO CIVIL"

Passámos agora à principal sala da biblioteca de Ruy, por êle chamada "Gabinete Branco" e hoje denominada "Sala do Código Civil". Nela trabalhou o jurista na elaboração das leis civis e redigiu muitos de seus mais notáveis trabalhos literários e científicos. Ali também transcorreu a maior parte de sua vida particular, que era um prolongamento de suas atividades de homem público. Hoje, diante da imensidão dessa biblioteca, vendo os livros anotados em tôdas as folhas pelo seu possuidor, apreciando a estante enorme onde se guardam as suas obras, lembrando a Conferência de Haya, os projetos de anistia, as pugnas jurídicas, os tratados, as atividades

ministeriais, ficamos possuídos de natural assombro, diante da capacidade de trabalho dêsse homem extraordinário, e chegamos a duvidar de que êle tanto tivesse estudado, deduzido, lido, creado e escrito, tendo, como nós outros, um dia de vinte e quatro horas e um ano de trezentos e sessenta e cinco dias. Os idiomas em que êle escrevia e cuja literatura lhe era familiar, talvez não os possamos contar pelos dedos das mãos. O discurso que êle pronunciou em francês quando da recepção de Anatole France na Academia Brasileira de Letras, nada é comparado às anotações em latim, e em todos os idiomas néo-latinos, escritas em letrinhas vermelhas e miudas, em centenas de volumes de sua colossal biblioteca.

E foi ali, na "Sala do Código Civil", que Ruy fez essas anotações e escreveu muitas de suas grandiosas obras. A sala nos lembra os seus intensos labores de filólogo e a sua atividade incansável de jurista. E nos recorda também muitas de suas particularidades.

As estantes altas tornavam impraticável a Ruy a retirada de livros das prateleiras mais elevadas sem o auxílio de um móvel em que pudesse subir. O jurista não se conformava com o tempo perdido na colocação dêsse móvel no lugar preciso. Idealizou então um "aparêlho" curiosíssimo e mandou fabricá-lo. Trata-se de uma interessante "cadeira-escada", que o imortal diplomata considerava muito prática e segura. Quando necessitava de uma cadeira alta, tinha-a no curioso invento. Se precisava alcançar um livro, puxava o encosto e o móvel se transformava numa escadinha de madeira envernizada.

Mas esse engenhoso invento de Ruy falhou um dia, atirando-o ao chão do alto do último degrauzinho. E de nada lhe valeram então os seus profundos conhecimentos de física, e as suas concepções acerca da lei de gravitação. A consequência foi a fratura de um dos ossos da perna, que o prendeu durante algum tempo a uma goteira de gesso. Este aparelho ainda se encontra no museu, como uma reminiscência da única "invenção" do genial juriconsulto. Desde a sua queda passou a se utilizar das escadas que mandou fazer a sua esposa d. Maria Augusta, menos engenhosas, por certo, mas bastante mais seguras, em compensação.

Outro aspecto interessante da vida privada de Ruy, temo-lo retratado na cadeira em que ele lia os jornais do dia, ou melhor as "gazetas", como ele dizia afim de evitar o emprêgo do galicismo. Este móvel baixo e confortável, estofado em couro amarelo, tinha dois complementos: uma almofada para colocar os pés e uma espécie de estante de cana da Índia, dividida em duas partes: uma para os jornais a serem lidos, outra para os diários já vistos. Nessa cadeira se assentava todas as manhãs o jurista, afim de se pôr em contacto com os acontecimentos do dia. O móvel permanece até agora junto a uma das janelas da "Sala do Código Civil", lugar sempre escolhido por Ruy para a leitura dos jornais.

O GUARDA-ROUPA DO DIPLOMATA

Ligada à sala a que nos referimos acima, está outra peça da biblioteca, que era, ao mesmo tempo, o quarto de vestir de Ruy. Ali estão dispostos agora, em armários envidraçados, muitas das peças de vestuário do grande diplomata. A um lado a cartola, a casaca, o "smoking", a sobrecasaca e outros trajes de rigor, usados nas solenidades a que comparecia. É interessante notar que ele nunca vestiu um paletó-saco, com a única exceção do "smoking" de que se serviu já no fim de sua vida. Sempre, até os seus últimos dias, envergava fraques, em geral cinzentos, que se guardam agora em outro armário do antigo quarto de vestir.

Nesta peça se encontram ainda um rebenque que lhe foi oferecido pelo general Píndaro Machado e outros objetos semelhantes.

Há no armário vários fraques, com calças da mesma cor, como era costume na época. E lá está também o chapéu cinzento característico do grande diplomata, com o qual era ele sempre visto na rua.

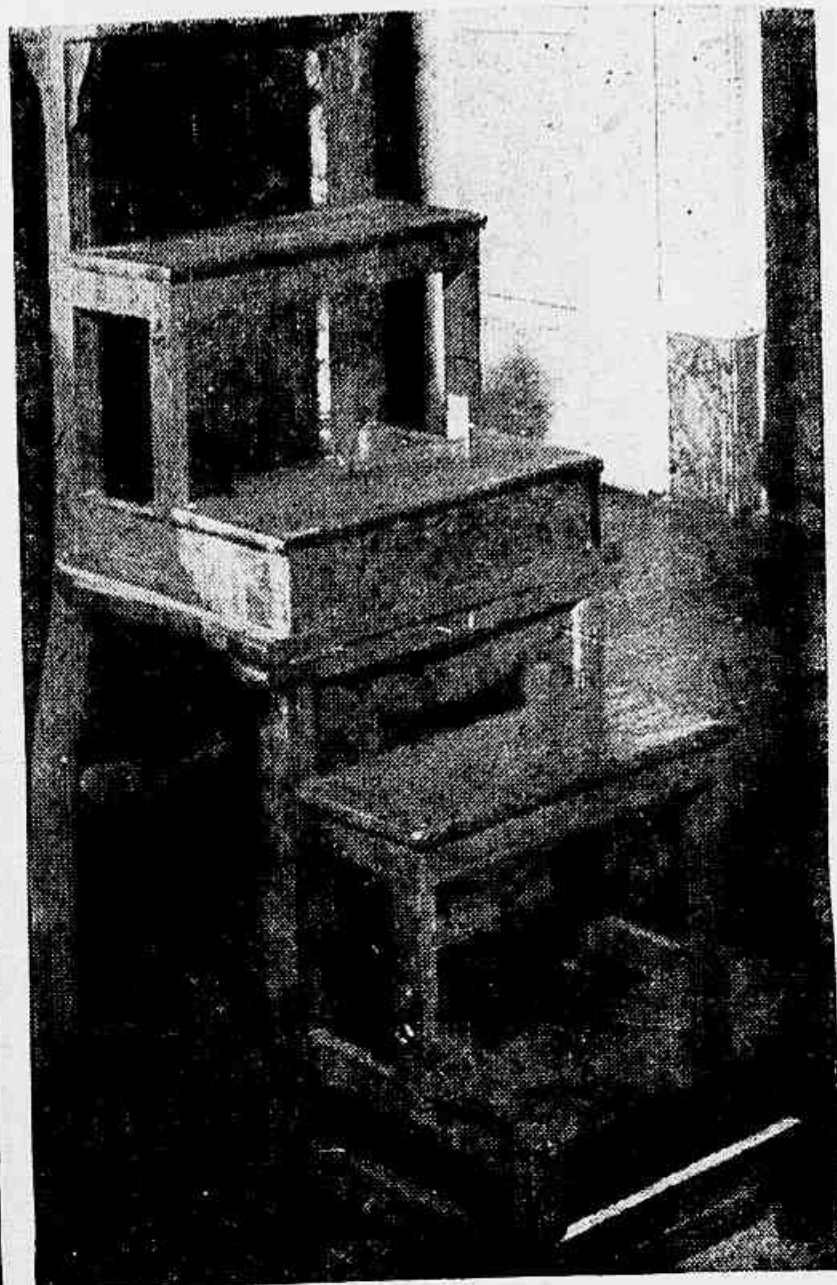
Seguem-se-lhe as camisas de peito duro, gravatas de tricot. E após estas, caixas e mais caixas de gravatas borboletas, selecionadas de acordo com a forma e a cor. É espantoso o número dessas gravatas que possuía Ruy Barbosa. Só brancas o armário guarda mais de duas dúzias!



"SALA D. MARIA AUGUSTA" — Na antiga sala de recepção de Mme. Ruy Barbosa está agora instalada a "Sala D. Maria Augusta" do museu. Lá se encontram os objetos antigos que compunham o seu mobiliário, mas foram ali postos agora estantes e livros esparsos. São estes que aparecem em primeiro plano, colocados sobre mesas e cadeiras, empilhados a esmo. Ao fundo aparece o retrato de d. Maria Augusta, mandado fazer ainda pelo seu esposo e que figurou no lugar que hoje ocupa, no tempo em que a sala ainda pertencia à senhora de Ruy.

GRATIDAO DE UM CONTINENTE — A entrada do museu de Ruy Barbosa vêem-se placas comemorativas ali mandadas colocar pelas mais diversas entidades civico-culturais, por institutos de ensino e por comunidades americanas. Na foto vemos três dessas placas de bronze. Ao centro, a que fica justamente acima da arcada, reproduz esta legenda: "A Ruy Barbosa, la Municipalidad de Buenos Aires — Agosto de 1935". A da direita diz: "A la memoria del jurista eminente Ruy Barbosa, homenaje de los alumnos de 6.º año de la Facultad de Derecho de Córdoba — Julio de 1938". A da esquerda é uma homenagem de uma turma de diplomandos da Escola Nacional de Educação Física.





A "INVENÇÃO" DESASTROSA DE RUY — Para alcançar os livros postos nas prateleiras superiores das estantes, Ruy Barbosa, o homem que tornou uma realidade o ideal do arbítrio, concebeu este maravilhoso e prático invento — uma cadeira conversível em escada. Esta foi a única razão do desastroso tombo que lhe valeu a fratura de um dos ossos da perna. Na foto mostramos a "escada de segurança" fotografada em seus múltiplos aspectos.

UM HOMEM METÓDICO

No cofre de ferro existente na "Sala de Haya" encontram-se documentos curiosos da vida particular de Ruy. Por eles podemos traçar um paralelo contrastante entre a sua vida e a vida de Rio Branco, pondo assim uns diante dos outros os hábitos privados dos dois maiores diplomatas brasileiros. Enquanto o Barão era dispersivo cem por cento, atirando papéis a esmo pelas mesas e armários, Ruy era o que se pode chamar o protótipo do cuidado. Os seus livros antes de serem admitidos à estante passavam por um estágio numa lata hermeticamente fechada, onde permaneciam durante dias, numa espécie de quarentena preventiva contra a contaminação dos outros volumes pela traça bibliófaga. Isto se os livros eram novos. Se fôssem adquiridos em segunda mão, eram antes submetidos a uma "terapêutica" severa, lavados cuidadosamente com uma solução esterilizante, o que não os isentava porém da quarentena. Esta é uma das razões do ótimo estado de conservação de toda a biblioteca do jurista.

Entre as obras de grande valor histórico que ali se encontram figura um enorme volume da "Divina Comédia" de Dante, comentado por um escritor florentino, impresso pelo artífice Nicholo di Lorenzo, em 1481, menos de meio século após a invenção da imprensa. Esse volume, outrora encapado em

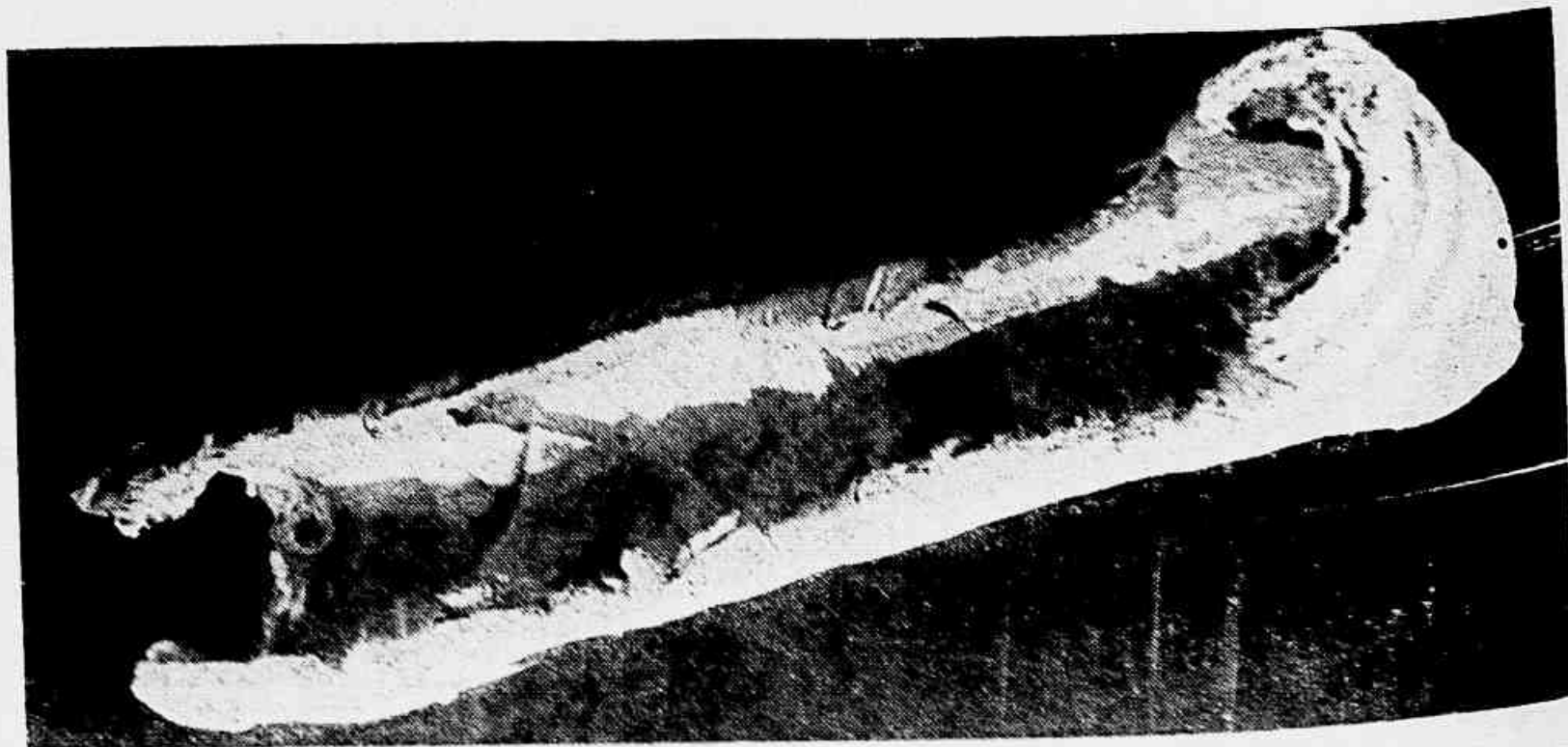
pergaminho, tem hoje uma encardenação de couro e está otimamente conservado, como todas as outras obras da biblioteca de Ruy, que se estendem pelas vastas estantes. O número dos móveis porém não seria suficiente para conter tantos volumes se não fôssem eles, por idéia de seu dono, postos em duas filas nas prateleiras.

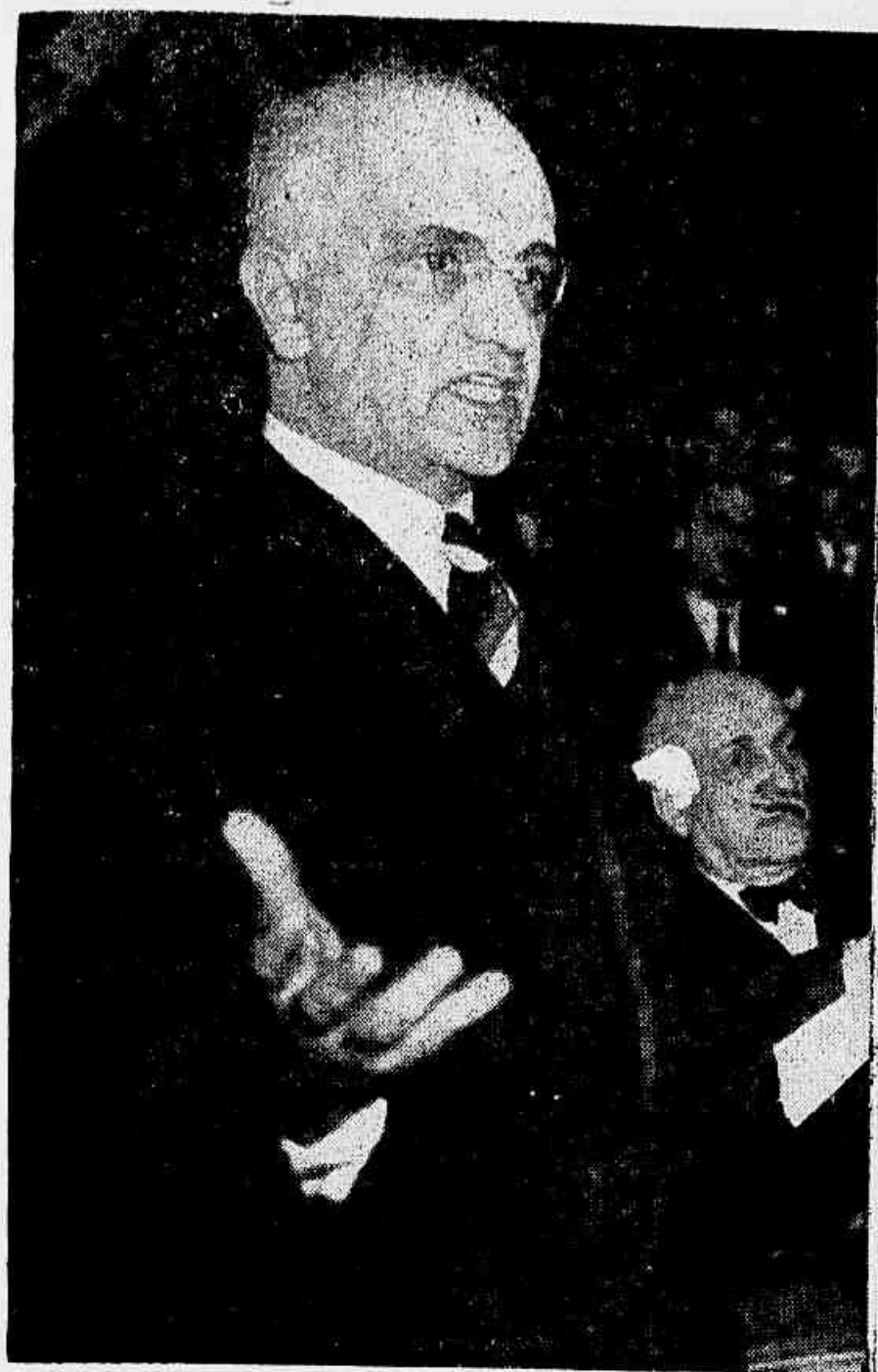
Outra curiosidade que nos mostra como era metódico Ruy Barbosa, são as suas contas particulares. Homem apegado à família, amante do lar, pai exemplar e esposo amantíssimo, o jurista talvez tenha tido em seus entes queridos o maior estímulo para o seu trabalho colossal. E ele não deixava, embora assim nos possa parecer em vista de sua vida pública, de zelar carinhosamente pelo bem estar dos seus, sendo mesmo meticuloso nas contas domésticas e nos gastos que consigo fazia, dos quais tomava notas pormenorizadas. Se não, vejamos um dos documentos comprobatórios de suas despesas:

Barba	300 réis
Gazetas	100 "
Restaurante	1.000 "
Bonde	1.000 "
Conta do Laemmert	27.000 "
Tilburi	1.000 "
Lafaiete "Direito das Coisas"	16.000 "

(Continua na pág. 52)

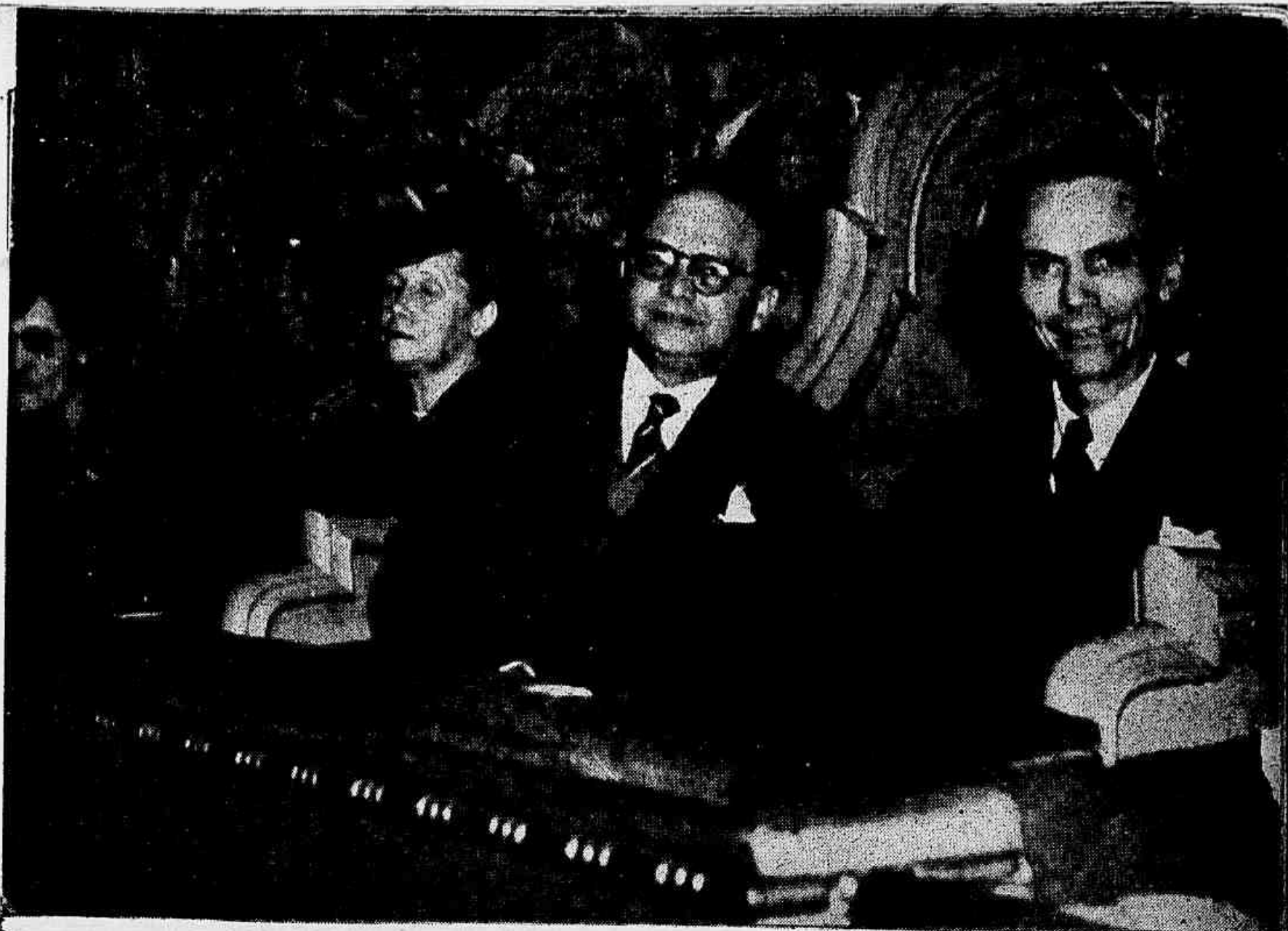
CONSEQUÊNCIAS DA "INVENÇÃO" — Ao lado aparece o fraque, a calça cinzenta e o chapéu característico de Ruy, que fazem hoje parte do museu. E em baixo uma foto do aparelho colocado na perna fraturada do jurista. Nessa goteira o grande diplomata esteve preso durante muito tempo, pagando assim o preço de sua "invenção". Hoje ainda se guarda também na "Sala do Casamento Civil" esse objeto, que é, além da "cadeira-escada", a única reminiscência da estréia de Ruy Barbosa como inventor de aparelhos práticos.





A CONVENÇÃO DO P. S. D. NO MUNICIPAL

No dia 17 de julho último realizou-se, no Teatro Municipal, a convenção popular do Partido Social Democrático, agremiação política que apoia a candidatura do general Eurico Gaspar Dutra à Presidência da República. Nesta página focalizamos vários aspectos daquele conclave, ao qual compareceram figuras representativas dos nossos círculos políticos e numerosa massa popular. Nas fotos aqui reproduzidas vemos: ao alto, à esquerda, o sr. Barbosa Lima Sobrinho pronunciando sua oração; ao alto, à direita, os srs. Agamenon de Magalhães e Apolonio Sales; no centro, o general Góls Monteiro fotografado ao lado do sr. Benedito Valadares quando este último discursava; em baixo, uma foto onde aparecem os srs. Fernando Costa, Gustavo Capanema e João Neves da Fontoura, e, finalmente, à esquerda, o sr. Vinicius da Veiga falando à convenção.



O COMANDANTE DA R. A. F. NO RIO



Ninguém melhor que o marechal-chefe do ar sir Arthur Harris estaria indicado para representar a Grã-Bretanha nas justas homenagens que o governo e o povo do Brasil estão prestando à gloriosa F. E. B. Como uma das mais destacadas figuras da R. A. F., Harris é bem um símbolo do esforço de guerra da Grã-Bretanha. Na fase crítica de 1940, quando a Grã-Bretanha sustentava, praticamente só, o peso máximo do poderio militar totalitário, foi o Comando de Caça da R. A. F., pelo seu abnegado espírito de sacrifício, que possibilitou a resistência e, salvando a Grã-Bretanha, salvou também todo o mundo civilizado dos horrores da escravidão fascista. Mas, evidentemente, o que essa resistência visava, essencialmente, era permitir que a Grã-Bretanha e seus aliados tivessem tempo de organizar as suas forças ofensivas, afim de desfechar, em tempo oportuno, o golpe de morte no poderio nazista. Graças ao heroísmo dos jovens pilotos da R. A. F. foi possível às forças anglo-americanas desembarcar nas costas da Normândia e foi possível à F. E. B. lutar na Itália, contribuindo para apressar a derrota dos agressores eixistas.

O Comando de Caça salvou a Grã-Bretanha em 1940. Mas foi o Comando de Bombardeio que abriu caminho para as forças de terra, com sua ofensiva aérea gigantesca, cuidadosamente planejada e magnificamente executada. O trabalho de solapamento do poderio alemão foi lento mas seguro. E sem êle milhares de vidas teriam de ser sacrificadas a mais e, mesmo assim, teria sido muito duvidoso o êxito das operações anfíbias de grande envergadura que, obrigando os alemães a lutar em duas frentes, acarretaram a vitória das Nações Unidas. Os esforços do Comando de Bombardeio da R. A. F., pos-

A BATALHA QUE ARTHUR T. HARRIS VENCEU — Nesta página aparecem: ao alto, sir Arthur T. Harris, comandante da frota de bombardeio da R. A. F., que ora nos visita; no centro, à esquerda, a silhueta de um "Lancaster", feroz inimigo de Hitler, recortada ao clarão dos "very-light", numa fotografia colhida sobre Hamburgo, numa noite de destruição; à direita, o bombardeador de outro bombardeiro "Lancaster" no momento em que ia despejar sobre o Império Nazista uma terrível "Tallboy", contendo 12.000 libras de alto poder explosivo. Em baixo, silhueta de bombardeiros no momento da saída para uma incursão feita ao romper d'alva. Por último, o chefe do Comando de Bombardeio da R. A. F. ouve os tripulantes de um "Lancaster", após um raid bem sucedido.



MORTE
infanta
de Bom
Arthur
"Tallbo

teriorme
de ser
que era
de prod
de tran
de 1944
ações
mânicas
invasão,
forças te
centenas
passaram
menos ê

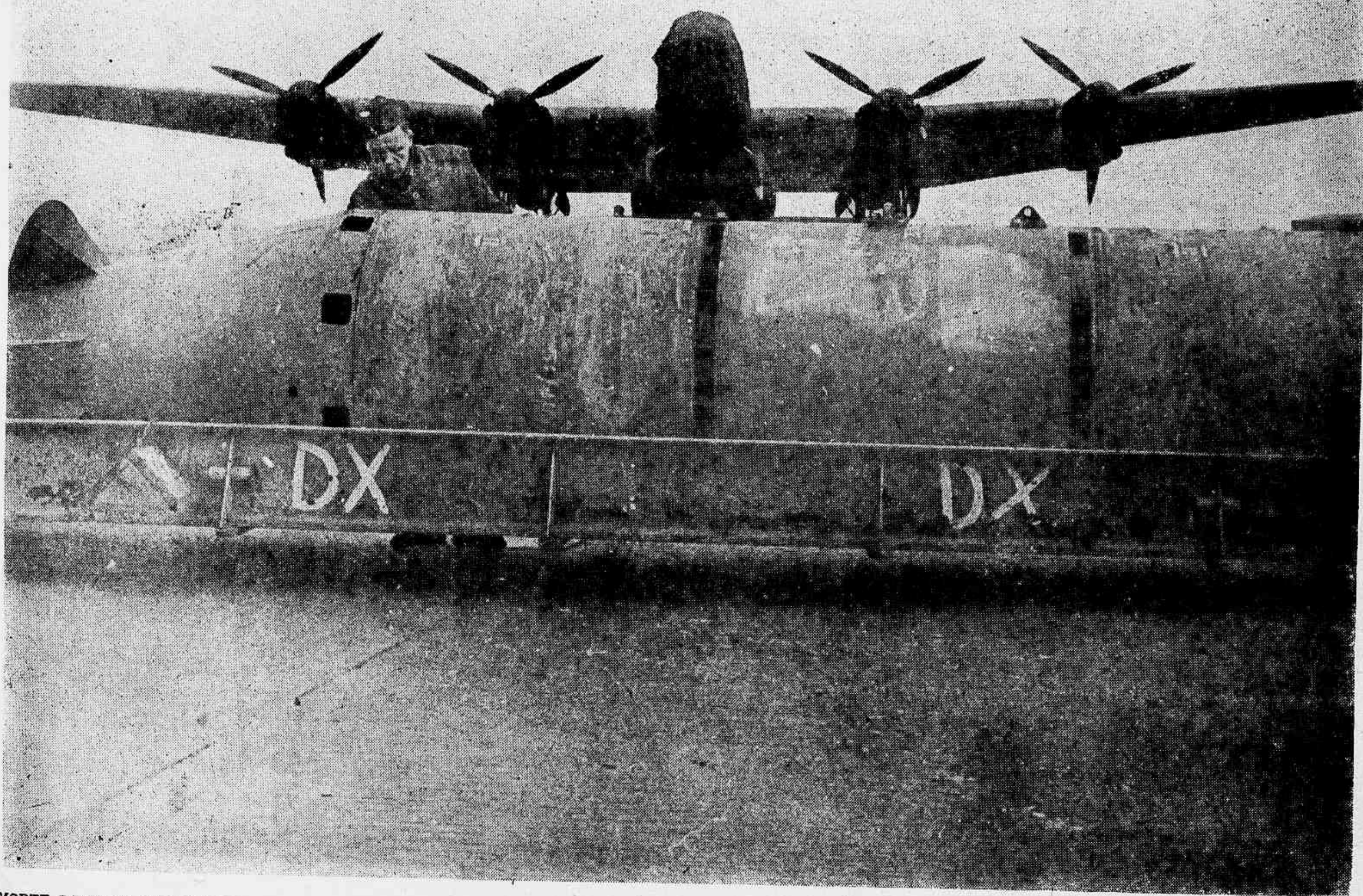
A p
está inti
especial
das pou
As
matemát
elevada
estado d
Individuo
grandes
reveland
e mais c

A direta
ofensiva
bomba de

para
Brasil
A. F.,
1940,
militar
crítico,
mundo
stência
tempo
golpe
possível
F. E. B.

de Bom-
antesca,
mento do
r sacrifi-
anfíbias
arretaram
F., pos-

ao alto,
os visita;
recortada
noite de
momento
do 12.000
da saída
de Bom-
sucedido.



MORTE PARA OS CARRASCOS DE BERLIM — O sucesso das tropas motorizadas e da infantaria no avanço contra a Alemanha, deve-se em grande parte à ação do Comando de Bombardeio da R. A. F., levado a efeito de acordo com os planos estratégicos de sir Arthur T. Harris. Aí está uma das armas de sua maior confiança — a terrível bomba "Tallboy", de 5.000 quilos, fotografada à frente do avião "Lancaster" que a transportou ao ponto em que devia ser lançada.

teriormente com a valiosa cooperação da Oita Força Aérea dos Estados Unidos, tiveram de ser ingentes e tenazes, pois não se podia dar tempo ao inimigo de reparar os danos que eram causados ao seu parque industrial. Depois de seriamente afetada a capacidade de produção do inimigo, o principal esforço da aviação aliada se voltou para o sistema de transportes de que dispunham os alemães na Europa continental. A partir de abril de 1944 a aviação anglo-americana desencadeou tremenda ofensiva contra as comunicações alemãs na França, desorganizando completamente a distribuição de reservas germânicas e assegurando o êxito inicial dos desembarques na Normândia. Efetuada a invasão, o Comando de Bombardeio passou a apoiar, cada vez mais diretamente, as forças terrestres, e seus gigantesco quadri-motores, que tinham feito tantas travessias de centenas de milhas para os ataques estratégicos contra a Alemanha e os países ocupados, passaram a exercer tarefas essencialmente táticas, mas nem por isso executadas com menos êxito que as tarefas anteriores.

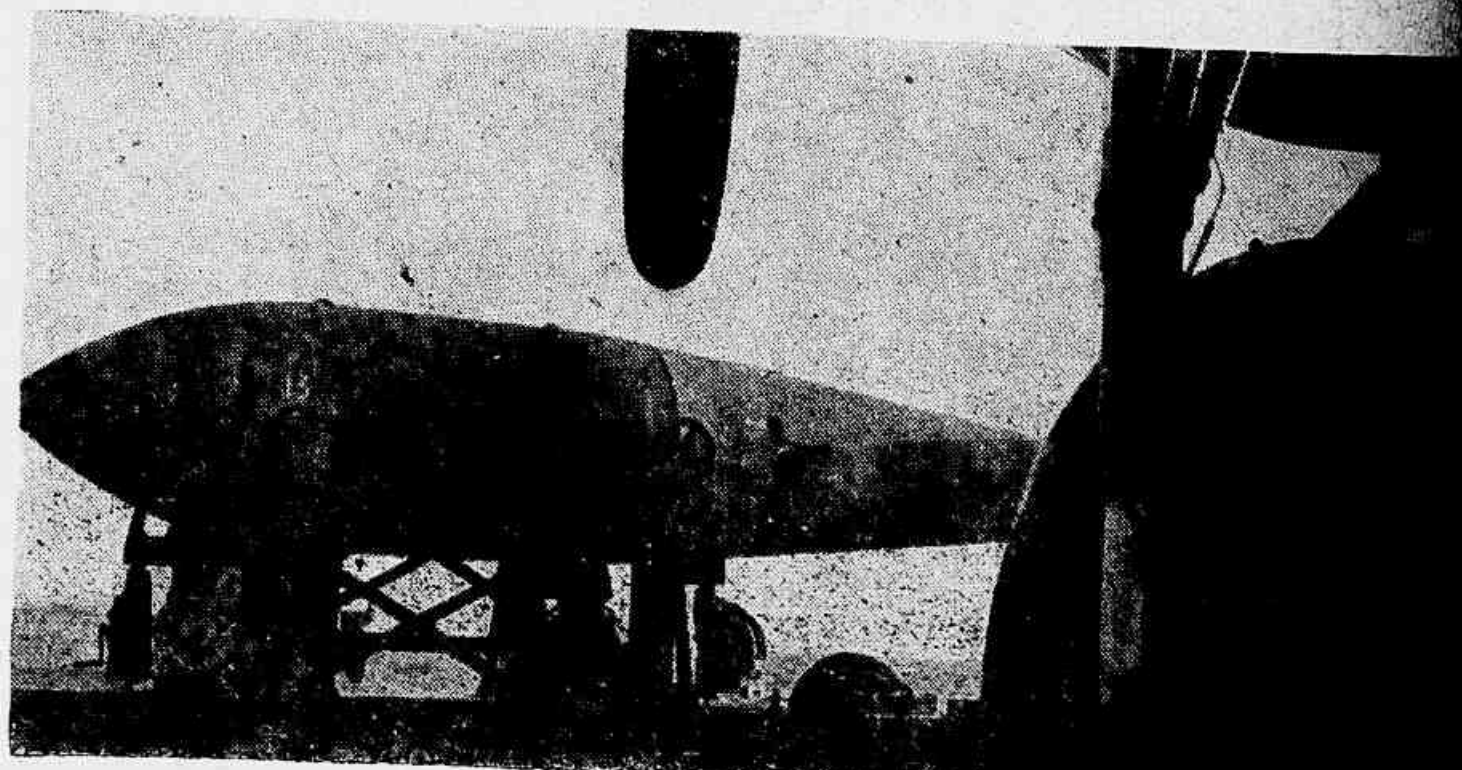
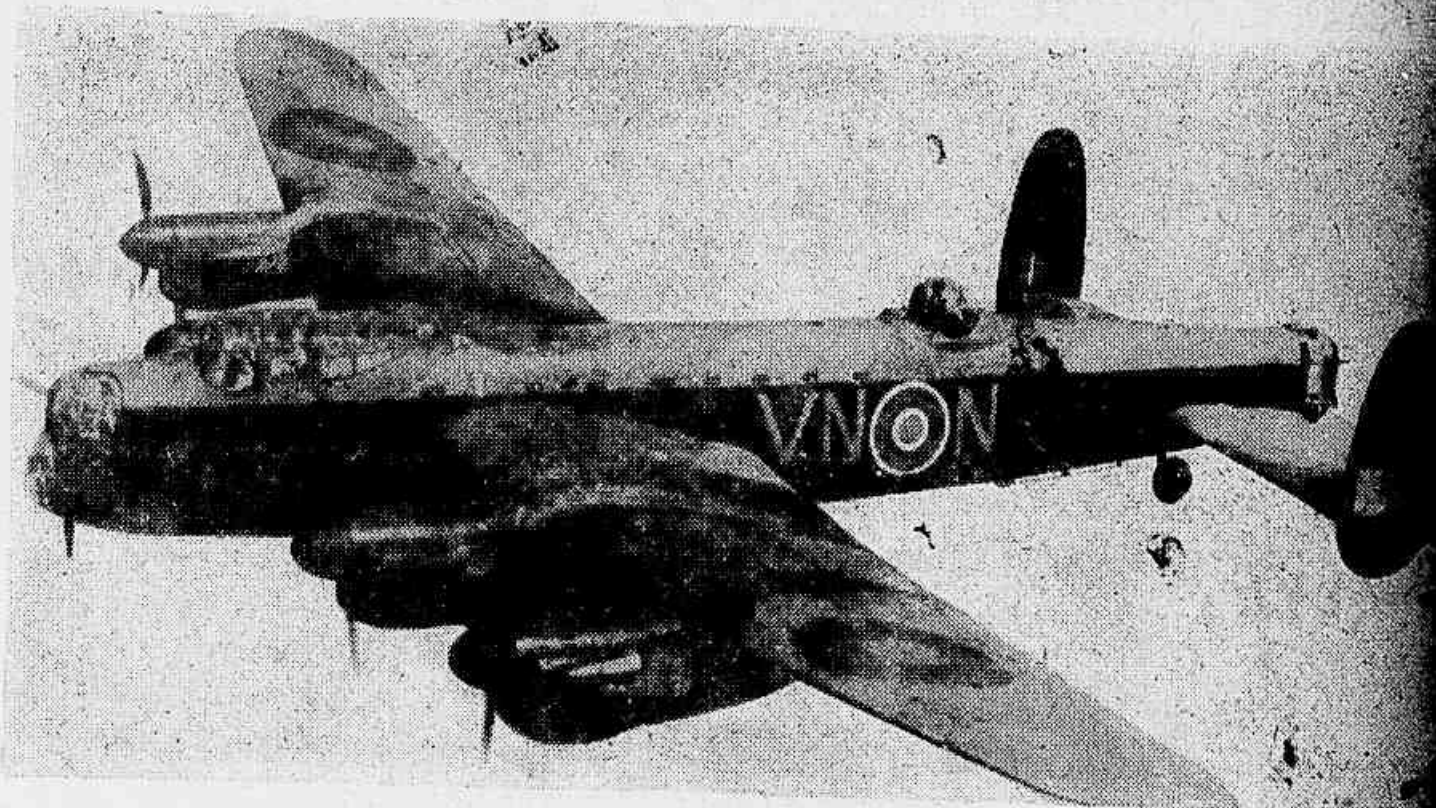
O MARECHAL ARTHUR T. HARRIS E SUA OBRA

A personalidade do marechal-chefe do Ar sir Arthur Harris, que agora nos visita, está intimamente ligada ao desenvolvimento da ação ofensiva da força aérea britânica, especialmente à do Comando de Bombardeio, que aperfeiçoou esta forma de ataque, uma das poucas verdadeiras novidades da tática aérea.

As operações do Comando de Bombardeio estão caracterizadas por uma qualidade matemática. Seus ataques — antes na Europa e agora na Ásia — revestem a mais elevada precisão. A ofensiva de bombardeio é uma máquina bélica em seu mais elevado estado de perfeição. É a forma de guerra que menos confia na inspiração e nos feitos individuais. As informações divulgadas pelo Ministério do Ar eram sempre semelhantes: grandes incêndios, enormes explosões. Mas os fotógrafos traziam informações gráficas revelando danos consideravelmente maiores. E os ataques tornavam-se cada vez maiores e mais concentrados.

(Continua na pág. 50)

A direita: ao alto, um quadrimotor "Avro-Lancaster", um dos eficientes cooperadores da ofensiva aérea lançada contra a Alemanha de Hitler, visto em pleno vôo. Em baixo, uma bomba de alta tonelagem a ser enviada às indústrias nazistas; em primeiro plano aparece o trem de aterrissagem de um "Lancaster".



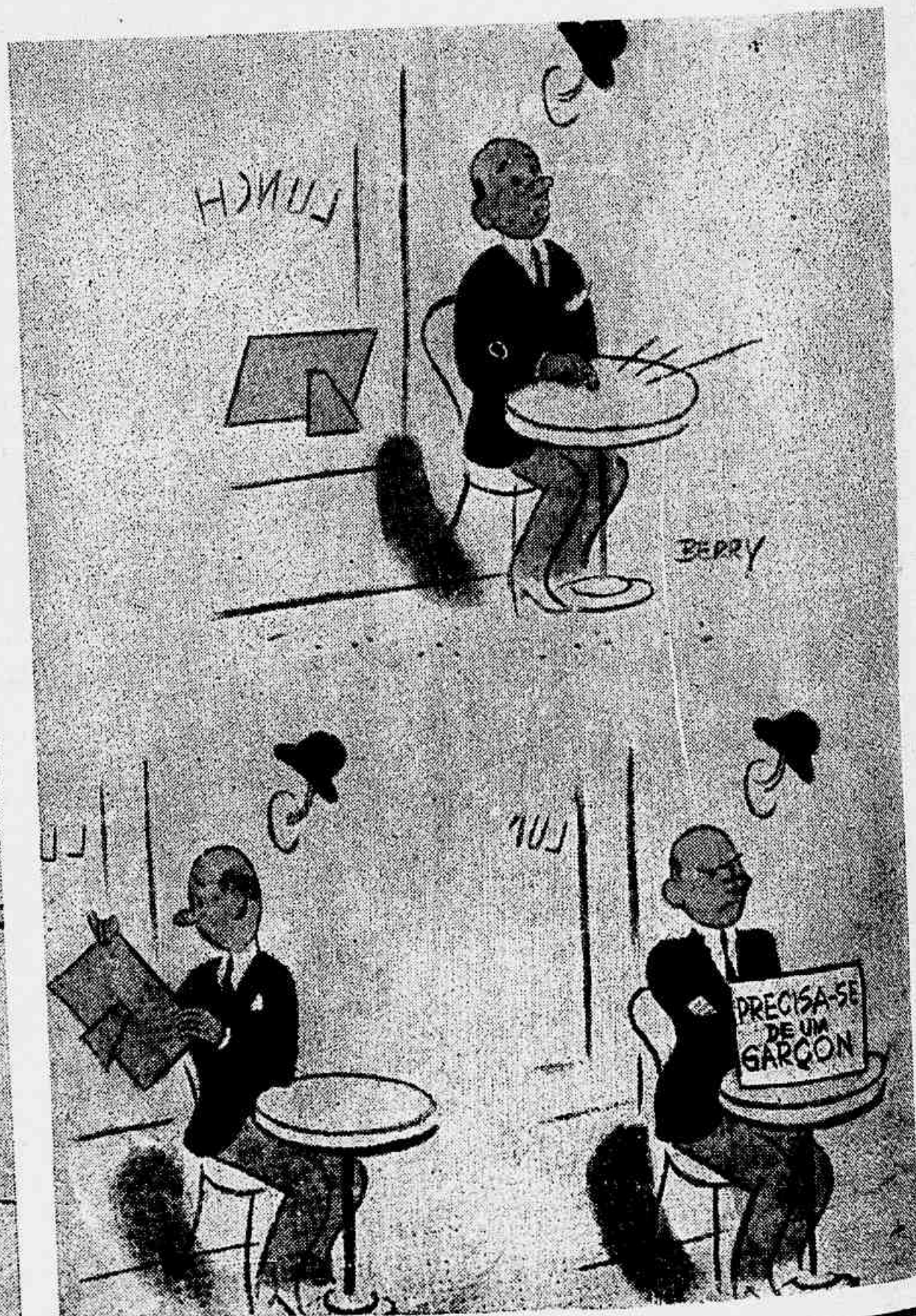
DE BOM HUMOR



— Minha esposa e eu discutimos longamente, terminando por decidir mandá-la embora.



História de um sargento que aconselhava os recrutas a tratar dos dentes



Uma humorista russa que mora em Paris faz algumas reflexões sobre os restaurantes...

RESTAURANTE

Conto de
NADINE TEFFY

A senhora que entra na sala de um restaurante mantém um aspecto digno, orgulhoso, ligeiramente condescendente.

Paramentada com seu melhor vestido, ela se esforça para dar a impressão de que é sua "toilette" de todos os dias. Mal ajeitada, ela faz crêr que só se veste bem em sua casa, mas não se digna a exibir sua elegância no restaurante (afim de que o restaurante não encontre nisso motivo de orgulho).

O cavalheiro que entra na sala de um restaurante elegante finge que é "habitué". Mas se trata de um pequeno restaurante sem importância ele faz um muchôcho de desdém.

Os esposos entram segundo a ordem ritual: o marido precede a mulher de dois passos. Se é um cavalheiro bem educado, ou casado tarde, quando seus hábitos de solteiro tenham tido tempo para se enraizar, ele percorre metade da sala dessa maneira, pára e deixa pasasr a cara metade.

A dama, mal se instala, põe-se a inspecionar tôdas as mulheres presentes.

Se só há mais uma mulher, as duas se olham e cada uma, virando-se para o companheiro, observa:

— Aqui todo o mundo está vestido de claro (ou escuro). Se eu soubesse tinha pôsto meu vestido claro (ou escuro).

E ei-las a se desprezarem mutuamente.

O bom homem, vindo simplesmente para almoçar, lerá longamente o cardápio e interrogará o garçon:

— A sopa? Está bem fresca? Não é de ontem?

E o garçon, contendo-se respeitosamente para não dizer que é da ante-véspera, replica em tom convencido:

— Tudo o que há de mais fresco, cavalheiro.

— E o peixe? Não vão me envenenar com o peixe?

O peixe, mesmo sendo o mais venenoso do reino aquático, e o garçon, o mais honesto dos garçons, a resposta, invariavelmente, com um ligeiro sorriso:

— Oh! senhor! Todos comeram dêle e ninguém ainda declarou que estivesse morto.

— E a carne de caça? Não está demasiadamente "faisandé"?

Que aconteceria se o garçon respondesse:

— Ah, sim! Ela está quase andando sozinha.

Não ousa imaginar o que se seguiria.

E quando o cliente meticoloso, abordando a lista de vinhos, perguntar:

— E' bom vinho êsse Tokay 1919?

Nunca, nunca o garçon dirá que êsse pequeno Tokay é sucedâneo do vitríolo.

O garçon é paciente. A não ser que seja um incurável otimista.

Escolhendo o vinho, o freguês trata de convencer o garçon que uma meia garrafa de tinto a quarenta kopeks é bem preferível a uma garrafa a seis rublos. O garçon não é tolo e aconselha a garrafa de oito rublos, já que a de seis não satisfaz seu gosto tão refinado.

O freguês autoritário declara que o vinho a oito rublos a garrafa decididamente não vale nada.

— Sei o que digo a respeito de vinhos. Já os bebi de tôdas as côres. Não é você que me há de ensinar alguma coisa a respeito, meu rapaz. Traga-me a minha meia garrafa de tinto a quarenta kopeks.

Mas o outro ainda não entendeu, e com a ponta do dedo suja procura qualquer coisa no cardápio. E' que ele não quer compreen-

der. Durante o jantar os esposos permanecem em silêncio. É, em geral, somente após a sopa que se acende sua curiosidade.

— Como é que êles fazem no restaurante para dar um jantar por preço tão baixo?

— Imagine — diz o marido. — Um bom frango, hoje em dia, custa ao menos um rublo e vinte. Aqui, por um rublo o jantar, dão-nos meio frango. Isto significa cinquenta kopeks, no mínimo, desprezando os miudos. Digamos vinte kopeks para a sopa, e depois o salmão, e depois a torta, e depois os sorvetes. Em casa teria custado cinco rublos.

— E' extraordinário! Como é que êles conseguem isso?

— Aposto que isso não há de durar muito. Dentro em breve falirão. Deixemos ao menos uma boa gorgeta para o garçon.

Convencidos de que jantaram por caridade, agradecem ao garçon e o olham confusos.

Saem, de cabeça baixa, tendo pena do destino do patrão, cujos dias de glória estão contados.

— Hein? Veja só. Salmão fresco! Só se encontra a sessenta kopeks a libra. E êle que nos deu pelo menos uma meia libra. E os sorvetes? E o frango? E' seguro que êle saiu perdendo. Na verdade, a gente fica embaraçado... E' bom dar uma boa gorgeta ao porteiro.

O momento mais curioso para observar os que vêm cear ou jantar acompanhados de

damas é aquêle que segue as palavras: "Garçon, a conta".

Os homens o esperam desde a entrada. Seus rostos têm uma expressão concentrada, seus olhares se tornam fixos. Vê-se que êles refletem e se preparam.

Enfim chega o momento.

O garçon apresenta, sôbre uma bandeja, a nota dobrada de forma que o olhar das damas não possa lê-la.

E é uma luta de generosidade. Os homens disputam a conta.

A luta se anima, a conta escorrega para debaixo da mesa, os cavalheiros abaixam-se para apanhá-la, batem as cabeças.

E continua:

— Mas eu suplico!...

— Sou eu quem...

Entretanto as damas, em vez de se enternecerem diante dessa cena tão bela no nosso século de cupidez, fingem nada ver e observam o teto.

Enfim, um cede.

Em um abrir e fechar de olhos a expressão de devotamento exaltado se apaga do rosto de seu contendor. Êle mete uma nota sob a conta e as senhoras, de repente, advinham que chegou a hora de partir. A sessão está terminada. Todos parecem estar dizendo que não houve nada. Não é fácil tudo isso? Mas é indispensável...



Hidrex

O CHUVEIRO ELETRICO QUE NÃO FALHA!

ELEGANTE, PRÁTICO E ECONÔMICO

★

FUNCIONAMENTO GARANTIDO POR CINCO ANOS

★

O CHUVEIRO "HIDREX" É O COMPLEMENTO DO BANHEIRO MODERNO

★

PAN-LUX



VENDAS COM GRANDES FACILIDADES PELA "SERVE" Ltda.

LARGO DA CARIOCA, 5 - S. 503 - FONE 42-8391

A "SERVE" PODERÁ FORNECER TODOS OS APARELHOS ELETRICOS INDISPENSÁVEIS NUMA RESIDÊNCIA MODERNA

PETROLINA MINANCORA

O TONICO CAPILAR POR EXCELENCIA

O verdadeiro Elixir da longa vida... dos Cabellos

REVIGORA
PERFUMA
HIGIENISA



INFALIVEL NA CÁSPA, QUEDA DOS CABELOS e demais Afecções do Couro Cabeludo

Livros

ROSA, O RIO DO QUARTO, UMA PAIXÃO ROMANTICA e O VENENO DAS FLORES, romances de Joaquim Manoel de Macedo. — Livraria Martins, editora. — São Paulo, 1945.



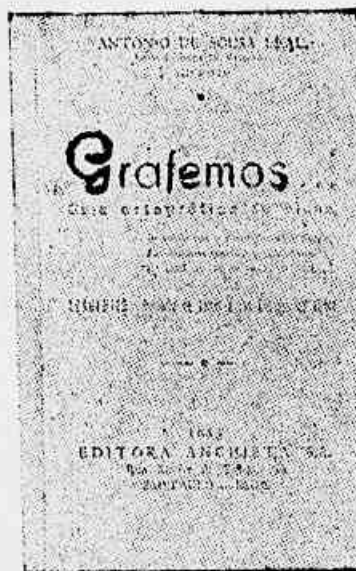
Quatro romances ou, antes, dois romances e duas novelas do adorável narrador que é Joaquim Manoel de Macedo comporta o presente volume.

A leitura destas obras é deveras preciosa. Elas nos falam duma época não muito distante mas que, em confronto com certos livros, indivíduos, costumes e aspectos de hoje, chega a parecer afastada de muitos séculos. As suas figuras, os seus lances, o seu ambiente nos levam a uma doce meditação. Sentimos uma espécie de saudade, são coisas que não chegamos a tempo de conhecer, mas que, se tal milagre dependesse da nossa simples e pobre vontade humana, quereríamos presenciar. Assim as novelas de Macedo, como as suas peças de teatro, nos inspiram uma simpatia toda particular: o desejo de nos transportarmos, com as idéias e os sentimentos que o tempo nos comunicou, para dentro daqueles enredos, para o meio daquelas criaturas, tais como de longe as vemos amar, lutar, ora exultar ora padecer, viver em suma. E seria de imenso interesse — se não de rude desengano — saber como, em tal cenário e no meio de tais personagens, desempenhariamos o nosso

papel...

Se, nas comédias que lhe conhecemos, Macedo é sempre risonho e otimista, nem sempre no romance ele nos impõe aquela maneira de considerar a vida — ou de a afeiçoar. Em cena, resolve os casos que se poderiam tornar desastrosos ou dolorosos, de modo a torná-los inofensivos e até para toda a gente, para a platéia, inclusivamente, está visto, amáveis e joviais. Faz aquilo a que hoje se chama "dar um jeito". E essa tendência autoral de benignidade e acomodação bem podia ter inspirado dito semelhante ao que, algumas dezenas de anos depois, havia de fazer moda em Paris: *Tout s'arrange comme dans les pièces de Monsieur Capus*. Organizando, porém, o entrecho dos seus romances, de vez em quando o autor da *Torre em concurso* e do *Fantasma branco* abandona o preceito que, diríamos, a si mesmo se impoz, de só imaginar episódios e compor diálogos para inocente regalo do seu público. Reconhece então que, na existência terrena, dentro das fronteiras do Brasil e até no perímetro carioca — fluminense pela designação da época — se verificam desastres e infortúnios dignos de inspirar a obra literária. A sua imaginação aceita e com toda a "sinceridade" trata os crimes e as catástrofes as paixões mal fadadas, as grandes dores sem remédio nem possível consolação. No presente volume, por exemplo, o *Rio do Quarto* historia um crime "tremendo" e o *Veneno das Flores* envolve deshonra e acaba em suicídio. Não, nem tudo se arranja nos romances de Joaquim Manoel de Macedo! Mas essas exceções patéticas não logram prejudicar nem, a bem dizer, atingem a encantadora idéia que fazemos da sua individualidade.

GRAFEMOS... lições de Antônio de Sousa Leal — Editora Anchieta S. A. — São Paulo, 1945.



E' uma obra deveras louvável. Todos os bons empreendimentos neste sentido merecem franco elogio. Além das outras razões, parecem tornar-se, cada vez mais raros. Nota-se, da parte de quem poderia ensinar a bem falar e bem escrever, uma espécie de indiferença ou descoroçoamento. Dir-se-ia que, no entender dos competentes, não vale a pena o esforço de esclarecer ou corrigir. Como diz o povo, não adianta. Assim se observa como os mestres, em geral ou em considerável maioria, se resignam a ver os discípulos errando cada vez mais. Porque a verdade é esta: lá, no terreno das boas letras, um "desandamento", um recuo para um tempo imaginário, mas para tanta gente altíssimo, em que ninguém conhecesse preceito de natureza alguma. Tem-se desaprendido, porque muitos dos que, pela situação de evidência eficazmente poderiam dar exemplo da correção, do esmero, ignoram ou desprezam as regras mais comensais. Cavalheiros que, há quarenta ou cinquenta anos, seriam reprovados em exame primário, escrevem hoje livros que os editores disputam e certos poderes bafejam. Sintoma horrendo: ao mesmo tempo que os capazes de se opor ao abandono das normas rudimentares desanimam ou se conformam, não faltam os conquistadores de alguma notoriedade apregoando, como oportuno deveras, além de grandemente necessário, aquele desleixo ignóbil. E já em academias — não, louvado Deus, em caráter colectivo nem em condições mais ou menos vitoriosas, por enquanto! — se tem feito, a pretexto de patriotismo, a propaganda da necessidade: Que toda a gente, em vez de escrever português bem, escreva mal mas brasileiro. Esta orientação, esta convicção é realmente assombrosa.

O presente livro segue o acordo ortográfico entre as academias Brasileira de Letras e das Ciências de Lisboa. Justamente agora se está resolvendo, a título definitivo, essa questão. Sofrerá ainda a convenção de há um ano alguma variante? Estes filólogos, estes gramáticos causam-nos cada surpresa... Mas as bases em que o Sr. Antônio de Souza Leal assentou o seu trabalho de certo prevalecerão. E nele continuará a boa doutrina, porque, como diz uma nota liminar do volume: "Escrever correctamente é dever do cidadão que, cultuando o idioma, honra o país em que nasceu."

PORTULANO, estudos críticos por Afonso Arinos de Melo Franco. — Livraria Martins, editora — São Paulo, 1945.



E' bem curiosa a predileção deste escritor pelos títulos que indicam o oceano ou com ele se relacionam. *Mar de Sargãos*, *Portulano*... Haverá relação directa ou aproximada entre o frontispício e o conteúdo destes volumes? Existirá analogia bastante sugestiva para ligar a feição ou o propósito dos ensaios literários do Sr. A. A. de Melo Franco com uma bem antiga e bem conhecida designação marítima ou as condições de profundidade, marés, ou navegabilidade de qualquer porto? De certo o brilhante e culto homem de letras assim o compreende. E qualquer de nós, ainda o menos dotado de imaginação, poderá defender como apropriada a aplicação, ao caso presente, de tais imagens ou tais símbolos. O que, porém, parece mais razoável e, como se diz modernamente mais livre, é que o título revele a natureza da obra — a toda a gente. Deste modo, pelo menos, não haveria equívocos; ninguém, por exemplo, adquiriria os livros em questão por supor que um deles se ocupasse de certa zona do Atlântico e o outro constituisse rigorosamente um tratado portuário.

Arredado esse inconveniente de mostrador, que, está visto, não atesta do valor intrínseco da produção do Sr. Melo Franco, grato nos é declarar que o presente livro nos

Novos

inspirou a mais franca simpatia. Temos aqui um crítico de boa feição moderna, sem tendências forçadas, sem os rigores de princípio e de sistema que, se apuram o critério para o julgamento de certa ordem de criações, para outras o desorientam, levando-o a uma espécie de incompreensão ou uma forma de cegueira. O espírito que se exerce nestas paginas deixa a impressão duma liberdade, uma independência fôra e muito acima do vulgar. O Sr. Melo Franco estuda, depreende e conclue por si mesmo. As citações que lhe acodem, atestando cultura vasta e apurada, não lhe ditam a teoria a sustentar menos ainda o processo a adotar no julgamento da individualidade literária. Quando muito, lhe corroboram a opinião concebida; e na maior parte dos casos, em vez de a dominar, a servem, tornando-a não mais rica, porém de mais belo efeito. E' com essa isenção de ânimo, essa inteligência sincera de exame e de comentario que o autor de *Portulano* — diabo de título, com efeito! — anda pela História, a Filosofia, a Poesia; pela Política e a Diplomacia; pelas Belas Artes e o Folklore; e sempre pelos livros que se lhe afiguram realmente dignos de atenção. Fala-nos da vida e da obra de Silva Alvarenga; do Nazismo e seu irmão de leite, o Fascismo; dos romances de Sr. José Lins do Rego; de Mário de Andrade, "Malazarte poeta"; dos *Poemas ingleses da guerra*, do Sr. Abgar Renault; de *O que o povo canta em Portugal*, do Sr. Jaime Cortez; doutros homens e outras coisas de pensamento e de arte. E ainda quando não vejamos ou não sintamos em conformidade com ele, temos interesse, experimentamos real satisfação em o acompanhar nas suas jornadas através da seára alheia.



SHANGHAI, estudo histórico e político de J. O. de Meira Penna, prefácio de Pedro Leão Velloso — Americ — Edit. — Rio de Janeiro, 1945.



Havia em Coimbra um professor de História com a tendência incontível de atormentar os estudantes em exame. Via-se que o homem não fazia aquilo por mal, tanto assim que raramente se pronunciava pela reprovação. Era um vício, uma espécie de sádismo. E, para exercer tal mania, lava êle à arguição o desenvolvimento mais amplo e complexo, conforme os expedientes de interrogação e de polémica que no momento lhe pudessem acudir. Uma vez ou outra, o rapaz, na sua aflição, ousava protestar:

— Peço perdão, vossa excelência saíu por completo do "ponto" do exame.

— Mas o lente, impassível, replicava:

— E' que, para o senhor, o "ponto" é apenas ponto. Com ponto final. Para mim, não; é apenas ponto... de partida.

Se as circunstâncias da vida o houvessem levado à banca pavorosa, como examinador, de certo o Sr. J. O. de Meira Penna, afável e generoso a julgar pelos antecedentes de família, não gosaria em torturar os candidatos sob a sua jurisdição. Seguiu, porém, o processo daquele mestre, com a diferença "apenas" de se colocar do outro lado da mesa. E assim, onde a gente, apesar do sub-título do livro, espera encontrar a cidade de Shanghai, nas suas fazes de desenvolvimento, enriquecimento e "cosmopolitização", o que, em verdade, existe é um largo, atento, documentado de todos os pontos de vista e sempre bem comentado trabalho sobre a China inteira.

Aí se reúnem e organizam, por entre citações de historiôgrafos e sociólogos eminentes e as conclusões resultantes da observação e do julgamento do próprio autor, verdades que mais ou menos conhecíamos ou imaginávamos e revelações deveras surpreendentes, isto é: relativas a acontecimentos, personagens, tradições, costumes de que, em geral, não fazíamos a menor idéia. Como, no prefácio do livro, observa o Sr. Pedro Leão Velloso, as obras sobre a China, tão numerosas em francês, inglês ou alemão, vêm a ser, em português, pouquíssimas. E assim se pode dizer que o Sr. J. O. de Meira Penna "inaugura na literatura brasileira um ramo novo". Sabe Deus o que isso lhe custou! A que pesquisas e inquéritos teve de proceder; os esforçados, pacientes meios de que foi obrigado a servir-se para chegar a um resultado bem exato e fôra de dúvida; as fontes contraditórias de informação e de orientação, entre as quais precisou de escolher a mais autorizada ou menos suspeita... E, se a qualidade de diplomata lhe facilitava o acesso, para a sua tarefa indispensável, a certos lugares e certos segredos, por outro lado lhe impunha — e continuou a impôr durante a confecção do livro — o princípio de discrição que não embarça, antes incita a desrespeitarem-no, os publicistas em geral. Tudo isso o secretário de Embaixada e o escritor venceram engenhosa e valorosamente. Ambos, portanto, em boa justiça, estão de parabéns.

J. L.



PREFEITURA DO DISTRITO FEDERAL — Julho de 1945 — Recebemos um exemplar do volume editado pela Secretaria da Prefeitura, por intermédio do Departamento de Geografia e Estatística, em comemoração ao 8.º aniversário da administração do Sr. Dr. Henrique Dodsworth como Prefeito da Capital Federal.

Trata-se de uma publicação que conta mais de duzentas paginas contendo, além do texto relativo aos diversos setôres em que se divide o Governo do Distrito Federal, farto documentário fotografico, inumeros quadros elucidativos, em relação às obras realizadas e outros assuntos, tudo apresentado em bom serviço grafico.

A publicação, que interessa profundamente à população o Rio de Janeiro e, indiretamente, a todo país tem o seguinte sumario: Apresentação. Atividade administrativa. Finanças. Viação e Obras. Educação e Cultura, Saúde e Assistencia. Entrevista coletiva do Prefeito à Imprensa, Criação do Banco da Prefeitura do Distrito Federal. Gestão Financeira. Parecer do Tribunal de Contas. Plano diretor da cidade do Rio de Janeiro. Ata da inauguração da Avenida Presidente Vargas. Tabuas Itinerarias do Distrito Federal. Administração Geral da Prefeitura.



FEDERAÇÃO DAS ASSOCIAÇÕES COMERCIAIS — Recebemos um exemplar do Relatório apresentado à Assembléa Geral Ordinária, realizada em 30 de Maio de 1945, referente ao período administrativo do Sr. João Daudt d' Oliveira, de 1.º de Janeiro a 31 de Dezembro de 1944, Presidente da Federação das Associações Comerciais do Brasil e Associação Comercial do Rio de Janeiro.



HISTORIA DA ESCOLA PAROQUIAL DE SÃO JOSÉ — Recebemos um folheto referente à história da Paroquia suprarreferida e sua obra social, em Vitoria, Espirito Santo. O trabalho é de autoria do Sr. F. Eugenio de Assis.



MENSARIO DO "JORNAL DO COMERCIO" — Recebemos o n.º de Abril de 1945, correspondente ao Tomo XXX, volume I do "Mensario" supra referido.

'ESTE É O CHARUTO VITORIOSO



Adorável Senhora...

Naturalmente, vê-la é um encanto para os olhos, pois ela ainda possui Cremes de Beleza Yardley e Pó-de-Arroz Bond Street. E quando vier a paz, também voltarão todos os produtos de toucador Yardley.



Yardley
de Londres



NISIA FLORESTA

D^o século XIII ao XVII, a pequena república de Veneza foi uma das grandes potências da Europa. Século houve no qual cumpria pedir licença a Veneza para traficar com o Oriente.

Descobrimos o caminho marítimo para a Índia, Vasco da Gama começou a descoroar a importância da Sereníssima República, dela dando cabo o general Bonaparte em 1797.

Para defender prestígio, sobre interesses comerciais, Veneza armou-se sobretudo maritimamente. No dia vitorioso de Lepanto, a frota veneziana e cristã ajudou D. João d'Áustria a sagrar-se herói aos vinte e quatro anos, desbaratando os turcos, velhos inimigos da cidade adriática e lagunosa.

Com frequência saindo a guerra, Veneza fundou arsenal em 1104, arsenal ainda existente, com museu ao qual não faltam curiosidades histórico-militares.

Ao Arsenal de Veneza, em 1863, foi ter viajante brasileira, por três anos a percorrer a Itália, prolongando excursão até a Grécia.

Chamava-se Nisia Floresta a turista solitária, de tempo ainda a salvo do turismo de carregação.

Desde cedo, no seu natal Rio Grande do Norte, Nisia Floresta buscava instruir-se, por fim escritora conhecida, demonstrando-o por obras literárias e morais dadas à estampa no Rio de Janeiro, em Florença e em Paris.

De estadia em Veneza, desejosa de bem conhecê-la no seu originalíssimo todo, Nisia Floresta Brasileira Augusta visitou o Arsenal da cidade, de maior interesse para a visitante o Museu instalado no estabelecimento militar de tanta tradição, mormente no período áureo veneziano, quando as galeras da Sereníssima coalhavam o mar mediterrâneo.

Ao Arsenal, separado da cidade por sólidas muralhas e canais, chegou Nisia Floresta, passando sem dúvida rápida por estaleiros, cordoarias e produção de canhões, tudo ocupando duas milhas para atividades operárias incessantes.

No Museu do Arsenal, Nisia Floresta demorou-se em conhecer-lhe preciosidades, vendo por si mesma ou lhe sendo mostrados não poucos objetos de rara estimação.

Entre os objetos da coleção do Museu um foi mencionado por Nisia Floresta: a armadura de Henrique IV de França, com ela presenteando Veneza.

Não passaria a visitante indiferente pela coleção de modelos de velhos navios venezianos, um deles, o "Buc-centauro", do alto do qual o doge atirava anel nupcial ao Adriático como símbolo da união de Veneza e do mar.

Nisia Floresta percorrendo salas bem vastas, admirando a ordem, o asseio reinantes por toda parte, a arte no dispor armas e troféus, de súbito estacou comovida.

Que vira? Uma piroga com indicação de proveniência, a de embarcação vinda do Brasil, o barco a trazer-lhe subitânea recordação de passeios marítimos no seu Brasil Norte.

Nisia Floresta deixou o Arsenal cheia de saudade pátria, não sem ter indagado com justa curiosidade quanto se referia à embarcação.

Como viera parar no Museu do Arsenal o barco tão sulcador de rios no Brasil?

Quem fôra doador ou doadora a Veneza?

Soube-o Nisia Floresta. A doadora a Veneza, sob dominação austríaca em 1863, chamava-se D. Leopoldina, primeira imperatriz do Brasil.

PIERRE LOTI

A 20 de outubro de 1872 um navio de guerra foi assinalado no seu demandar da barra do Rio de Janeiro.

Verificou-se em breve ser o navio a fragata francesa "La Flore" navegando à vela.

Deixara Valparaíso a 3 de janeiro de 1872. Escalando, chegara a Tahiti em último dia de fevereiro de ano bissexto. Indo a Honolulu e São Francisco, "La Flore" voltara a

ESCRAGNOLLE DORIA FIGURAS DIFERENTES

Tahiti e Valparaíso, surgida em Montevideu para demandar o Rio de Janeiro em outubro de 1872.

A chegada de navio de guerra francês alvoroçava sempre a colônia do Rio de Janeiro para a qual o navio representava solo pátrio, mesmo extra-diplomaticamente.

Diplomaticamente a colônia alienígena era representada pelo ministro de França, então Léon Alexis de Noël, vindo de pouco ao Rio de Janeiro, a entender-se a toda hora com a Secretaria dos Negócios Estrangeiros no cais da Glória, dirigida pelo futuro Cabo Frio, cuja vida transcorreu a ver chegar e partir diplomatas acreditados na Côte.

Durante semana a oficialidade e a maruja de "La Flore" visitaram o Rio de Janeiro, cheios de curiosidade, natural em quantos mais vivem no mar do que em terra, curiosidade mais viva nos lugares aos quais os recém-chegados sabem que jamais tornarão.

A rua do Ouvidor de 1872, o ponto central mais frequentado da cidade, viu em cima e debaixo os oficiais e os golos azuis de "La Flore", nesse flanco tão próprio de gente de marinha nos portos de escala, à compra de objetos que depois lembrem os países visitados no curso de travessias.

E a rua do Ouvidor de 1872 era local bem próprio para tanto; aquela via pública povoada de comércio francês, sobretudo por lojas de modas e fazendas vindas de França, indo às mãos e às tesouras de numerosas modistas francesas, ainda em voga a sala-balão.

A oficialidade e a marinhagem de "La Flore" vinham com os olhos cheios de paisagens diversas, sobretudo as de Tahiti. Com os olhos cheios dos quadros de natureza da ilha, com a alma em recordações de amores, estava a

Pierre Loti (Julien Viand) estudante em Paris, preparando-se para admissão na Escola Naval.



bordo de "La Flore" o aspirante, de vinte e dois anos, Julien Viand.

Tão jovem, de 1869 a 1872, muito correu grandes caminhos do mundo, os oceanos. Em 1870, a bordo do navio-escola "Jean Bart" conhecera a Bahia, por três dias em S. Salvador. Aproveitara-os subindo rio numa piroga, admirando a mata virgem tropical para desta dar notícia em 1882, em "Fleurs d'Ennui", quando o pseudônimo Pierre Loti punha em olvido o nome Julien Viand; este com o seu querido pseudônimo o levando tanto a poder usar farda de capitão-tenente como o *habit vent* dos mortalíssimos imortais da Academia Francesa.

Em certa época o general Bonaparte se propusera a servir no exército turco. Por sua vez pensou Loti, num período de sua vida, em alistar-se na armada brasileira. Na francesa permaneceria quase meio século, no fim de carreira a grã cruz da Legião de Honra lhe ornando peito.

Esqueçamos porém a celebridade de Loti. Lembremo-lo apenas o aspirante Viand na sua semana de 1872 no Rio de Janeiro. Não é demais supô-lo então da amurada de "La Flore" a contemplar águas da Guanabara, talvez alguma hora crepuscular de luz evanescente a condizer com a vaga melancolia dos que qualquer saudade punge.

TALLEYRAND

A vida inteira de Carlos Mauricio de Talleyrand-Périgord é frisanse exemplo de como fatal se torna para o indivíduo e para a sociedade uma carreira abraçada sem vocação.

Por defeito físico impedido de servir no exército, Talleyrand foi por sua família levado a ordenar-se; nascido entretanto para a política e a diplomacia, no decurso de existência colaborador de regimes opostos.

Serviu-os Talleyrand rico de inteligência superior e dotes excepcionais, se pobre de caráter, se indigente de escrúpulos.

Tendo exercido altos cargos eclesiásticos, Talleyrand chegou a bispo, provido na diocese de Autun, não sem reputância de Luiz XVI. Antes de bispo escapara de ser cardinal, por empenho de Gustavo III da Suécia, rei protestante, mas bem visto no Vaticano, de Maria Antonieta partindo a maior oposição ao cardinalato de Talleyrand.

Da diocese de Autun pouco se ocupou Talleyrand, não talhado para padre quanto mais, para bispo. Secularizado por Pio VII, em 1802, Talleyrand disse ao papa, por certo, ao retratar-se em 1838, não ter nascido para o sacerdócio.

Rêu de culpas araves de ofensa à Igreja, Talleyrand, entretanto, nunca lhe mostrou fel, socorrendo pobres necessitados, mesmo os que lhe haviam reprovado não poucos atos de sua vida sacerdotal com escândalo.

Firmado em abundante e provocadora documentação, Bernard de Lacombe estudou o bispo de Autun em valioso livro do qual destacaremos a seguinte informação:

"Dez anos antes de Talleyrand ser bispo chegara a Autun o padre corso Francisco de Vazeze incardinado na diocese. Com o padre chegaram dois meninos, primos do sacerdote, chamados José e Napoleão Bonaparte. Vinham estes aprender francês no Colégio de Autun.

Nela permaneceu Napoleão trimestre e meio, logo depois aluno da Escola Militar de Brienne. O padre Vazeze ficou em Autun, "ligado tanoro por sua combinação à diocese de Mariana no Brasil", segundo Lacombe.

Posteriormente arceidiacono em Flavigny, o padre Vazeze desapareceu no começo da Revolução Francesa e Autun nunca mais ouviu falar dele."

O padre Vazeze chegou a Autun a 1.º de janeiro de 1779, ano no qual ou pouco depois datou a combinação que o ligou à diocese de Mariana.

Em 1799 acabava esta de ter novo bispo, D. Frei Cipriano de S. José, falecido em Mariana em 1817. Será possível apurar a combinação eclesiástica apontada por Lacombe? Minas Gerais conta eruditos, um deles Salomão de Vasconcelos, descrevedor de Mariana e seus templos. Poderá talvez decifrar o enigma da combinação eclesiástica franco-mineira do século XVIII.

Sobretudo no Brasil, os arquivos são caixas de segredo à espera de felizes descobridores.

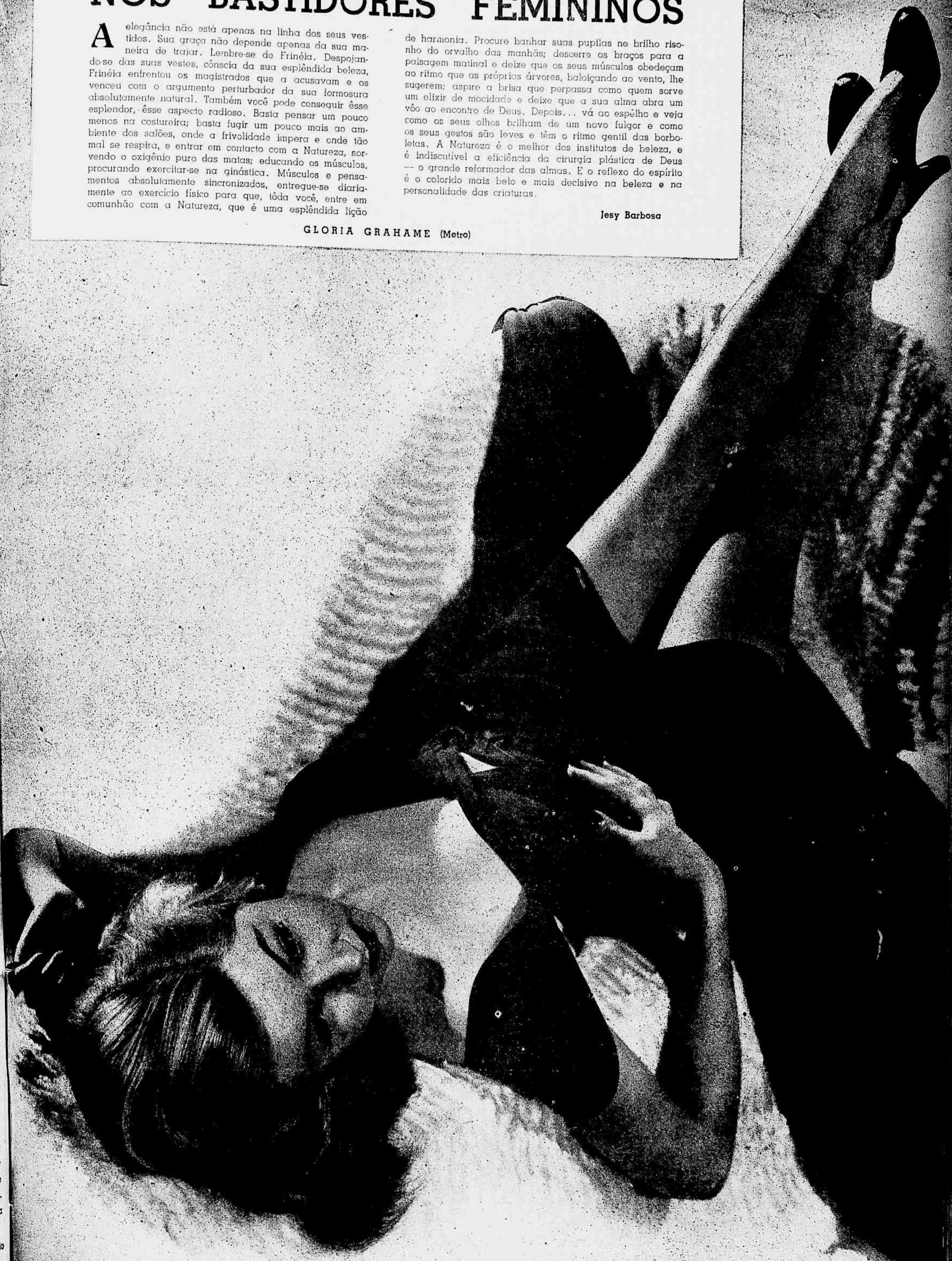
NOS BASTIDORES FEMININOS

A elegância não está apenas na linha dos seus vestidos. Sua graça não depende apenas da sua maneira de trajar. Lembre-se de Frinéia. Despojando-se das suas vestes, cônica da sua esplêndida beleza, Frinéia enfrentou os magistrados que a acusavam e os venceu com o argumento perturbador da sua formosura absolutamente natural. Também você pode conseguir esse esplendor, esse aspecto radioso. Basta pensar um pouco menos na costureira; basta fugir um pouco mais ao ambiente dos salões, onde a frivolidade impera e onde tão mal se respira, e entrar em contacto com a Natureza, sorvendo o oxigênio puro das matas; educando os músculos, procurando exercitar-se na ginástica. Músculos e pensamentos absolutamente sincronizados, entregue-se diariamente ao exercício físico para que, toda você, entre em comunhão com a Natureza, que é uma esplêndida lição

de harmonia. Procure banhar suas pupilas no brilho risinho do orvalho das manhãs; descerre os braços para a paisagem matinal e deixe que os seus músculos obedeçam ao ritmo que as próprias árvores, baloiçando ao vento, lhe sugerem; aspire a brisa que perpassa como quem sorve um elixir de mocidade e deixe que a sua alma abra um vôo ao encontro de Deus. Depois... vá ao espelho e veja como os seus olhos brilham de um novo fulgor e como os seus gestos são leves e têm o ritmo gentil das borboletas. A Natureza é o melhor dos institutos de beleza, e é indiscutível a eficiência da cirurgia plástica de Deus — o grande reformador das almas. E o reflexo do espírito é o colorido mais belo e mais decisivo na beleza e na personalidade das criaturas.

Jesy Barbosa

GLORIA GRAHAME (Metro)





A senhorita Olímpia, a livreira da rua Ballu, é uma velha solteirona, de quarenta e cinco anos, feia, fria, seca e taciturna. Há dez anos compro os livros dela, pela única razão de que o seu negócio é vizinho da minha casa. Às vezes, quando estou de bom humor, peço a Olímpia um romance de amor, "o que mais impressionou a senhorita". E logo o olhar impassível da livreira toma uma curiosa expressão de horror e ela sublinha a sua resposta com uma atitude irônica:

— Aqui está a montra dos pornográficos. Não terá senão que escolher.

No outro dia, só com Olímpia, levei a minha maldade mais além. Falei-lhe da sua juventude, da sua beleza, das paixões que certamente ela teria inspirado.

— O senhor me encontrou

bem disposta — interrompe secamente a solteirona. Se me tivesse observado melhor, teria percebido que jamais fui bela, nem amada.

— Não creio, senhorita. E' muito modesta. Além disso, qual é a mulher que, entre os dezesseis e os quarenta anos, não teve o seu romance de amor?

A minha insistência, em lugar de provocar a sua irritação, pareceu reavivar-lhe uma confusa recordação. Então adivinhei o seu segredo? O seu olhar se iluminou, os seus lábios pareceram preparar-se para uma confissão. Hesitou depois, sufocando as palavras que estavam para escapar-lhe, permanecendo calada. Talvez tivesse silenciado para

Conto de
CHARLES FOLEY
Ilustração de
ARMANDO MOURA

sempre se, mesmo naquele momento, no outro lado da rua, não abrissem a vidraça do Hotel Vaudemont. E aquele que no mundo se chama um belo coxo, Henrique de Vaudemont, apareceu na calçada, mancando e se apoiando na bengala.

— Eis o meu romance de amor! — exclamou a senhorita Olímpia.

Sob o efeito causado por esta confissão, numa onda de recordações e a aparição daquele solteirão ainda sedutor, apesar da sua enfermidade, a solteirona terminaria por revelar-me inteiramente o seu segredo.

Sem lhe dar tempo de repousar, interroguei-a repetidamente.

Perturbada, vencida, ela aca-



ARMANDO
MOURA



A senhorita Olímpia, a livreira da rua Ballu, é uma velha solteirona, de quarenta e cinco anos, feia, fria, seca e taciturna. Há dez anos compro os livros dela, pela única razão de que o seu negócio é vizinho da minha casa. Às vezes, quando estou de bom humor, peço a Olímpia um romance de amor, "o que mais impressionou a senhorita". E logo o olhar impassível da livreira toma uma curiosa expressão de horror e ela sublinha a sua resposta com uma atitude irônica:

— Aqui está a montra dos pornográficos. Não terá senão que escolher.

No outro dia, só com Olímpia, levei a minha maldade mais além. Falei-lhe da sua juventude, da sua beleza, das paixões que certamente ela teria inspirado.

— O senhor me encontrou

bem disposta — interrompe secamente a solteirona. Se me tivesse observado melhor, teria percebido que jamais fui bela, nem amada.

— Não creio, senhorita. E' muito modesta. Além disso, qual é a mulher que, entre os dezesseis e os quarenta anos, não teve o seu romance de amor?

A minha insistência, em lugar de provocar a sua irritação, pareceu reavivar-lhe uma confusa recordação. Então adivinhei o seu segredo? O seu olhar se iluminou, os seus lábios pareceram preparar-se para uma confissão. Hesitou depois, sufocando as palavras que estavam para escapar-lhe, permanecendo calada. Talvez tivesse silenciado para



Conto de

CHARLES FOLEY

Ilustração de

ARMANDO MOURA

sempre se, mesmo naquele momento, no outro lado da rua, não abrissem a vidraça do Hotel Vaudemont. E aquele que no mundo se chama um belo coxo, Henrique de Vaudemont, apareceu na calçada, mancando e se apoiando na bengala.

— Eis o meu romance de amor! — exclamou a senhorita Olímpia.

Sob o efeito causado por esta confissão, numa onda de recordações e a aparição daquele solteirão ainda sedutor, apesar da sua enfermidade, a solteirona terminaria por revelar-me inteiramente o seu segredo.

Sem lhe dar tempo de repousar, interroguei-a repetidamente.

Perturbada, vencida, ela aca-

bou por ceder à necessidade que, cedo ou tarde, obriga os enamorados, ainda os mais teaturnos, a contar as suas aventuras.

— Desde que devo dizer-lhe tudo — murmurou com certo rancor — saiba que, se o senhor de Vaudemont manca, é porque ele o desejou. Aluguei esta casa, diante do seu hotel, para gozar a sua punição, para me recordar melhor, para ver mais fundo nas paixões dos homens.

Em seguida, com voz mais baixa, explicou-me:

— Certo verão, há já perto de vinte anos, era eu governante junto ao velho barão de Méricourt. Morávamos num grande chalé normando que, a prumo sobre os rochedos, domina a praia de Varville. Ainda que alojada no segundo andar, à parte, numa pequena torre, donde se descortinava o mar, eu tinha, dia e noite, os olhos e ouvidos atentos, para vigiar tudo quanto sucedia em casa. O velho barão dormia num quarto separado e logo descobri que a baronesa, muito mais jovem

que o marido, amava o seu sobrinho, Henrique de Vaudemont, hóspede da vila. De noite o recebia no seu apartamento. Talvez fôsse meu dever avisar o barão. Mas nada fiz, porque sabia que ele era ciumento, violento e brutal. E depois porque, no recessos do coração, eu também amava o belo Henrique, tão elegante e insinuante.

“A desgraça veio sem que eu nada tivesse feito para provocá-la. Certa noite, não podendo dormir, percebi uma conversação confusa e um rumor de passos no pavimento inferior.

“Desconfiado, duvidando dos acontecimentos, o barão, depois de ter fechado a chave a sala em baixo e o quarto vazio do hóspede, estava prestes a penetrar no apartamento da mulher. O senhor de Vaudemont não teve senão o tempo de se enfiar pela escada da pequena torre, alcançar o segundo andar e se ocultar no corredor.

Imediatamente, num gesto instintivo, abri a porta do meu

quarto. Ele se atirou no meu aposento e eu o fechei cautelosamente.

O belo Henrique estava pálido, mas conservava o seu sangue-frio. A minha perturbação lhe dizia muito bem que eu nada ignorava.

— Obrigado, senhorita, porém a sua generosidade não me servirá senão para respirar um pouco — disse-me com aquele seu olhar cuja fascinação era irresistível. — O senhor de Méricourt e os seus criados, armados até os dentes, estão vasculhando toda a casa. Não deixarão de bater à sua porta, e, apesar do seu auxílio, estou perdido.

“— Está salvo! — murmurei fora de mim, na louca inspiração que o perigo me sugeria. — Direi que amo o senhor, que é o meu amante... Esta mentira desonrar-me-á, mas o senhor restituir-me-á a honra, dando-me o seu nome.

“Vaudemont me olhou. E preciso crer que o amor, antes

de me transfigurar, me tivesse tornado mais feia ainda, porque a sua fisionomia, calma até então, apresentou uma indefinível manifestação de susto. E, porque naquele instante percebia caminharem no corredor, o belo sobrinho se lançou na janela e abriu-a bruscamente. Antes que eu tivesse tempo de agarrá-lo, galgou o parapeito, e do alto da torrinha, de pé sobre o recife, se precipitou no espaço...”

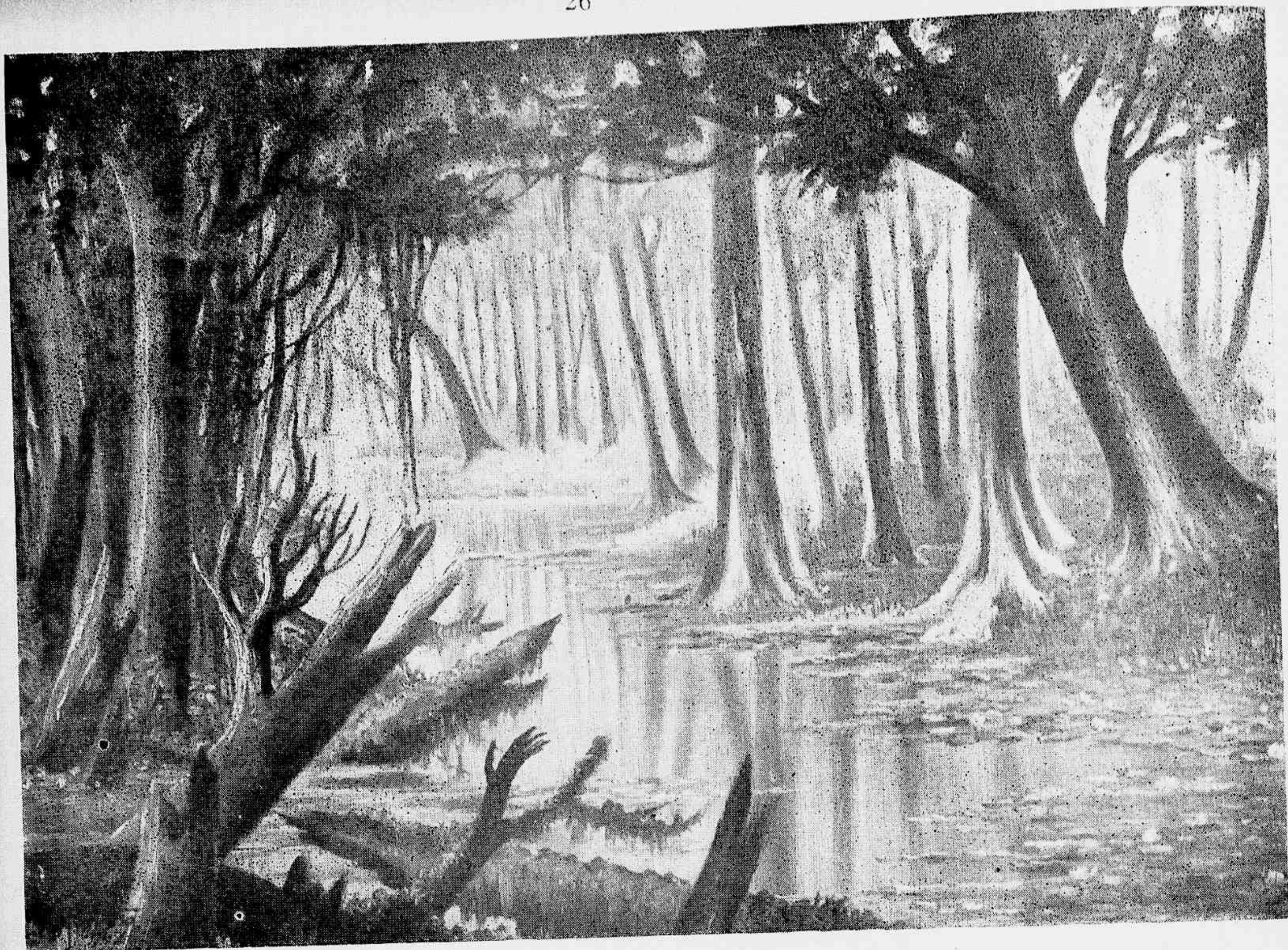
Acalmando-se, pouco a pouco retomando a máscara da impassibilidade, a senhorita Olímpia prosseguiu em tom mais seco, mais frio:

— O belo rapaz fraturou a perna no rochedo. Moribundo, arrastou-se até um chalé vizinho, para não comprometer a baronesa. Ao amanhecer, encontraram-no desmaiado. O seu tratamento foi longo; ficou estropiado para toda a vida...

E a solteirona terminou com um amargo suspiro:

— Arristar-se a morrer... em vez de casar comigo!





Roberto Reynoso e o cenário amazônico

Escreveu ARMANDO MIGUEIS



A natureza agreste dessa Amazônia misteriosa, tão bem descrita num magistral livro de viagens de Gastão Cruls, tem servido de tema e motivo para que homens de letras e artífices do pincel, extasiados ante a grandiosidade de sua selva — onde miríades de insetos venenosos, centenas de pássaros cancos e dezenas de animais bravios se abrigam — transportem para o papel ou para a tela, a exuberância da paisagem a que seus olhos se sentem presos, tamanha é a magia da mesma.

Roberto Reynoso, êsse filho da cidade de Arequipa, que durante dezoito anos se deixou ficar pelas paragens amazônicas, como que preso àquele emaranhado de árvores seculares, como que seduzido pelo perfume sutil das flores exóticas, como que atraído pelo reflexo dos raios solares nos igarapés silenciosos, onde a cada passo a morte espelha o homem menos avisado, através das mandíbulas possantes de velhos jacarés ou da força extraordinária das sucurs, não poderia permanecer indiferente ante o maravilhoso cenário que a Natureza criou naquelas paragens distantes.

Tal como o infeliz Gauguin que nas ilhas dos mares do Sul foi buscar descanso para sua existência sofrida e outros tantos motivos para uma série de trabalhos plásticos, também Reynoso, isolando-se da civilização, em proveito da própria arte, foi encontrar na Amazônia misteriosa, inspiração para as suas telas banhadas de luz, expressão viva das clareiras e dos furos que o grande rio vai deixando na sua passagem voluptuosa, e o sol purpúreo beija com seus raios por entre a ramaria espessa, creadora espontânea dos lugares ensombrados, num constante chocante com o verdor da mata.

Ali, perdido no seio das árvores seculares, onde o felino procura abrigo e os pássaros ensaiam seus gorjeios festivos, o pintor peruano se dispôs a trabalhar, transportando para a tela o quanto de belo seus olhos iam contemplando, nascendo daí toda uma obra espontânea e sincera, invulgar ao conhecimento do homem da cidade. Ali estava o artista sentindo o belo em sua expressão mais pura, sem ser preciso usar artificialismos nem utilizar o berrante, porque o próprio cenário, recortado de rios, furos, igarapés e lagos, constitui maravilhosa tela a que o Creator soube arrumar.

A obra pictórica de Reynoso constitui numa vivacidade de cores aquilo que muitos não chegaram a observar em sua plenitude de razão, porque seus quadros representam para nós, a enorme sensibilidade e o poder altamente fiel com que ele soube ver, compreender e sentir a natureza bravia dessas plagas ainda indezessáveis à civilização e à espera dos bandeirantes deste século que já cruzaram o rio das Mortes e fizeram tremular o Pavilhão Nacional na serra do Rondon.

★

Roberto Reynoso, nascendo numa paisagem tranquila, onde um vulcão descansava após intensa atividade, e a neve cai farfalhante sobre o telhado humilde das casas, sentiu de pronto a ânsia de transportar para a alvura do linho, o quanto de belo existia no cenário de seu torrão natal. Vieram então os primeiros traços. O desejo incontido de progredir. Avançar na arte de Da Vinci, expressan-

(Continua na pág. 45)

QUASE TRINTA ANOS DE CIRCO — A ORIGEM DO APELIDO — PIOLIN, SUBSEMANAS PARA OS ESTADOS UNIDOS, QUE NÃO FOI ACEITO — ODUVALDO WASHINGTON LUIZ — PIOLIN AVIADOR, PAI DE QUATRO FILHOS E UM DELES, — E' PRECISO ESTUDAR SEMPRE! — OS TEMPOS MUDAM, AS CRIANÇAS SÃO SEMPRE AS MESMAS — MAIS FÁCIL FAZER RIR OS ADULTOS QUE A PETIZADA...

Uma reportagem de CELESTINO SILVEIRA

Fotografias de ARNALDO VIEIRA

Quando invadimos o camarim e lhe dirigimos a palavra, olhou-nos desconfiado e ridículo. Estava pintado, acabava de trocar as roupas folgadas por um "travesti" de bailarina e preparava-se para voltar ao picadeiro. A função ia pela metade. Começava a farça onde ele devia aparecer de cinco em cinco minutos, com roupas diferentes, para divertir a garotada e os adultos também. Dissemos ao que íamos. Ele estacou, à nossa frente, os olhos miudos ainda mais miudos contornados pelo alvaide e o *bâton*, a cara de quem tanto pode querer rir como chorar. Cara de palhaço, muito engraçada em público e muito impenetrável nos bastidores. Foi preciso repetir o sermão e frisar ao que íamos. Ele parecia desconfiado, como se visse nos reporters dois indivíduos suspeitos, talvez dois agressores. Poderia esperar tudo naquele fim de vespéral domingueira, menos a visita de jornalistas do Rio, dispostos a ouvir-lhe as recordações biográficas, um de lápis e papel pronto para tomar notas, outro de máquina fotográfica em punho para bater chapas. Mas

acabou compreendendo, só depois de certificar-se que não pretendíamos coisa alguma pelo trabalho — palhaço desconfiado, sim, senhores! — e pôs-se à nossa disposição. Outro encontro foi marcado para o transcurso da função noturna, uma campainha retiniu nervosa, o contra-regra chamou e lá foi o palhaço mais popular de São Paulo, talvez do Brasil, dar conta do recado junto aos menores e maiores.

Os senhores já viram um palhaço sem pintura, sem roupas largas como é triste e diferente? Principalmente quando não o conhecemos de cara limpa e vestindo igual aos palhaços que só trabalham no picadeiro da vida. Pois à noite, quando voltámos ao circo, entrámos no camarim do nosso homem e o encontramos vazio. Procurámo-lo pelas "coxias", demos encontrões em muita gente mas não aparecia o nosso entrevistado.

— Os senhores sabem informar se o Pio-



O sr. Abelardo Pinto, brasileiro de Ribeirão Preto, casado e pai de quatro filhos. Idade: 48 anos. Profissão: Circe. Na mocidade, também foi aviador. Hoje nutre uma forte ojeriza pela aviação, preferindo pintar a cara, vestir as roupas largas de Piolin e fazer rir as crianças. Algumas vezes é ele quem ri das caras do público...

A VIDA DE PIOLIN, CONTADA POR ÊLE MESMO

O Circo Piolin está armado, há muito tempo, na praça Marechal Deodoro, bem perto da avenida São João. Ali o palhaço mais querido do Brasil realiza suas funções, chova ou faça sol, no inverno ou no verão, e ali vem apresentando, ultimamente, o moderno repertório teatral brasileiro. Na noite da nossa visita, o Circo Piolin anunciava a "Canção de Bernadette". Os filmes de maior sucesso são adaptados ao picadeiro. E os garotos, felizes, compram amendoim, mariola e picolé, antes de entrar.





— Com este bengalão, feito de bambu, há mais de vinte anos tenho divertido o meu público — diz-nos Piolin. Ele mesmo trabalhou o bambu, envernizando-o de preto e aplicando-lhe uma biqueira de lata. Quando Piolin, na arena, aparece com essa bengala, as crianças sabem que "vai ter!". E os marmanjos esquecem a fila do açougue, da carne, etc.

Ariel, filha de Piolin, fazia uma criadinha na peça que se representava essa noite. Ela também é de circo e sente muita honra em ser filha do palhaço. Quando nasceu, já Piolin era famoso. Ariel fez questão de posar ao lado da "maquette" de uma estátua do pai. O escultor não acabou o trabalho e deu de presente a "maquette" ao artista.



lin já chegou?

Um deles avançou dois passos:

— Sou eu, sim, senhor. Estava mesmo à sua espera...

Palavra de honra, Piolin poderia cruzar ao nosso lado quantas vezes entendesse, pois sem o "tipo" do picadeiro jamais o reconheceríamos. É um homenzinho baixote e calmo, de fisionomia serena, os olhos claros contrastando com a pele do rosto de um rosado leve, que as pinturas não afetaram ainda. Sem uma das suas extravagantes cabeleiras que o deixam inteiramente calvo ou de guedêlhas imensas, sem tintas no rosto, sem o colarinho dez vezes maior que o pescoço, sem o bengalão de bambu envernizado a preto, sem nenhum de seus atributos de circo ele é um homenzinho igual a qualquer outro. Tão tímido, de gestos tão controlados e de passo tão macio quanto atrevido, insolente e gaiato sob a lona, em hora de função. Positivamente, seria mesmo o Piolin que tanto procurávamos? Ou estaríamos sendo objeto de alguma pilhéria do artista fazendo substituir-se por outro? Mas não havia dúvida, era ele mesmo. Recebeu-nos com gestos retraídos, de quem não sabe para que foi procurado, nem o que poderá dizer de interessante. Afinal quem é ele para merecer tantas atenções? Um simples palhaço, um homem que faz rir os outros para ganhar o pão de cada dia. Um chefe de família, um legítimo burguês — será progressista? — casado e pai de quatro filhos... Enquanto vai falando, Piolin começa a despir-se. E à medida que desaparece o homem da rua, cedendo lugar ao cômico, nós o reconhecemos mais e mais. Primeiro ele veste um par de calças dentro do qual caberiam também dez Piolins. Funga o cinto, apertando-o a mais não poder, e da cintura para baixo é agora ele mesmo, Piolin, porque os sapatos de rua foram trocados pelas sapatôrras de bico enorme, com as quais vai pinotear daí a instantes lá fora, no palco de terra batida. Sobre a camiseta de malha ele põe agora um peitilho falso, cujo cordão, prendendo-o ao cinto da calça, irá rebentar na hora mais imprópria, enrolando-se o peitilho e batendo-lhe em cheio no rosto... Esse "truc", mesmo velho, é de efeito infalível para a gurisada dos sete aos setenta anos, como dizem os anúncios. O colarinho-gigante está naturalmente preso à camiseta. E na composição do "maquillage" Piolin já gastou mais de vinte minutos. Daquele rosto de homem ingênuo, meio-tímido e cinquentão conservado, nada mais resta. O que ali está é uma descarada máscara de excêntrico, um nariz de batata feito com um punhado de massa que as mãos do artista modelaram dando-lhe aquela conformação à W. C. Fields, duas sobrancelhas carregadas, erguidas e irreverentes, uma cabeleira maluca, de grandes "entradas" pela testa acima, emprestando a Piolin um todo de louco "compensado". E a conversa continua. Os instantâneos são batidos nas diversas fases da preparação do artista. O lápis desliza no papel.

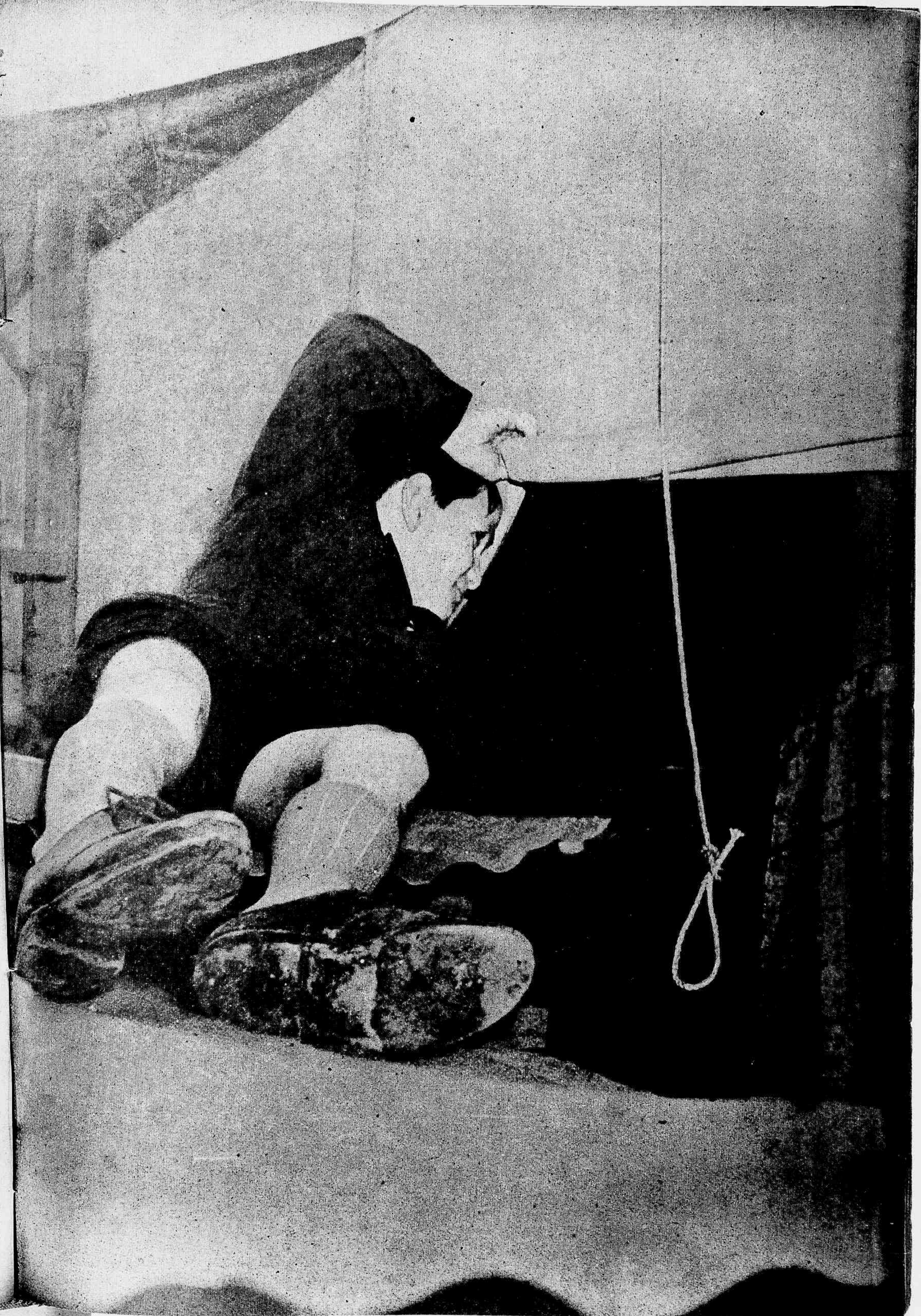
Chama-se Abelardo Pinto, nasceu em Ribeirão Preto, São Paulo, aos 27 de março de 1897 e completou, portanto, quarenta e oito primaveras. É filho de um casal de gente de circo, o pai, Galdino Pinto, foi o mais antigo empresário circense. Dona Clotilde Pinto, mãe de Piolin, era uma artista equestre. Estreou com 10 anos de idade, saltador que prometia. Foi acrobata e ciclista. Era

Nem sempre os garotos conseguem, em casa, o dinheiro para entrar no circo. Zequinha foi surpreendido pela nossa objetiva, trepado em uma pilha de caixotes, espiando a função do lado de fora. Ele é "fan" de Piolin e o considera "o homem mais engraçado do mundo". Quando Piolin sabe desse "caso", manda entrar gratuitamente as crianças.

à
ar
ois
e-
no,
as-
ve,
na
ei-
as
ho
ga-
ne-
um
ti-
sso
ato
nte,
va-
ma
por
mo.
nem
que
m é
sim-
tros
hefe
pro-
s...
des-
nem
eco-
veste
riam
rtan-
paixo
patos
s de
r daí
atida.
a um
o ao
s im-
lo-lhe
o ve-
a dos
anún-
mente
"ma-
e mi-
gênuo,
nada
arada
batata
mãos
a con-
celhas
na ca-
" pela
n todo
conti-
diver-
O lápis

em Ri-
arço de
e oito
e gente
o mais
Clotilde
eques-
saltador
ta. Era

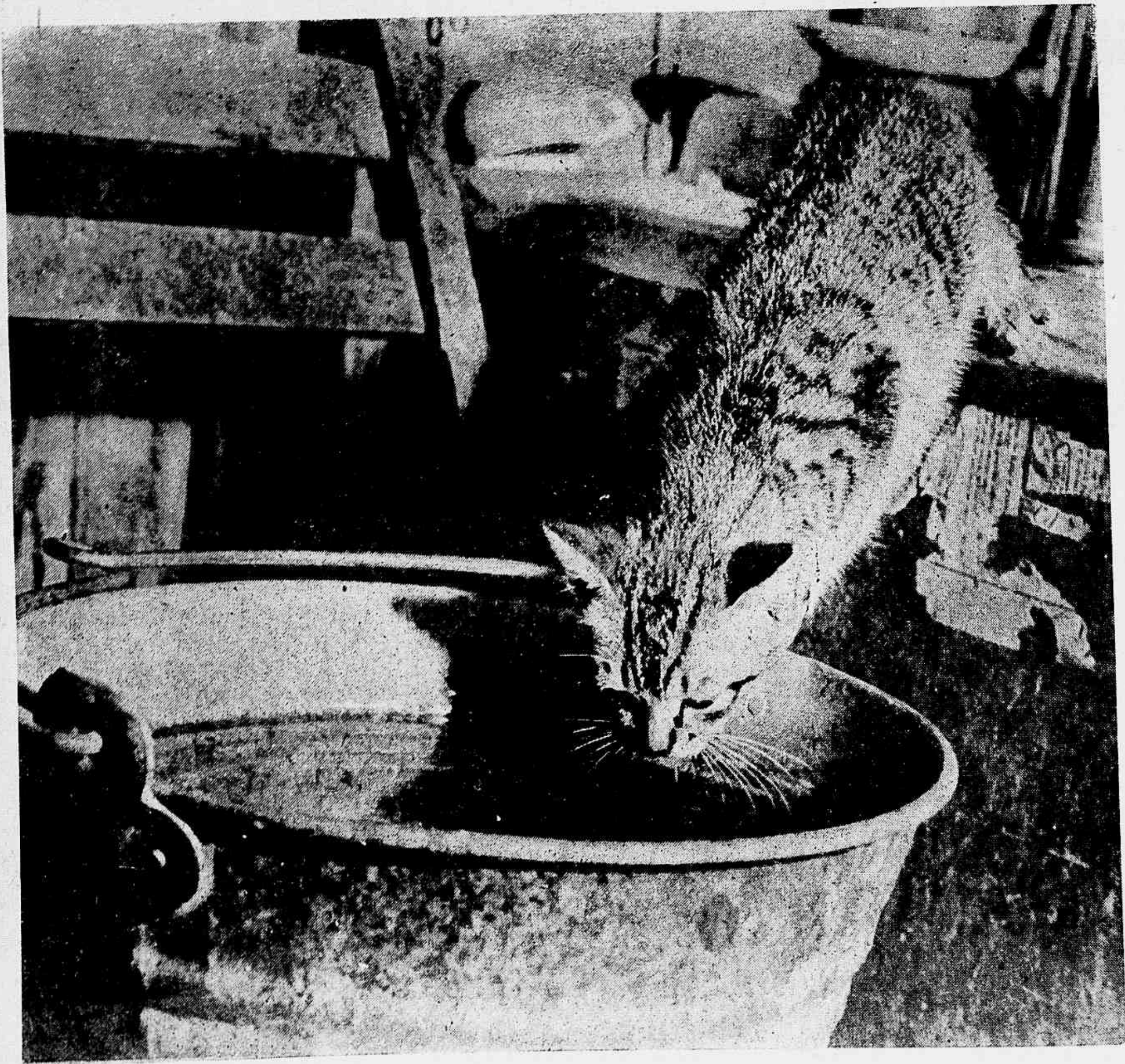
o dinheiro
pela nossa
spiando a
considera
iolin sabe
crianças.



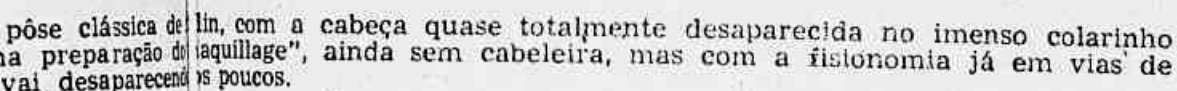


Três expressões distintas de Piolin. O "tipo" à esquerda foi inspirado em um desaparecido ator cômico cinematográfico, Harry Langdon. O central é a pôse clássica de Piolin, com a cabeça cosida à camisa. Um colarinho dentro do qual vários pescocões ficariam à vontade. O da direita é um flagrante batido quando Piolin estava em meio na preparação do "aquillage", ainda s... poucos.

Este gato chama-se Gasolina. É um companheiro antigo de Piolin, mas também faz parte do elenco, trabalhando no "sketch" da baratinha. Nas noites frias Gasolina procura aquecer-se junto às lâmpadas do camarim de seu amo, ferrando em uma gostosa soneca escondido em uma cabeleira. Piolin tem sempre uma guloseima, no camarim, para distrair o artista que menos reclama e nunca pede aumento de salário...



um rapazinho débil, sendo desperce...
entre os maiores do cl... paterno. Depo...
vida foi correndo e ele... vivendo a exist...
cia nômade dos palha... sem maiores a...
ções. Sim, pretendia fi... carreira, mas...
sequer tinha um nome... cartaz, um de...
bem extravagantes, p... onalíssimos, ex...
cos... Até muito depoi... a Abelardo P...
para todos os efeitos, m... um Pinto da f...
lia de palhaços. Mas al... a coisa devia a...
tecer. Qualquer coisa... marcante, deci...
e capaz de alterar, por... mpleto, o rumo...
sua carreira até então... ples rotina de...
lhaço de província... ai no Rio. O Te...
João Caetano, construi... primitiva, cham...
se ainda São Pedro d... Alcântara. Isto...
vinte e oito anos pass... ai por volta...
1917. Abelardo fazia p... de um conju...
de variedades que eni... se exibia no v...
teatro da praça Tirad... tes. Muito ma...
um verdadeiro fio-de... ba, procurava t...
partido da sua deficiê... física. O púb...
soltava algumas garga... as, mas não sa...
defini-lo. Com o nome de Abelardo P...
jamais se distinguiria... outros. Do ele...
fazia parte um palha... americano, cuja...
centricidade maior co... em executar...
gumas páginas de mús... no violino de u...
corda única. Naquela... te, exatame...
quando o americano se... parava para en...
no palco, a corda reb... O palhaço fi...
em apuros. Precisava... imediatamente...
outra corda, um fio qual... er, resistente, fo...
um "piolin", como dizia... Era de ver o po...
excêntrico, arranhando... o português...
a corda do violino, to... ta "caixa" do...
Pedro, pedindo pelo an... de Deus um "...
lin", um "piolin"... Abelardo Pinto, por...
licidade, pôde servir o... ga ilustre. En...
as bugigangas do seu... arim lá estav...
barbante encerado, o... "lin" de que ta...
precisava o palhaço am... ano... Daí nas...
o apelido. Abelardo... são fino quant...
barbante. Em cena ab... violinista pas...
a chamar-lhe Piolin; c... lico riu e pro...
Tinha enfim, Abelard... to, encontrad...
que mais falta lhe fa... um bom nome...
cartaz. Nome que lhe... cia fama e, se...



fortuna, ao menos uma vida calma e sem maiores preocupações.

— Tenho quatro.

— Pagavam bem?

E no entanto Piolin poderia ter sido um bom elemento no teatro. Há palhaços muito mais palhaços que êle, não no circo mas nas táboas de um palco, pois não!

— Nunca se me ofereceu oportunidade. Eu gostaria de filmar.

Pronto, finalmente, para entrar em cena, Piolin cumprimenta o palhaço Pinatti (Oswaldo), que o acompanha quase há dois lustros ali substituindo Anchesis Pinto, o sempre lembrado irmão do famoso excêntrico. Pinatti tem a função de servir de "trampolim" para as graças de maior efeito. E quem leva a pior. Apanha um bocadinho — e as crianças acham uma infinita graça nas desgraças de Pinatti...



— Qual a sua diversão fora do circo, Piolin?

— Um cineminha, um teatrinho em vespéral... E um circo, quando há vagar. Gosto de apreciar outros palhaços...

Depois Piolin fala do seu apêgo à vida de circo:

— Não é verdade, como se costuma dizer, que seja uma vida má. Não! Hoje a gente tem situação definida, social e econômica. Olhe, se eu tivesse que recomeçar minha vida, recomeçava direitinho aqui no circo.

— Você acha que as crianças de hoje evoluíram ou são as mesmas de há trinta anos, Piolin?

— As mesmas. Criança não muda. Mas é mais difícil fazer rir as crianças que os adultos. Os efeitos cômicos é que têm evoluído. Hoje, temos de apresentar comédias seriadas, as crianças exigem maior soma de emoções, de par com os motivos de comicidade. Isso, em parte, deve justificar-se com a guerra, pois as crianças destes últimos anos já nasceram sob essas preocupações tormentosas. Além disso o circo tem por força de assimilar essas duas correntes poderosas que são o cinema e as histórias de quadrinhos. Tudo tem seu tempo, e os tempos de agora pertencem a esses fatores de dinamismo... Mas na essência, repito, a criança é igual: quer rir. E se conseguimos esse objetivo, então temos razões para ficar satisfeitos.

Essas e outras explicações Piolin dá entrando e saindo, despindo e vestindo roupas as mais diferentes. Agora é o substituto legal de Chicharrão que nos fala; daqui a pouco é o tipo ingênuo da comédia que está sendo representada; mais adiante o palhaço vestido de mulher, que tanto alegra a petizada. Nos intervalos da conversa vamos assistí-lo, da arquibancada. E observamos, ainda uma vez, o grau de diferença do Piolin da arena e o Piolin da vida real. O primeiro, de gestos largos, passadas enormes, um rosto cínico ou pateta, enfim, uma caricatura das caricaturas humanas; o outro, um homem tímido, que não tem graça nenhuma, incapaz de perpetrar um trocadilho, sequer de contar uma anedota. Ao natural, criança alguma será capaz de interessar-se pelo histrião do circo. Também não procura carregar nas tintas dramáticas. Perguntámos a Piolin se algum dia não havia entrado no picadeiro, obrigado a fazer graça contra vontade.

— Sem dúvida, isso tem acontecido algumas vezes — responde. — Uma delas, talvez a mais angustiada, foi quando morreu meu irmão.

E fala-nos de Anchises Pinto, outra figura marcante do circo brasileiro. Eram inseparáveis, Abelardo e Anchises. Mais do que irmãos, dois irmãos que se fazem verdadeiros amigos. A enfermidade de Anchises abalou Piolin, que a esse tempo trabalhava no Rio. Isto há nove anos passados. Um dia soube que o irmão piorava. E reclamava a sua presença. Piolin não teve dúvidas; deu a última função mal sufocando o drama interior. Sem nenhuma vontade de divertir o auditório. E revoltava-se, sentindo que mesmo assim o público soltava estrondosas gargalhadas. Como podia ser alegre, quando o seu coração sofria tanto? Que fenômeno seria esse, capaz de lhe conceder o dom de divertir o seu semelhante, quando por vontade própria estaria longe dali, à cabeceira do enfermo querido? Na manhã seguinte interrompia a temporada, quebrava o contrato, sofria

Nas gerais estão os que mais se divertem. É falso apregoar que o circo só distrai as crianças. Aquêlê cavalheiro, lá em cima, está se divertindo muito mais que a menina a seu lado... Os marmanjos encontram o que perderam na infância, quando entram no circo: a simplicidade do pensamento. Na gravura ao centro, dois garotinhos japoneses que não devem preocupar-se muito com a guerra no Pacífico. Em baixo, a gurizada acompanha, com visível interesse, o andamento da farça... Piolin está em cenal



os prejuízos inevitáveis e rumava para São Paulo, onde o esperava, moribundo, aquele que havia sido o campeão mundial de salto...

— Por que não viajou de avião para chegar mais depressa?

— Não gosto dêsse meio de transporte. Tenho por êle uma incompreensível ojeriza. E no entanto...

— No entanto?

— ...na minha mocidade também fui aviador. Cheguei a pilotar aparelhos aqui, em São Paulo...

Compreendemos então por que o filho mais velho se fez piloto do ar.

A função terminou, a noite está fria, o chão batido do camarim do palhaço faz subir-nos, pelas pernas, uma friagem à qual o repórter carioca não está acostumado. O termômetro anda beirando a zero e assim mesmo Piolin despe-se à vontade, o peito descoberto, e mergulha as mãos e o rosto num balde de água congelada, para desfazer a pintura. O talco, a pasta de fundo, o bâton, tudo vai saindo a poder de azeite, água e sabão. Depois seca a epiderme com uma boa camada de talco e volta a ser o homenzinho anônimo, enfiado em um sobretudo comum, de agasalho ao pescoço e olhos ligeiramente cansados. Está encerrada a função por essa noite, um domingo exaustivo com vespéral infantil. Os vinte e cinco circos de São Paulo apagam as lâmpadas e a grande família equestre e excêntrica vai entregar-se a um merecido repouso. Ariel, a filha de Piolin, vem ajudá-lo a vestir-se com a roupa de rua. Dona Benedita o espera lá em casa com a ceia de tôdas

(Continua na página 59)



Piolin tem a preocupação de apresentar vários tipos dentro da mesma função. Seus espetáculos oferecem ao auditório um pouco de malabarismo, equilíbismo e, finalmente, uma peça. Na gravura, Piolin faz um rapazinho adolescente que se perde de amores pela empregada do patrão. Faz lembrar Harry Langdon, novamente. E o público continua rindo...

Há vinte anos Piolin apresenta a sua famosa "baratinha", feita de barris e tampas de pipas de vinho. O extravagante veículo desliza pelo picadeiro, sob os aplausos da platéia. Gasolina é o gato. Motor, o cachorro. Provocado pelo felino, o cachorro impele o carro para diante, enquanto Piolin, na direção, orienta-o à vontade. Quando o dr. Washington Luiz era Presidente em São Paulo foi ver Piolin; gostou, aplaudiu e entrou nas "coxias", interessado em descobrir o "mecanismo" da sua famosa "baratinha"...





Ele viveu por muito tempo aqui no Rio, e suas esculturas de areia, trabalhadas em Copacabana, quando Copacabana não era ainda o ponto obrigatório de turismo dos dias de hoje, fizeram época. Praticamente, foi ele o precursor dos artistas de rua, os que talvez não tenham cursado escolas de arte mas, donos de uma vocação espontânea, vão produzindo por conta própria, libertos de métodos e de técnicas, mas criando, eles mesmos, uma técnica e um método que lhes pertencem. Chama-se José Tamborim e veio da Europa há muitos anos. Pela manhã, bem cedo, armava a sua tenda nas imediações do Lido e passava a modelar uma nova imagem, quase sempre tirada do noticiário de maior evidência dos jornais. Fez ainda o Rei Alberto, quando o soberano belga andou mostrando a sua habilidade natatória no Fôsto 2. E fez santos, ídolos da Paz, figuras do Evangelho e outras profanas. Depois desapareceu da circulação, actui no Rio, deixando discípulos na Praia. A concorrência não lhe teria agradado muito,

e resolveu excursionar. Uma "tournée" artística como outra qualquer... Agora, fomos encontrá-lo, inesperadamente, longe das praias, a algumas centenas de metros acima do nível do mar, em pleno Viaduto do Chá, às voltas com a areia úmida, modelando suas figuras frente ao público que lhe retribuía o labor com uma moeda qualquer. Quando escurece, destrói o trabalho de mais um dia, guarda a areia que não se obtém facilmente na capital Piratininga, e vai dormir depois de contar a receita do dia. Quando o encontramos São Paulo estava preocupada com a Congregação religiosa da praça da Sé. José Tamborim não teve dúvidas: modelou a imagem de Nossa Senhora da Aparecida — e parece que a féria, nesse dia, foi além das melhores expectativas... Os católicos apreciavam-lhe a perfeição do trabalho e iam soltando os níqueis.

— Quando voltar o verão — disse-nos Tamborim — irei matar saudades de Copacabana.

ACONTECEU EM SÃO PAULO



HOMENAGEM
DE
IRENEU
LEGUISAMO
AO
JOCKEY CLUB
Brasileiro



Presidente Ministro
SALGADO FILHO



O casaco três-quartos está em voga. E aqui temos Frances Gifford ostentando um esplêndido modelo nesse gênero em lá havana. Boina e luvas em feltro marrom.



Ostentando um chapéu originalíssimo de copa alta, gênero cartola, e um elegantíssimo casaco abotoado com enormes botões de cristal, aqui está Frances Gifford. da Metro-Goldwyn-Mayer.

Moderna

Frances Gifford apresenta-nos um modelo três-quartos, modelo lã em voga atualmente. Em lã bege claro, com viezes vermelhos e um botão dourado em cada simulacro de bolso; este agasalho é de uma elegância encantadora. Uma beina em feltro marron e luvas marron escuro completam o conjunto.



Em flanela cinza e branca, Janis Carter, da Columbia, apresenta-nos um gracioso traje esportivo. Blusa esporte em seda branca e sandálias brancas completam a leveza e a graça deste conjunto ideal para as manhãs raiosas de Copacabana.





(Por Luiz Serrano — Correspon-
dente da REVISTA DA SEMANA)

Barbara Stanwyck sendo, embora, uma das mais veteranas "estrêlas" da tela, acha, muito acertadamente, que os conselhos de um bom diretor nunca devem ser desprezados. Aqui a vemos, no "cliché" superior, ouvindo com atenção a palavra de Peter Godfrey, responsável pela filmagem de "The Two Mrs. Carralls", cujo protagonista masculino é Humphrey Bogart. Na gravura inferior, oferecemos aos leitores um dos primeiros "stills" de Joan Crawford em seu filme de reaparecimento, agora na Warner: "Mildred Pierce". Como se vê, a antiga contratada da Metro continua disposta a ditar a grande moda de Hollywood, e podemos garantir que vai apresentar um bonito desfile de "toilettes" nessa película. Reina grande expectativa em torno à sua volta ao cinema e admite-se que a nova Joan Crawford suplantará seus próprios sucessos primitivos.

**A REVISTA EM
HOLLYWOOD**



QUANDO Kale acabou de reunir sua considerável fortuna, achou conveniente descobrir um passatempo digno de um milionário. Uma coleção de quadros foi a sua decisão, depois de muito refletir. Assim, começou, desde então, a formar a imponente série de telas para as quais construiu uma galeria em seu palacete. Ele tinha o hábito de mostrá-la aos visitantes, com explicações verdadeiramente extraordinárias a respeito dos preços. Como era de se esperar, Kale tinha sido enganado muitas vezes, comprando coisa que nada valia, por uma fortuna, pois negociantes hábeis haviam descoberto que para lhe impor respeito bastava citar uma cifra astronômica.

Entretanto, apesar de tudo, ele conseguira, também, um autêntico Rubens, um Whistler e outros quadros de real e grande valor.

Certa vez Kale decidiu fazer algumas obras na sua galeria e, em vista disso, a família toda se mudou para um hotel, enquanto que os quadros foram transferidos para o imenso salão de baile, onde ficaram sobre a guarda de três criados.

Foi no hotel que Kale encontrou M. de Lesseps, um francês falador que conquistou desde logo a família inteira. Lesseps ouviu falar da coleção de Kale e mostrou-se desejoso de conhecê-la. Kale para satisfazer o novo amigo, levou-o ao palacete.

— Eis os quadros — mostrou, orgulhoso, a Lesseps.

O francês não se deixou enganar pelos quadros sem valor, mas cada uma das telas que realmente valiam o preço citado pelo dono fazia com que seus olhos brilhassem.

— Meu caro amigo, você é dono de um tesouro.

Kale riu, satisfeito.

— Acha?

— Claro.

— E então que diz a isso?

O milionário reservara o Rubens para o fim. Mostrando-o, então, repetiu a pergunta:

— Que me diz a isso?

— Um Rubens autêntico!

— Exatamente.

— Meu amigo, sabe que eu vi este quadro na Itália, pouco antes do senhor tê-lo comprado? Eu estava querendo comprá-lo, quando soube que um milionário americano viera e arrematara a tela à vista. Diante disso fui forçado a abandonar meu projeto.

Kale, ainda mais alegre, riu gostosamente:

— Competição entre colecionadores, hein? Ah!

Lesseps sorriu:

— Eu sei de homens que se tornam perigosos por causa de quadros...

— Hum... Você é perigoso?

O francês tornou a sorrir:

— Afinal, se eu fosse não o diria. Mas tranquilize-se: sou inofensivo.

O americano novamente soltou uma gargalhada:

— Inofensivo é que você não é. Eu o vi ontem com a condessa... hein, seu manganão?

Lesseps fez uma reverência:

— A condessa é uma senhora de grandes qualidades...

O americano não conteve nova gargalhada.

— Vamos andando?

— Meu amigo — interrompeu Lesseps — queria pedir-lhe um favor.

— Está concedido de antemão.

— Não se precipite.

— Ora! Não vai pedir-me o Rubens, pois não?

— Não. Mas vou pedir-lhe o Whistler...

— Quer que lh'o dê?

— Santa Maria! Nunca pensei nisso! Peço, sim, lealmente, para copiá-lo. Pinto um pouco e gostaria de possuir uma cópia do quadro.

— Pode copiá-lo. Quer que mande o quadro à sua casa?

— Não é necessário nem prudente. O quadro não deve sair daqui. O senhor sabe, o seu grande valor...

— Mas confio lealmente no senhor.

— A questão, todavia, meu caro amigo, é que eu não posso assumir a responsabilidade de velar por uma obra tão rara.

— Bem, nesse caso, venha copiá-lo aqui.

— Não o incomoda?

— De modo algum. Pode vir. Se preferir trabalhar noutra sala...

— Aqui está ótimo.

Já iam saindo, quando o francês observou:

— O meu amigo devia tomar mais cuidado com seus quadros. Devia ter um... investigador aqui...

— Mas não é necessário.

— Quem o pode dizer?

— Ninguém se atreveria a roubar meus quadros.

O francês esboçou um sorriso.

Logo no dia seguinte Lesseps começou a trabalhar. Kale veio instalá-lo a gosto, e depois de vê-lo pintando alguns minutos pediu licença e retirou-se.

Entretanto todos os dias, pela manhã, antes de ir para o escritório, Kale vinha visitar o pintor e saber como ia o quadro.

Finalmente ficou pronto. Lesseps pediu a Kale que viesse admirar seu trabalho.

— Admirável!

Lesseps teve um sorriso modesto.

— Garanto que terá um sucesso extraordinário quando for exibido.

Mas Lesseps protestou:

— Não será exibido. E' uma cópia que eu fiz para meu próprio deleite. Somente. Vou pen-

durá-la em cima de minha la-reira.

Kale não conseguia compreender como um homem com aquela habilidade e a probabilidade de ganhar dinheiro assim não a aproveitasse o mais possível.

— Bem — disse Lesseps — quando for colocar o quadro no seu devido lugar, na galeria, pode me chamar para ajudar. Não se acanhe. Eu conheço o valor disso tudo e teria mais cuidado do que um empregado ignorante.

Kale agradeceu e Lesseps partiu.

Foi no dia em que os quadros foram recolocados na galeria que estourou a bomba. Estavam acabadas as obras e era preciso trazer as telas para baixo, tirá-las do salão de baile. Kale lembrou-se logo do oferecimento de Lesseps, aliás muito gentil, e decidiu pedir a ele que se encarregasse de vigiar a mudança.

Lesseps não se fez de rogado. Veio imediatamente.

— Vamos em primeiro lugar desembrulhar o Rubens...

Tinha sido por sugestão do próprio Lesseps que o Rubens fôra envolvido em papel e colocado sobre uma mesa. Ele encontrara o quadro simplesmente encostado a um canto, e reclamara contra aquela falta de cuidado. Tinham então tomado aquela providência.

— Desembrulhemos logo o Rubens — repetiu Lesseps, e arrancou a folha que cobria a tela, mas esta não estava lá. Estava somente a moldura: a tela fôra arrancada. Desaparecera.

Quando o milionário entrou, furioso, no gabinete do inspetor e reclamou que seu Rubens fôra roubado, este levantou os olhos do trabalho e disse:

— Quem é Rubens?

— E' de um quadro que estou falando! Uma tela, com tinta em cima, se é esta a única maneira de fazê-lo compreender.

— Um quadro.

— Um quadro que me custou cinquenta mil dólares e que me roubaram.

O milionário estava tão agitado que nem sabia o que estava dizendo. Finalmente porém, depois de alguns minutos, conseguiu acalmar-se suficientemente para dizer em que circunstân-

Continua na pág. 41

O CASO DO RUBENS
Conto de JACQUES FUTRELLE

Materiais — 220 gramas de lã azul, 160 gr de lã vermelha, 2 jogos de agulhas de grossura diferente.

O trabalho é feito em ponto sanfona duplo; tecido alternado 2 p. do direito e 2 p. do avesso em ponto sanfona fantasia tecidos sobre uma quantidade de pontos ímpares começando cada carreira com 2 p. do direito e em ponto jersey, tecendo alternado 1 carr.: do direito e 1 do avesso.

Para talhe 46; montar na agulha com lã azul 100 p. (sobre as mais finas) e tecer em p. sanfona duplo 10 cm. Continuar o tecido com as agulhas mais grossas, e lã vermelha em p. fantasia aumentando na 1.ª carr.: 3 p. e em cada lado 4 vezes 1 p. cada 4 cm. (111 p.). Aos 30 cm. começar a cava, fechando em cada lado primeiro 4 p. e depois 6 vezes 1 ponto em todas as 2.ªs carr. Continuar o tecido reto até medir 49 cm. formar os ombros, fechando em cada lado 5 vezes 6 p. fechar os p. restantes para o decote. Estão feitas as costas.

Frente — Montar sobre as agulhas mais finas 110 p. lã azul, continuar o trabalho com lã vermelha ponto de jersey seguindo a mesma diretriz e aumentando dos lados 5 vezes 1 p. cada 4 cm. (120 p.). Aos 31 cm. formar a cava fechando de cada lado 5 p. 3 p. e 4 vezes 1 p. em

SEU TRICOT

todas as 2.ªs carr. Aos 35 p. de altura total, fecha-se 18 p. no centro e se deixa suspenso um lado para formar a abertura do decote; continuar tecendo até que meça 45 cm. fechar na frente na beira 8 vezes 1 p. em todas as 2.ªs carr. formando o decote; tecer reto até que meça 50 cm. e formar o ombro; terminar o outro lado.

Gola — Montar em lã azul 204 p. e tecer 6 cm. em p. sanfona duplo. Fechar em cada beira 52 p. e depois 5 p. em todas as 2.ªs carr.

Mangas — Para as mangas montar em lã azul 53 p. e tecer 8 cm. em sanfona duplo depois em sanfona fantasia, aumentando de cada lado 23 vezes 1 p. cada 1½ cm. (99 p.) aos 44 cm. formar a parte superior.

PULL-OVER DE ESPORTE



O caso do Rubens

Continuação da pág. 39

cias o quadro desaparecera. Na realidade ele pouco sabia a respeito, afirmando somente que havia começado a desembrulhar em companhia de um amigo, o quadro, quando vira que somente a moldura estava ali. Confessou também que o mesmo amigo já lhe tinha prevenido que tomasse cuidado com ladrões e lhe descrevera extamente este modo de roubar muito comum entre ladrões de museu.

— Quer dizer, então, que só nessa ocasião o senhor notou que o quadro desaparecera? Qual foi a última vez que o viu?

— Quando o mostrei a esse meu amigo e ele me aconselhou que o embrulhasse...

— Este seu amigo parece muito ativo, nesse caso. Sugiro que o visitemos, para que ele nos esclareça sobre o que puder.

Lesseps recebeu-os com a maior gentileza, respondendo às perguntas com clareza e precisão. Entretanto pouco souberam dele. Somente o que já o milionário relatara. Antes de sair, porém, o inspetor pediu licença para ver a cópia que ele fizera do quadro de Whistler, e Lesseps designou-lhe uma tela que estava pendurada em cima da lareira.

Ao saírem Lesseps disse ainda, brincando:

— Se não encontrar o Rubens, Kale, dou-lhe uma tela

minha. Quem sabe se mais tarde eu não serei importante como pintor e então seus herdeiros haverão de ganhar com a troca?...

Foi nesse ponto que A. F. X. Van Dusen tomou conta do caso.

— Foi aquele francês — disse logo o inspetor. Mas Van Dusen abanou a cabeça.

— Não creio que ele fôsse capaz de fazer tudo aquilo e depois continuar cinicamente por perto. Em todo caso, ele deve ser investigado.

Continuaram as buscas, à procura do quadro, enquanto Van Dusen foi visitar Lesseps.

— Bom dia, doutor. Já ouvi falar muito do senhor. Queira ter a bondade de entrar.

— Obrigado.
— Sente-se. Não faça cerimônia.
— Novamente agradeço.
— A que devo essa honra?
— Estou interessado no roubo do Rubens do milionário Kale...

— Ah... sim... Eu mostrei-lhe muitas vezes o perigo da vigilância precária que era feita, mas ele não me deu atenção e o resultado foi aquele.

— Uma pena que ele não tenha seguido os seus conselhos.

— Lamentei sinceramente a perda, porque ele é meu amigo, mas na realidade, Kale não sentirá tanto assim. Não era o quadro que o agradava tanto mas o preço que lhe custara. Ele tem lá vários quadros de nenhum valor que mostra orgulhosa-

CABELOS BRANCOS ?
LOCÃO
Brilhante

mente como se fôsse obras primas, somente porque lhe foi cobrado muito dinheiro por eles.

Depois de uma pausa Van Dusen pediu que Lesseps lhe mostrasse a cópia do Whistler.

Conversaram mais um pouco e ele saiu finalmente prometendo voltar em outra ocasião, para uma visita de outro gênero.

Quando chegou à Chefatura de Polícia encontrou o inspetor radiante.

Continua na pág. 51.

Roberto Reynoso e o cenário amazônico

(Continuação da página 26)

do no papel o que de extraordinário sua alma sentia. E assim nasceu o artista. Esse, que no dizer de Oscar Wilde "é o creador de belas coisas, porque vê e pode exprimir tudo".

A cidadezinha de Arequipa mostrou-se pequena para o pintor. Era preciso mostrar ao mundo inteiro que o Perú possuía um creador de belas coisas. E Reynoso inicia uma excursão pela América Central, levando a cada país a mensagem de arte da sua Pátria estremecida. Na terra de Jaurez recebe honras excepcionais, sendo considerado hóspede do governo. Deslumbra-se então com o país dos Incas, mas é preciso alçar um voo mais longo. Ir à Europa, afim de conhecer os tesouros da arte clássica. Estudar a pintura contemporânea. Travar contacto com os mestres. E Reynoso parte. Visita a Itália, percorrendo seus museus. Vai à Espanha, onde admira os trabalhos de Goya. Ruma para a França, recebendo aplausos de Camille Monclaur, e expõe no Salon de Paris, sendo seus trabalhos elogiados pela crítica. Bélgica, Holanda e outros países do velho continente recebem sua visita. Daí, o retorno em busca de novas emoções. A Amazônia. O silêncio reparador. Novas telas. Exposições em Manaus. Exposições em Belém. Aquisição completa de seus quadros pelos admiradores do belo. Chegada à Cidade Maravilhosa, com regular número de trabalhos. Exposição no Palace Hotel. Novo êxito na carreira do consagrado pintor. Nem um só quadro retornou ao atelier. Todos foram adquiridos. Houve mesmo quem disputasse os comprados.

Mas o pintor peruano continua no firme propósito de devorar distâncias. Agora mesmo prepara-se para inaugurar uma nova mostra de arte, levando à terra bandeirola a pujança de seu extraordinário poder em fixar paisagens.

Perfume

MARCISO AZUL

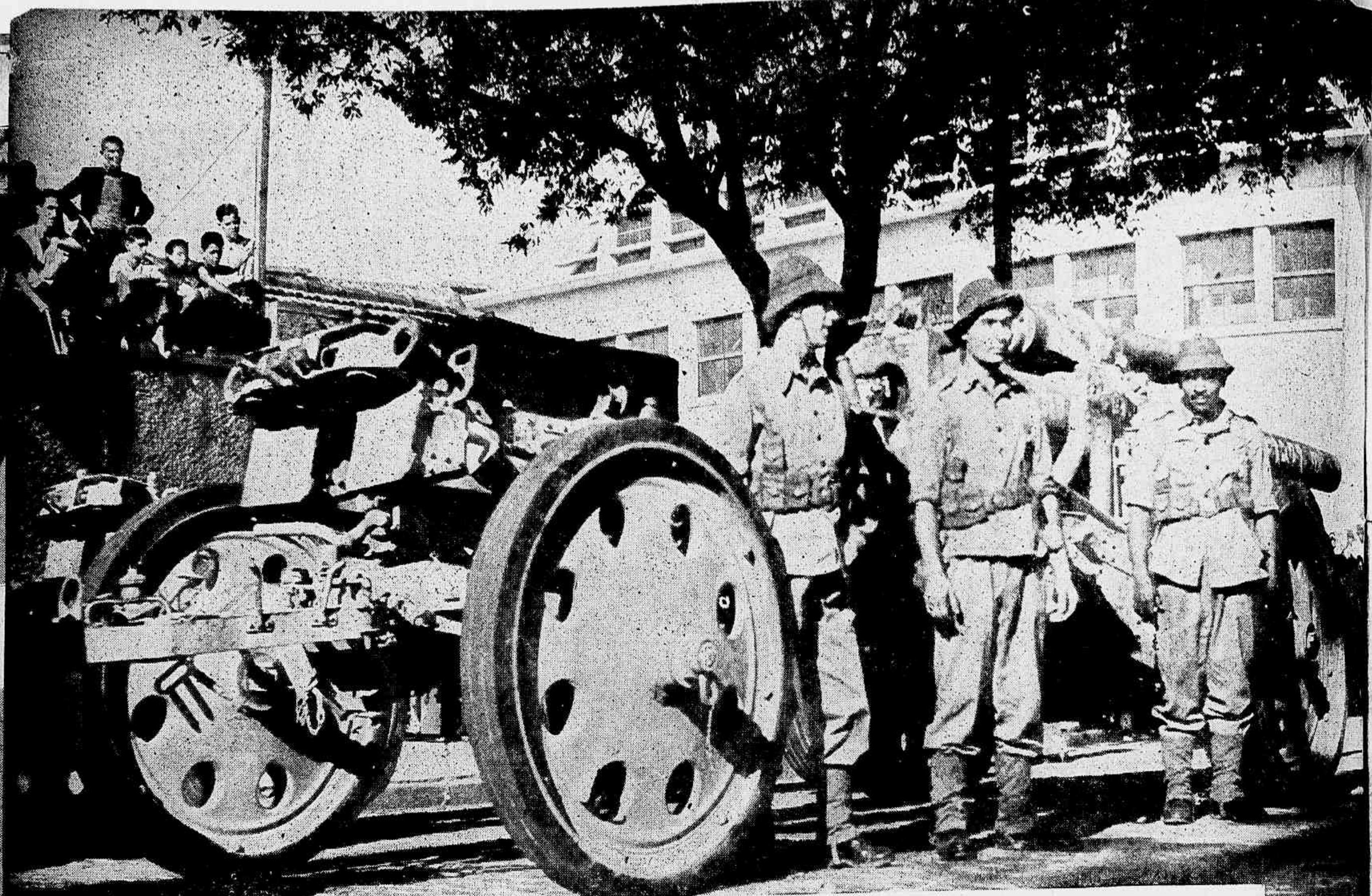
de

GALLY

Água de Colônia
Brilhanina
Extrato
Loção
Óleo Perfumado
Pó de Arroz
Sabonete

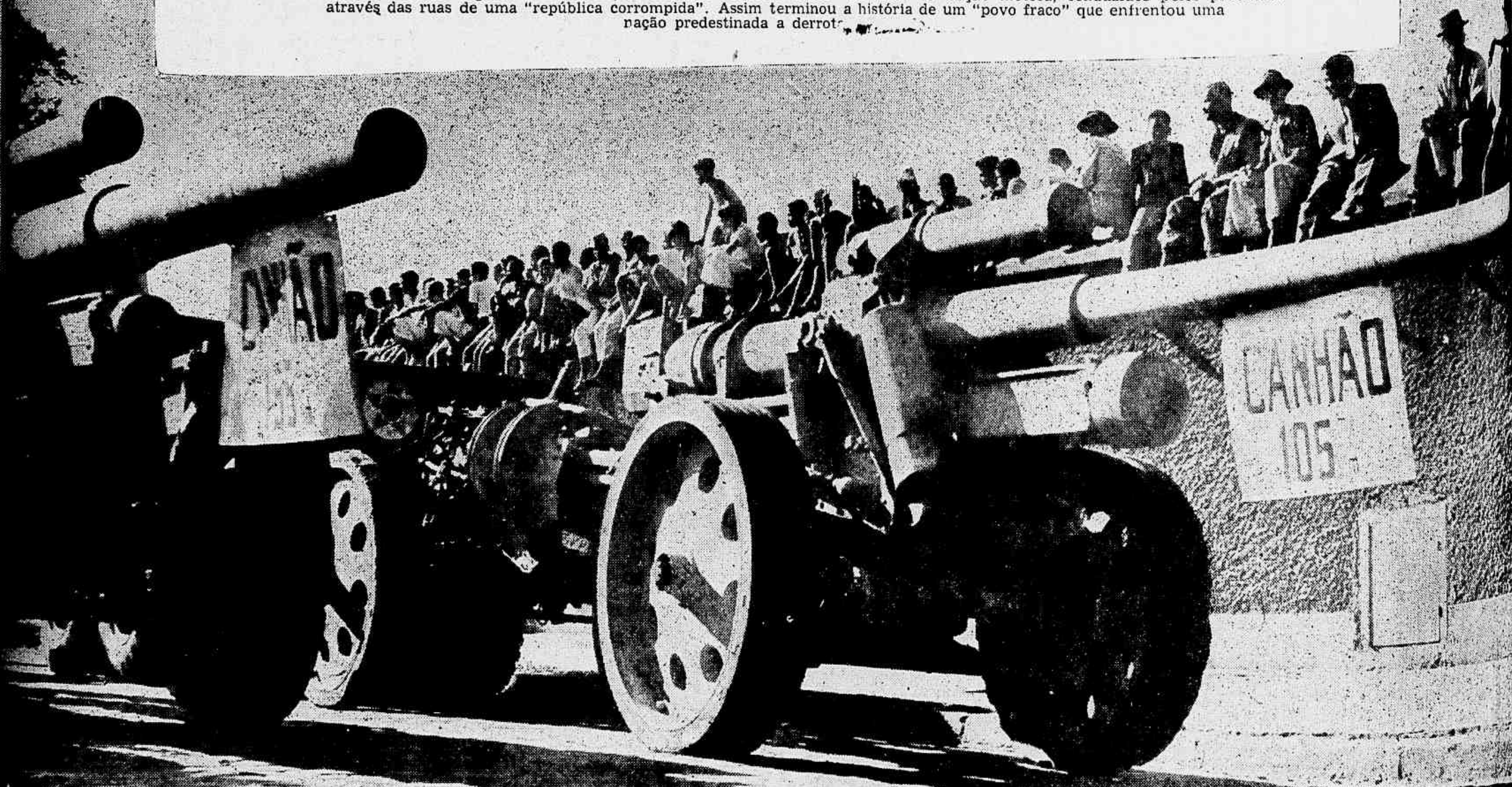
Narciso Azul de Gally eterniza os momentos sublimes com as mais doces recordações!...

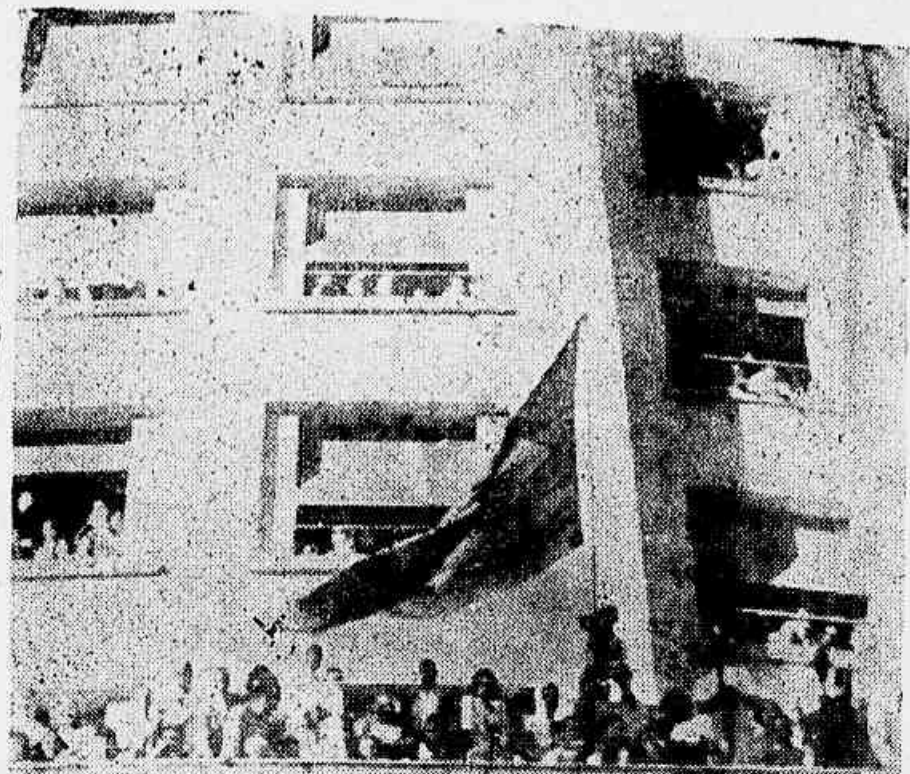
À VENDA EM TODO O BRASIL



De volta os expedicionários

El-los aí. Feras apocalípticas que vomitaram fogo sobre a Bélgica, a Holanda e a França, bocas de fogo que dominaram argumentos e idéias, peças de artilharia que emudeceram em Munich os idólatras da covardia e da resignação. Esses eram os "fatos consumados". Existiam canhões e não leis. Existia não uma justiça internacional mas, ao contrário, povos fracos que deviam ser dominados pelos fortes. Agora aí estão eles, os terríveis "cento e cinco" alemães de tração motora, conduzidos pelos pracinhas através das ruas de uma "república corrompida". Assim terminou a história de um "povo fraco" que enfrentou uma nação predestinada a derrotar.

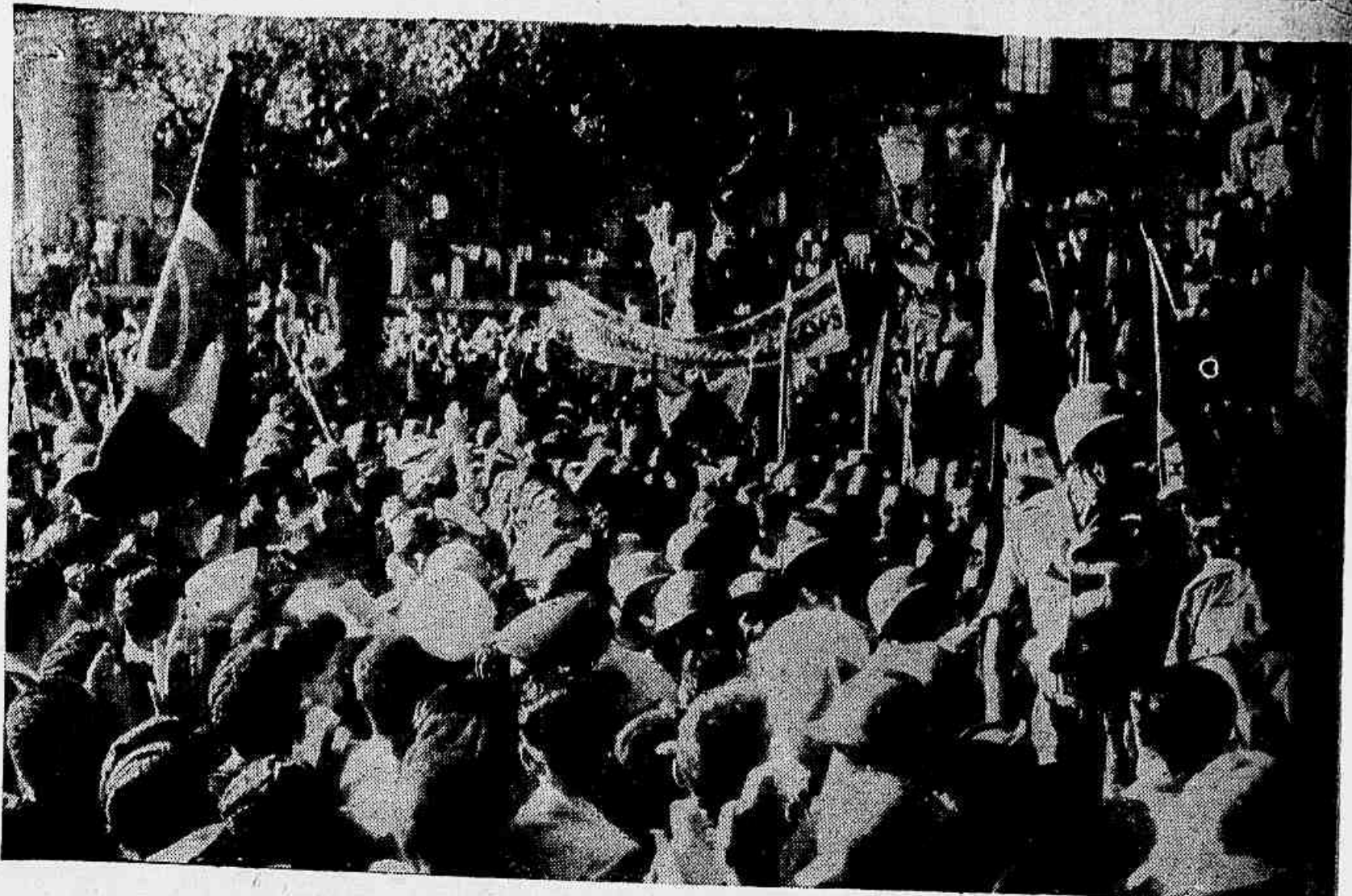




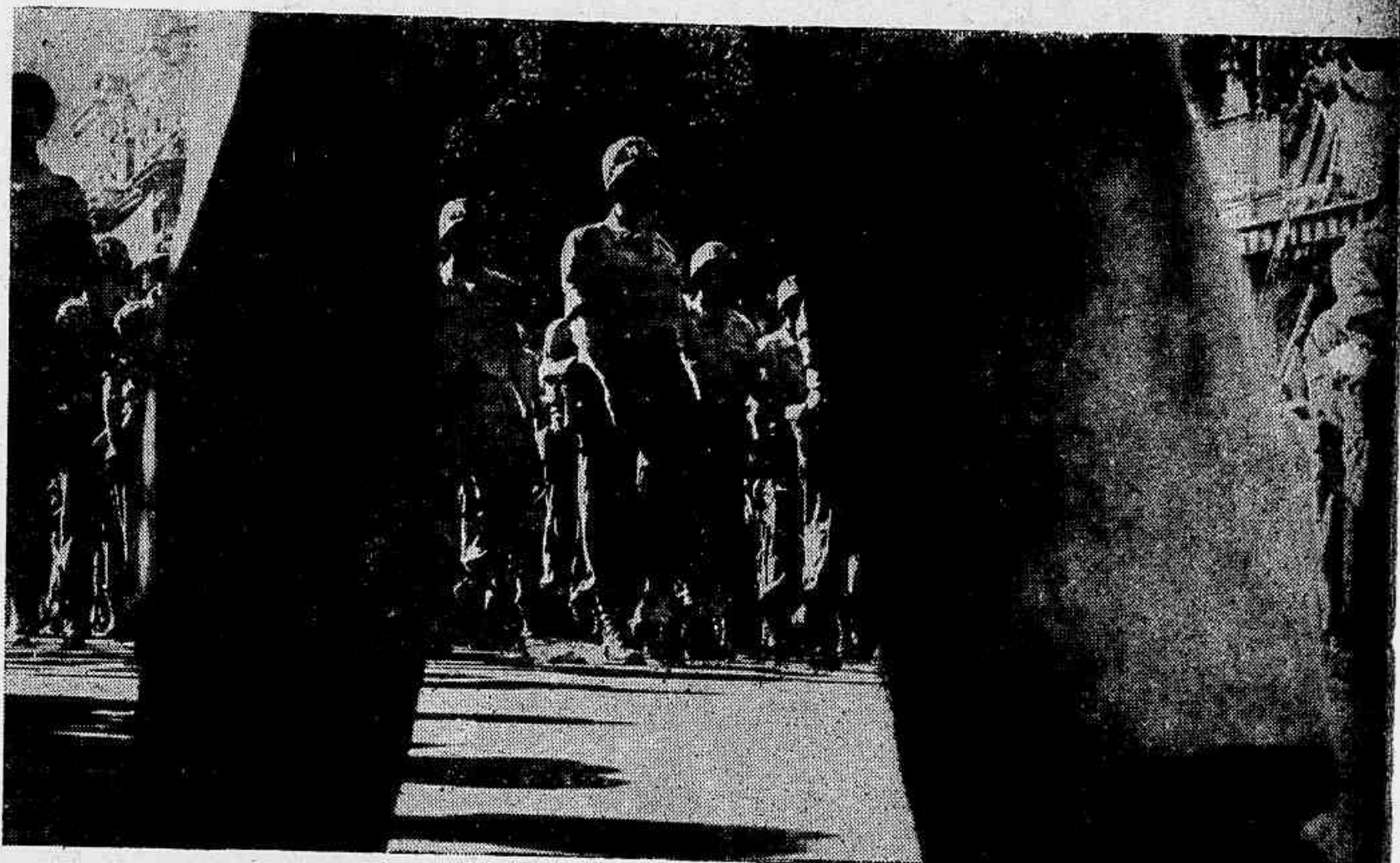
No alto dos arranha-céus as bandeiras verde-e-amarelas se agitavam ao vento como uma saudação da Pátria aos seus filhos queridos que regressavam vitoriosos do campo de honra. E eles passavam ufanos e gloriosos entre as alas de povo que os aclamava.



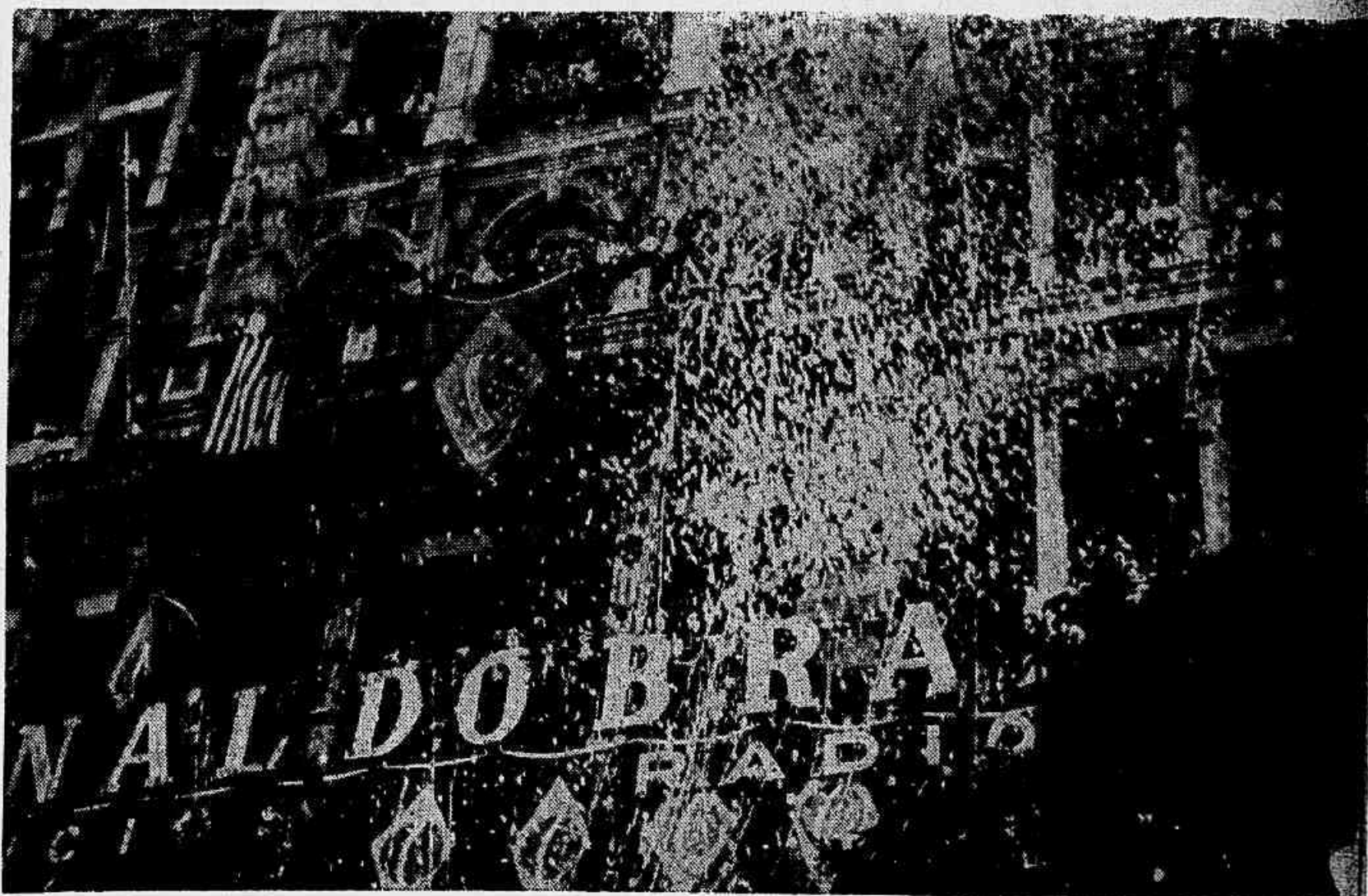
Desembarcados, e desejando rever os velhos amigos, eles se enfileiraram a uma ordem. Perfilados, esperavam que o oficial passasse em revista as suas fileiras. O fotógrafo conseguiu um magnífico flagrante da formatura de um pelotão.



O regimento passou. Atrás seguiram-se outras tropas. E sempre a precedê-las as gloriosas bandeiras, à sombra das quais se desenrolaram as epopéias de Monte Castelo e de Castelnuovo. O povo aclamava os seus heróis e saudava reverentemente as bandeiras auri-verdes que voltavam dos campos de batalha da Itália cobertas pela glória de muitos meses de luta. Elas vêm agora servindo de pálio aos heróis que retornam. Mas lá fora, sobre a neve dos Apeninos, foram elas a gloriosa mortalha dos heróis que tombaram.



Em passo ordinário, cheios de garbo e vigor, marcham pela Avenida os soldados da Força Expedicionária Brasileira. A frente da divisão de infantaria desfilarão os componentes de unidade da Polícia Militar, exibindo os capacetes característicos. Ai estão eles fotografados no momento em que rompiam a marcha, nas proximidades da praça Mauá. A esse contingente de bravos coube importantes tarefas no "front", inclusive o patrulhamento das estradas e a direção do tráfego tanto na retaguarda como na frente de combate.



A maior massa popular jamais reunida no Rio de Janeiro assistiu ao desfile das tropas expedicionárias pelas ruas da Capital da República. Do alto das janelas milhares de pessoas acenavam aos bravos da F. E. B. com bandeirolas e lenços. Pelas fachadas dos arranha-céus bandeiras das Nações Unidas se penduravam às centenas. Quando os vitoriosos pracinhas começaram a desfilar, uma chuva de "confetti" e pedaços de papel desceu sobre o asfalto da avenida Rio Branco. E os heróis passaram em meio das aclamações do povo de sua terra.



**Comece
pela raiz!**

A semelhança das plantas,
o cabelo absorve pela raiz as sub-
stâncias que lhe dão vida, beleza
e longevidade. Tônico Oriental, sin-
gularmente perfumado, nutre os
filamentos capilares, higieniza a
cabeça, elimina a caspa, evita a
queda e dá brilho, vigor e ma-
deira aos cabelos.

**Tônico
ORIENTAL**

**Cabelos Brancos???
Escurecedor Discreto**

Informações:
Rua Faria, 141 - Rio de Janeiro
0100 - LOCAO

**ROUGE LIQUIDO
RAINNA DA HUNGRIA**

De Mlle. Camille
134 AS FLORES UM ROSEAU
INCOMPARAVEL
A VENDA EM TODA A PAIS

PARA AS NOSSAS GAROTAS

Vestindo de lá, São
em cima, agora, a
blusa em tom mais
claro. Rolos por-
tando. Vestido em
corpo de lá, e o
de tecido e se-
doso. Vestido
sencilho, em lá, que
destaca. Em lá, a
blusa e o vestido
simplificam-se com
botões de lá,
marrom. O vestido
desta moda é o
que se pode mos-
trar de novidade
para um vestido de
verão. E, finalmente,
o último com uma
boa combinação
de cores.



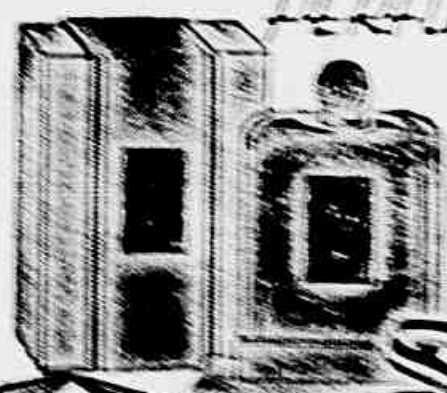
iencarelli

**criou para a grande
parada anual
de elegância no
Sweepstake de 1945**

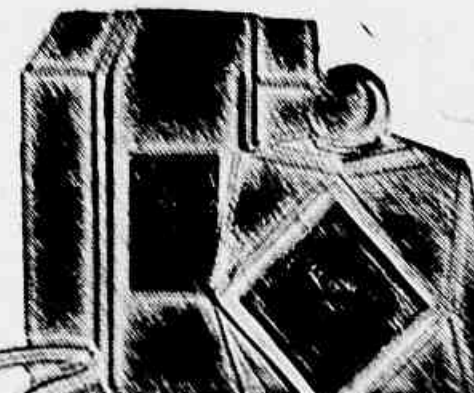
modelos exclusivos de calçados

iencarelli AV. ALMTE. BARROSO, 5

**UM PRESENTE
DE CLASSE
E DISTINÇÃO**



Rien



**PERFUMES
BELLES FLEURS
MUSCO CHINE
05**

DE Música

ERICH KLEIBER

Os olhos do maestro vienense estão voltados para os Estados Unidos. O ano passado ele esteve lá, para reger uma ópera. O espetáculo não foi no Metropolitan; porém, ao que parece, realizou-se justamente para que a diretoria da maior cena lírica americana pudesse apreciar as suas qualidades e pensar nele como substituto eventual de Bruno Walter que, segundo consta, está cuidando seriamente de voltar para a Europa.

Tudo isso não passa, por enquanto, de meras conjecturas,

mas, por outro lado, o fato é significativo e a conclusão tirada nada improvável.

Resta-nos fazer um pequeno retrospecto da temporada de concertos sinfônicos encerrada recentemente e que teve a orquestra do Teatro Municipal sob a batuta de Kleiber.

O ciclo de Beethoven se por um lado nos deu grande prazer pela autoridade, pela lucidez com que Kleiber estudou e regiu as sinfonias, por outro lado não nos deixou satisfeitos. De fato, não era precisamente aquilo que esperávamos dele. Batalhador incansável em prol da música moderna, contávamos com ele para arejar um pouco o nosso ambiente musical, lançando umas lufadas de ar fresco e renovado. A apresentação de obras nunca executadas entre nós seria um feito importante, porque o prestígio adquirido pelo regente bastaria para vencer a má vontade de uma parte do público em relação à música contemporânea, assegurando pelo menos um êxito modesto — o que, em vista da situação precária entre nós dessas obras dos nossos tempos, seria um êxito retumbante e significativo.

Quanto à música brasileira, só me foi possível lamentar a escolha infeliz das partituras. Não sei nem é importante verificar de quem é a culpa: se do maestro, se dos próprios compositores. De qualquer forma é triste ver perdida essa ótima oportunidade de divulgação daquilo que compõem os nossos artistas. Enfim...

A despedida foi feita com música de Wagner num excelente concerto. Notou-se todavia que ainda existe uma grande parte dos ouvintes em dificuldades para "entender" a música do alemão que teve gênio mas não teve caráter. Isso me impressionou profundamente. Ainda há

românticos incompreendidos entre nós! Imaginem o que não acontece com os que vêm depois...

Roberto Lyra Filho

NOTICIÁRIO

A nova discoteca da Prefeitura já está à disposição do público, com todas as facilidades para que o povo possa ouvir a música que deseja à hora que lhe aprouver. É mais uma realização que se deve ao incansável Maciel Pinheiro.

Um correspondente escreveu à revista "Musical Courier" perguntando se havia mercado negro para as óperas novas ou então onde estavam elas. A resposta deveria ser que se não há mercado negro, não falta raciocínio. Na realidade o que há é boicote.

Aconteceu com Grace Moore... A irrequieta diva está perpetuamente em apuros. Chegaram, recentemente, notícias da França informando que sua vila, no Mediterrâneo, foi invadida, durante a guerra, por soldados italianos, e saqueada. A mobília desapareceu. O comentário da cantora ao saber do que se passara foi: "E eu que já cantei tantas óperas italianas...". Qualquer relação entre o fato e a observação é mera coincidência.

A beleza é obrigação

A mulher tem obrigação de ser bonita. Hoje em dia só é feio quem quer. Essa é a verdade. Os cremes protetores para a pele se aperfeiçoam dia a dia.

Agora já temos o creme de alface ultra-concentrado que se caracteriza por sua ação rápida para embranquecer, afinar e refrescar a cutis.

Depois de aplicar este creme, observe como a sua cutis ganha um ar de naturalidade, encantador à vista.

A pele que não respira resseca e torna-se horrivelmente escura. O Creme de Alface permite à pele respirar, ao mesmo tempo que evita os pontos, as manchas e asperezas e a tendência para pigmentação.

O viço, o brilho de uma pele viva e sadia volta a imperar com o uso do Creme de Alface "Brilhante". Experimente-o.

Para limpar

prata...



...Silvo vale

ouro!



Ao mesmo tempo
LUSTRA e LIMPA
a Prataria!

pois é preciso não esquecer que
o raciocínio é de prima dona...

Depois de um grande sucesso
no Metropolitan, o maestro
Erick Leinsdorf foi a uma festa
em casa de Lauritz Melchior,

(CONTINUA NA PÁG. 49)

CUTIS CANSADA



e sem viço

As pérfidas rugas na testa e ao redor dos olhos, as sardas, manchas, cravos e espinhas, são traiçoeiros inimigos da beleza da mulher. Quando surgem estas imperfeições, lançando nuvens sobre a sua felicidade, confie nas virtudes do Creme Rugol. Rugol corrige rapidamente as causas do envelhecimento prematuro da cutis. Este famoso creme embelezador, usado todas as noites em suaves massagens no rosto, pescoço, e todos os dias como base do "maquillage", remove as impurezas que se acumulam nos poros, fortalece os tecidos, dá vigor e mocidade à pele. Com apenas uma semana de uso do Creme Rugol a sua cutis poderá ficar macia, limpa e acetinada, aumentando os seus encantos e protegendo a sua felicidade. A felicidade de amar... e ser amada.

CREME
RUGOL

Alvim & Freitas, Ltda. - C.P. 1379-S. Paulo



TINTURA FLEURY

DÁ JUVENTUDE
AO SEU CABELO

Em poucos minutos a cor natural voltará aos seus cabelos. Escolha entre as 18 tonalidades diferentes da Tintura Fleury aquela que mais lhe agradar.

APLICAÇÃO FACILÍMA:

Peça ao nosso serviço técnico todas as informações e solicite o interessante folheto "A Arte de Pintar Cabelos", que distribuímos gratis.

CONSULTAS, APLICAÇÕES E VENDAS: Rua 7 de Setembro, 40 - 5º. Fl.

Nome

Rua

Cidade

Estado

R.S.

Um preparado fino para Conservação e Polimento de:

MOBIS EM GERAL — AUTOMÓVEIS
ARTEFATOS DE COURO — RÁDIOS — REFRIGERADORES
PORTAS E JANELAS — ESCADAS — ASSOALHOS

DISTRIBUIDORES EXCLUSIVOS

Rua do Passeio 48/56

RIO DE JANEIRO — SÃO PAULO — P. ALÉGRE
PELOTAS — RECIFE — BELO HORIZ. — NITERÓI

MESBLA

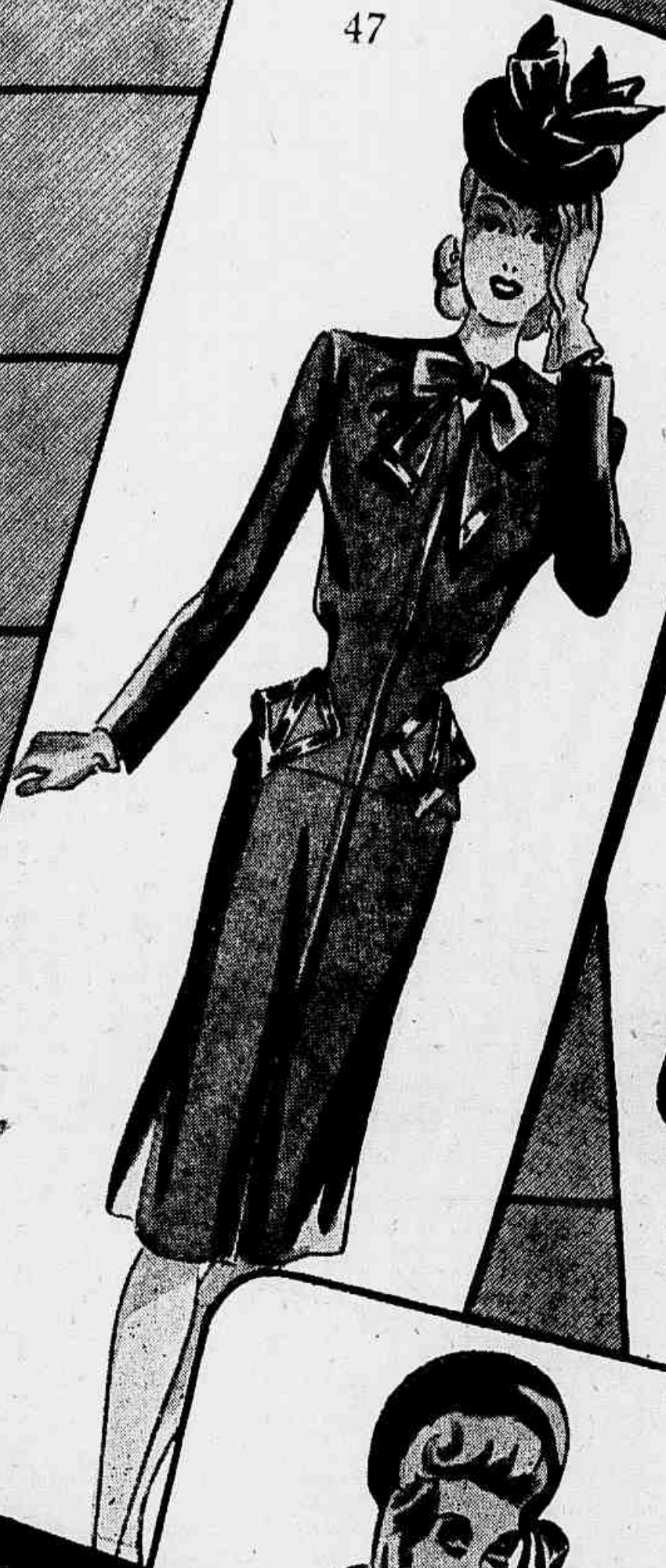
A venda nas casas de:

TINTAS
FERRAGENS
ACESSÓRIOS
para AUTOS

Intimidade

Elegante combinação em crepe da China rosa, ricamente ornada com renda ocre. A segunda, em seda lavável, graciosamente trabalhada em bainha aberta. A terceira, em cetim, bordada em "pois". Camisa de noite, calça e combinação esplendidamente ornadas de renda. "Robe de chambre" em seda lavável com babados do mesmo tecido. Encantador "ensemble" em fina lã bordada em galões de seda. E finalmente o lindo "robe" inteiramente "martelaser", com um grande bolso em forma de coração, cujo desenho se repete na barra da saia ampla e graciosa.





PARA AS TARDES DE SOL

Aqui estão algumas sugestões para a hora do chá: 1 — Ligeiro "tailleur" marrom; galão ciré sublinhando os bolsos e a gravata; 2 — Costume vermelho enfeitado com uma ligeira guarnição em azul marinho; 3 — Este modelinho é um original "ensemble" em lã angorá "bordeaux" e bordado a "soutache"; 4 — Este costume é adornado com galões fantasia; 5 — Conjunto em lã preta; bolsos simulados em "soutache". Ligeiro apanhado na cintura.

Usar a pasta S. S. White é saber dar preferência ao dentífrico mais indicado para higiene e conservação dos dentes.



DIABETE -- OBESIDADE -- MAGREZA

Modernos métodos de tratamento de ENGORDA, EMAGRECIMENTO, DIABETE e PRISÃO DE VENTRE

Aparêlho digestivo e Nutrição (regimes). Glândulas de secreção interna. METABOLISMO BASAL e TUBAGEM DUODENAL

CLÍNICA ESPECIALIZADA DO
DR. ALARICO SOARES

Médico adjunto da Santa Casa e Médico Chefe da Seção de Obesidade e Magreza do Serviço de Nutrição, da Policlínica Geral do Rio de Janeiro.
Consultório: Edifício Góes — R. Alvaro Alvim, 27-3.º and. sala 33 — Cinelândia. Fones: 22-5110 ramal 33 e 25-4380 — Consultas: Das 13 às 16 hs.

CALOS

Dedos Doloridos Pelos Sapatos Apertados

Remédio Científico que Age Instantaneamente.

Remove os Calos com Rapidez.



Use Zino-pads do Dr. Scholl e obterá pronto alívio para os sofrimentos causados pelos seus calos ou feridas entre os dedos. É maravilhosa a rapidez com que os Zino-pads neutralizam a pressão dolorosa exercida sobre o ponto sensível. Leves, macios, delgados, protetores, esses "pads" evitam a formação de calos, pontos sensíveis, bolhas e calcanhares ardidos. Os Zino-pads do Dr. Scholl facilitam o uso de sapatos novos ou apertados. Com o remédio, você obterá também os Discos Medicados para a rápida remoção dos calos. Os Zino-pads Dr. Scholl custam uma ninharia. À venda em todas as farmácias e droguarias ou nas Lojas Dr. Scholl. Procure-os hoje mesmo!

Exames e conselhos grátis sobre todos os males dos pés. Pedicuros científicos sempre à disposição.

Lojas Dr. Scholl
PARA O CONFORTO DOS PÉS
RUA S. JOSÉ, 114 - RIO
RUA DO AROUCHE, 71 - S. PAULO

PÓ DE ARROZ
RAINHA DA HUNGRIA

De Mme. Campos
FINO, ADERENTE E INVISÍVEL.
À VENDA EM TODA A PARTE

O NOSSO MODELO

Os distúrbios sexuais na mulher e o seu tratamento moderno

Data de 1923 a significativa descoberta de dois cientistas norte-americanos, que encontraram nos ovários duas espécies de secreção, as quais regem a vida sexual da mulher. Foi precisamente baseado nessa grande descoberta que se chegou à realização de uma grande fórmula, pondo à disposição da mulher um tesouro de grande valor, cujo nome é PANSEXOL "F". Possui o Pansexol "F", pela sua fórmula, os requisitos necessários para combater eficazmente a fraqueza e a neurastenia sexual, falta de vigor e vitalidade, regras tardias, irregulares, pouco abundantes ou excessivas, como também é empregado com resultados marcantes em todos os casos de obesidade ou magreza glandular, flacidez da pele e da cutis e todas as doenças provenientes da idade crítica (menopausa). Seu uso proporciona logo às primeiras drageas aumento de atividade intelectual, entusiasmo, bem-estar geral. "PANSEXOL" feminino encontra-se à venda em todas as Drograrias e Farmácias.

Fórmula do Prof. Austregésilo
Remetemos pelo reembolso Postal
Cr\$ 25,00 o vidro

Produtos PANVITAL - Rua da Estréla, 6
RIO DE JANEIRO

Senhoras!
Se a
Natureza Falha

MENAGOL
REGULA

Chamamos a especial atenção de nossas leitoras para o modelo que lhes oferecemos nesta página. Trata-se de um vestido para passeio, feito em crepe Birmânia, tonalidade pistache, modelo Yelo-Hyta. A blusa é franzida, a manga japonesa, a saia com apunhado também franzido, preso por fivela. Nosso modelo, que posou especialmente esse figurino, tem seus encantos pessoais sensivelmente realçados. Trata-se, sem dúvida, de um vestido cuja singeleza no corte prevalece por si mesmo, mas que terá um efeito extraordinário quando nossa leitora elegante passar, pela Avenida, estendendo esse vestido "up to date".



O PINCE-NEZ DE OURO

OFICINA DE 1.ª ORDEM
AVIAM-SE RECEITAS MÉDICAS COM EXATIDÃO

ÓCULOS, PINCE-NEZ, LORÇONS
R. CARIOCA N.º 23

Joalheria

LUIZ R. RICART
TEL. 22-4690 -- RIO

JOIAS, RELÓGIOS, BRILHANTES
E ARTIGOS PARA PRESENTES

HEMORRHOIDAS? tome
 LIC. 3518-14-3 925 R.M.S.P.
 ENCONTRA-SE EM TODAS AS FARMACIAS E DROGARIAS
Pílulas de Herva de Bicho
 GARANTIDAS! ÓPTIMAS!
 INFALLÍVEIS!

DE MUSICA

(CONTINUAÇÃO DA PÁG. 45)

que comemorava o seu 200.º "Tristão e Isolda". Terminada a festa, Leinsdorf verificou que só lhe restava um chapéu para colocar. Evidentemente alguém levava o seu. O mais curioso é que no chapéu deixado havia as suas iniciais: E. L. Sem mais hesitações ele tomou-o, apesar de ser pequeno de mais, e saiu com ele. No dia seguinte resolveu perguntar a um funcionário do Metropolitan que tinha as mesmas iniciais se por acaso não tinham trocado de chapéu. Mas este disse que não, saíra com o seu. Assim sendo Leinsdorf tornou a colocar o conspícuo ornamento bem no topo da cabeça, e ia saindo quando, na secretaria, uma funcionária do teatro disse para um companheiro: "Olhe só como o maestro es-

tá com a cabeça inchada. Deve ter sido um fracasso ontem!..."

Informam-nos da Itália que Gigli foi vaiado por metade do público de um concerto e aplaudido pela outra metade. Ele cantou como nunca, diz o correspondente. Os aplausos e vaias foram por motivos políticos. Gigli, como é sabido, aderira a Mussolini.

Schipa deu vários concertos na Alemanha. Sua esposa, todavia, ajudou os aliados sempre que pôde, e esteve envolvida em conspirações contra Mussolini. Consta que no ano passado ela esteve presa cinco dias por ter saudado alegremente os soldados americanos que entravam numa cidade italiana.

— Que é isto, meu Amigo? Sente-se cansado, abatido? Não se sente bem disposto? O que lhe falta é um bom Tônico reconstituente.

Tome **NUTROFOSFAN** e ficará satisfeito. **NUTROFOSFAN** nutre, revigora o organismo, enriquece o sangue, vale SAUDE.

BIGODE
 DE SENHORAS E VERRUGAS
 ELIMINAÇÃO GARANTIDA SEM CORTAR
 ESPEC. GUILHERME ELOTZ
 SÃO PAULO - 1471 Av. Brig. Luiz Antonio
 TRATAMENTOS CIENTÍFICOS DA CUTIS
 Não enviar-se prospecto:
 NOME _____
 ENDEREÇO _____

Os metais
 dão brilho
 ao lar...



Brasso
 - DÁ BRILHO
 AOS METAIS!

**UM FILME ACLAMADO PELA CRITICA E
 PELO PUBLICO!**

O CORTIÇO

extraído do romance de **ALUIZIO AZEVEDO**



"Aluizio Azevedo, espectador, aplaudiria o filme com o entusiasmo do romancista, que pode rever-se com o mesmo orgulho na perfeição desse trabalho cinemático e no realismo da sua obra inesquecível."

CELSO VIEIRA
 (da Academia Brasileira de Letras)

"Perfeito. É um grande filme brasileiro. Nada lhe falta para ser um grande filme, na linha das melhores criações, do cinema que associa literatura e vida real, evocação e sentido humano, sensibilidade e arte, técnica e espírito. O romance de Aluizio Azevedo achou na animação cinematográfica um esplêndido comentário: resalta nas suas qualidades, e resplandece nas suas intenções sociais. "O Cortiço" surge-nos com isto na sua mais bela "edição": revivido no aplauso e na admiração do público."

PEDRO CALMON
 (Presidente da Academia Brasileira de Letras)

"O Cortiço" é o mais encantador filme nacional que os meus olhos, até hoje, já viram."

LUIZ EDMUNDO
 (da Academia Brasileira de Letras)

"...Na verdade "O Cortiço" é superior a tudo quanto o cinema nacional tem nos mostrado, nos últimos anos. A transposição da obra de Aluizio Azevedo é excelente. Recomendando a todos que vejam "O Cortiço" para acreditarem no cinema nacional."

R. MAGALHAES JR.

AGUARDEM:

LOUCOS POR MUSICA
 GRANDE ELENCO!



E'BRIIO
 Com VICENTE CELESTINO

O comandante da RAF no Rio

(Continuação da pág. 17)

No mês de fevereiro deste ano foram despejadas 10.000 toneladas de bombas, mas nos primeiros dias de março os aviões do Comando de Bombardeio despejavam 4.000 toneladas de bombas, das quais caíam sobre Essen mais de 2.000 toneladas. Esse grande centro industrial sofreu então os mais violentos e concentrados ataques de que foi alvo durante a guerra.

O povo britânico sabe das maravilhas de reparação e reconstrução. Quando decidiu não se deixar derrotar pelos bombardeiros nazistas, os homens voltavam para o trabalho, em condições inacreditáveis, e continuavam a produzir. Mas o povo britânico sabe que existe um limite ao poder humano de recuperação. Acredita que em 1940 e 1941 podia ainda haver resistido mais do que resistiu, se tivesse sido necessário para derrotar o inimigo. Mas esse limite existe, e na Alemanha foi atingido. A ofensiva aérea britânica foi certamente a maior e mais eficaz em seu gênero e vale a pena indicarmos como foi intensificada. O aumento nos resultados é tão importante, que não pode ser exclusivamente atribuído ao aumento dos grandes quadri-motores em uso. Essas máquinas fizeram sua contribuição, mas não é suficientemente grande para considerá-la o fator principal nos resultados obtidos.

Eu julgo, mais provável, ter sido o melhoramento dos planos de ofensiva e a modificação na tática empregada o fator dominante. Essas duas coisas, da autoria do marechal-chefe do Ar sir Arthur Harris, são as principais causas dos progressos conseguidos nos ataques aéreos. Nas últimas fases da guerra na Europa foram consideravelmente reduzidos os alvos inimigos, conseguindo-se dessa maneira desferir ataques muito mais destrutivos. Por exemplo, as instalações de Lorient foram arrasadas no primeiro ataque;

porém os bombardeiros voltaram a atacá-las. Essa ação foi possível apenas com a redução do número de alvos ao mínimo. É certamente uma grande vantagem atacar um alvo duas vezes seguidas. Alguns pilotos acreditam que o segundo "raid" é inútil. Mas as pessoas que foram repetidas vezes bombardeadas são melhores juizes que os pilotos, e crêm que os ataques sucessivos produzem efeitos duplamente arrasadores. O grande iniciador e aperfeiçoador dessa classe de ataques é o marechal-chefe do Ar sir Arthur Harris, que assim estabeleceu uma nova modalidade de ataque.

Se considerarmos os avanços realizados na ação do Comando de Bombardeio, reparemos na existência de uma tática que visa aproveitar ao máximo a força numérica. O bombardeio é ainda um assunto de caráter individual, mas o indivíduo age conforme um plano, o qual deve visar o máximo aproveitamento das forças numericamente superiores.

Os famosos ataques de 1.000 bombardeiros foram superados em concentração de poder, embora não o tenham sido em número de máquinas. A superação processou-se no peso de bombas despejado. Mas o método para manobrar uma grande força aérea foi estabelecido, pelo marechal-chefe do Ar sir Arthur Harris, com os primeiros "raids" de 1.000 aviões, e a seguir foi aperfeiçoado.

Agora o Comando de Bombardeio possui uma experiência, em matéria de ataques estratégicos, maior que qualquer outra organização semelhante no mundo. As perdas foram às vezes sérias, mas nas últimas fases da guerra na Europa diminuíram, em relação ao esforço. As perdas sofridas pelo Comando de Bombardeio nos últimos meses não eram de molde a lhe afetar o programa de bombardeio. A medida que as defesas alemãs eram dominadas as perdas eram menores e maiores os feitos dos ataques.

Durante toda a guerra o Comando de Bombardeio, sob a inspiração do marechal-chefe do Ar sir Arthur Harris, teve a seu cargo maiores responsabilidades que nenhuma outra organização bélica de tamanho relativo.

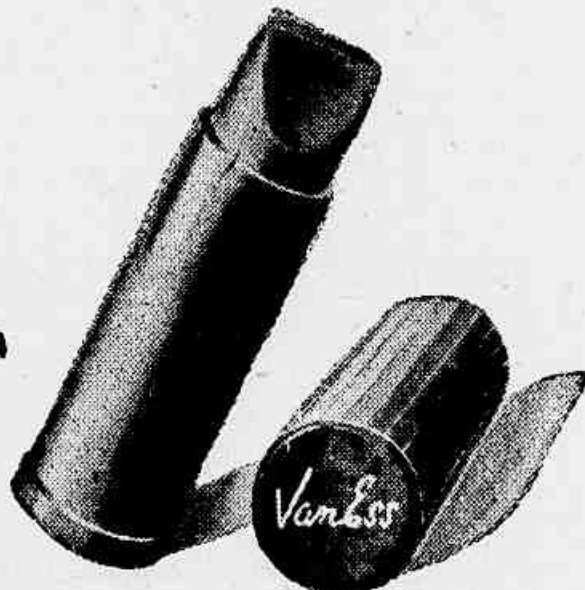


*Para convidar ao beijo
daquele a quem se ama
e para que o beijo seja eter-
namente recordado...*

Tonalidades de última moda em uma
base exclusiva de "creme veludo" que suaviza,
protege e embeleza os lábios.

Baton para os lábios

Van Ess



a famosa marca americana!

criação ao mesmo tempo da arte e da ciência!

★ Use também o pó e "rouge" aveludado e atomizado VAN ESS,
que tornarão irresistível a sua cutis.

A VIDA DE PIOLIN, CONTADA POR ELE MESMO

(Continuação da pág. 33)

as noites. Do excêntrico que há duas gerações vem divertindo a garotada de São Paulo e de outros Estados — Minas, Paraná, Espírito Santo e aí mesmo do Rio — não resta mais que um homem preocupado com a fêria do seu dia de labor, a marcação do ensaio para o dia seguinte, e as compras para casa.

Ainda uma pergunta nos assalta o espírito:

— Piolin, você estuda seus papéis? Acha que ainda precisa estudar para fazer rir a humanidade?

Um sorriso que nada tem do riso alvar do picadeiro desenha-se no rosto corado do artista:

— E' preciso estudar sempre. Eu estudo, sim. Aquêlê provérbio "Cria fama e deita-te na cama" é falso. Precisamos lutar, descobrir novos efeitos cômicos, tirar partido de novas inflexões, de um "truc" inédito, se queremos manter intacto o nosso prestígio. Do contrário todo o trabalho de trinta anos pode inutilizar-se em trinta dias ou menos...

Passa da meia-noite. Estamos já na segunda-feira. A temperatura continua baixando e um arzinho úmido bate-nos o rosto. Uma gilete invisível parece querer cortar-nos os lábios e o nariz. Despedimo-nos de Piolin ali mesmo, à porta do circo, agora em trevas, e tomámos rumo contrário. Nada mais melancólico que um circo de luzes apagadas e abandonado. Faz lembrar as ruínas de um cemitério onde tenham sido sepultadas as últimas ilusões das crianças que cresceram. E quando nos voltámos para olhar ainda Piolin uma vez, sumindo à distância, ele não é mais que um vulto diluindo-se na transparência da garôa onde as lâmpadas despejam reflexos mais ou menos baços, sem reverberos. Lá vai êle, o palhaço Piolin, melancólico e de andar cansado, o chapéu enterrado nas orelhas, o braço enfiado no braço da filha. São dois perfis impressionantes. E à medida que se afastam, mais e mais pequeninos, quase imperceptíveis agora — não sabemos por que — fazem lembrar-nos Carlito. Carlito e a pequena abandonada a quem êle salvou, mergulhando nas sombras que saem das luzes da cidade adormecida, e palmilhando até longe a estrada que fica a perder de vista...

— Adeus, Piolin! Trate de dormir, de repousar, porque amanhã será outro dia, e você precisa fazer rir ainda a mais uma geração, pelo menos. Uma geração para quem as ilusões do circo andam tão escassas, meu pobre, meu vulgar e meu comum amigo Piolin, legítimo substituto de Chicharrão e pai de um instrutor de acrobacia da Aeronáutica Brasileira...

O caso do Rubens

Continuação da pág. 41.

— Achamos!

— Acharam o que?

— O Rubens. Estava lá mesmo.

— Como?

— Estava lá mesmo, em casa de Kale.

— Onde?

— Escondido na mala de um criado. Está encerrado o caso.

— Você tem razão, mas não da maneira que você pensa.

— Como?

— O caso não está encerrado da maneira que você pensa. Ele está encerrado porque eu acabo de descobrir a maneira pela qual Lesseps tirou o quadro.

— Lesseps? Mas você mesmo não disse que não havia sido ele? Não foi você mesmo quem me afirmou isso?

— Foi.

— E então?

— Ele me enganou por um motivo muito simples. Eu não acreditava que ele continuasse lá a não ser que tivesse preparado algum golpe. Você acaba de me informar que estava tudo preparado. Se você verificar com cuidado o Rubens que achou, e mandar que um perito

o examine verá que é uma cópia; estava lá, mas uma cópia. Ele sabia muito bem que o milionário não tem capacidade para distinguir o quadro verdadeiro de uma reprodução.

— Mas onde está então o Rubens?

— Muito bem escondido. Onde é tão difícil encontrá-lo que nem a busca mais minuciosa poderá achar... mas eu achei.

— Onde está?

— Debaixo da cópia do Whistler. Ele esteve aquele tempo todo no salão de baile copiando

um Whistler em cima de um Rubens.

— Oh! Estragou o quadro todo!

— Não. Ele não faria isso. Passou uma camada de um preparado especial que existe com ingredientes gelatinosos. Feito isso, forma-se uma crosta que é facilmente retirada com água sem estragar o quadro. Ele pintou em cima dessa crosta.

— Oh! Mas... Mas...

— Nem mas nem meio mas. Ele contou com o sucesso porque Kale não entende de quadros e

RUGOL
O CREME
EMBELEZADOR DA PÉLE

a polícia é ignorante, mas esqueceu-se que há outros que conhecem tão bem quanto ele o processo usado.

Numeros atrasados desta revista no Pará

PEDIR A

Albano H. Martins & Cia.
Travessa Campos Sales, 85 - Belém

Orf-Léne NÃO MANCHA e tinge melhor o Cabelo Branco

E' o produto que supera e que melhor o tinge; em

- 1 Prêto
 - 1 1/4 Prêto azulado
 - 1 1/2 Castanho escuro
 - 2 Castanho escuro cinza
 - 2 1/2 Castanho pouco escuro
 - 3 Castanho meio escuro
 - 3 1/2 Castanho meio escuro cinza
 - 4 Castanho natural
 - 4 1/4 Castanho bronzeado
 - 4 1/2 Castanho cinza
 - 4 3/4 Castanho dourado
 - 5 Castanho claro
 - 5 1/4 Castanho claro cinza
 - 5 1/2 Castanho claro acajú
 - 5 3/4 Castanho claro dourado
 - 6 Bronzeado escuro
 - 6 1/4 Louro escuro
 - 6 1/2 Bronzeado claro
 - 6 3/4 Louro
 - 7 Louro-cinza
 - 8 Louro-acajú
 - 8 1/4 Acajú-fôrte
 - 8 1/2 Vermelho-fôgo
 - 9 Louro-claro
 - 9 1/4 Ouro-palha
 - 9 1/2 Ouro-em-fôgo
 - 10 Louro-ouro
- PARA ALOURAR, CABELLO ESCURO, USE: HYDRO-VENE**



Sabonete DORLY
PREÇO POR PREÇO É O MELHOR!

A VENDA EM TODO O BRASIL

Pa. Ferraz

O ninho vazio da Águia de Haya

(Continuação da pág. 14)

Brinquedos para meu filho ...	2.000 "
Peixe: presente ao Carlos de Aguiar	7.000 "
Conta do gás — 1.º trimestre de 1886	29.716 "
Conta do Crashley	25.000 "
Duas roupas de brim para meu filho	25.000 "
Roseiras	6.000 "
Três quintos de vinho português comprados a Antônio Ferreira Jacobina	146.000 "
Corte de cabelo (15-5-1886) ...	500 "
Conta do colégio de meus filhos, trimestre a findar em fins de julho, Mme. Masset ..	112.900 "

Livros comprados ao Visconde de Barbacena (16-6-1886) ..	10.000 "
Quatro lenços de seda da China para senhora	8.000 "
Fogos para meus filhos (23-6-1886)	15.000 "
Um mês de casa vencido em junho de 1886	225.000 "
Um bilhete de loteria, sociedade com o Rodolfo (era Rodolfo Souza Dantas) e o Sancho (o grande jurisconsulto Sancho de Barros Pimentel) ..	11.500 "
Conta do Barbosa Freitas	5.000 "

Por aí se vê que, mesmo permitindo o ordenado de um conto de réis para um ministro plenipotenciário, a vida nos tempos de Ruy não era tão má assim. Indubitavelmente, eram bons tempos aqueles...

AS "SALAS" DO MUSEU

Tôdas as dependências da "Casa de Ruy Barbosa" tem nomes designativos, tais como "Sala Abolição", "Sala Queda do Império", "Sala Dreyfus", embora esta última não se justifique muito, por isso que, infelizmente, não há no museu grande documentário em torno da participação do jurista no escandaloso caso que provocou o maior erro judiciário de todos os tempos.

Existe ainda na casa a "Sala D. Maria Augusta", organizada na sala de recepção da senhora Ruy Barbosa, onde se encontra um grande retrato da distinta dama e objetos de seu pertence. Hoje, também essa sala está ocupada por livros, que vão sendo consultados pelo público na "Sala Queda do Império", para tal convertida em salão de leitura e conferências. A biblioteca de Ruy é agora um patrimônio público, funcionando normalmente para consultas.

Da "Sala D. Maria Augusta" passamos à "Sala Habeas-Corpus", antigo quarto de dormir do casal, onde está colocada a cama de ferro onde faleceu Ruy, em Petrópolis. Num dos criados-mudos que a guarnecem está a vela que foi posta na mão do jurista agonizante.

OUTRAS CURIOSIDADES

Relatamos acima o que nos foi dado ver e saber no museu Ruy Barbosa. Além do que ficou dito, pouco mais existe no casarão da rua São Clemente 134. A ala da casa que fica na parte posterior tem, além da sala de consultas e conferências, poucas dependências, entre as quais a garagem, onde se guardam as velhas carruagens e um automóvel: um "phaeton", uma vitória e um "landeau", além do velho "Benz", fabricado para Guilherme II e que, recusado pelo Kaizer, foi adquirido pelo diplomata em Berlim.

A "Casa de Ruy Barbosa" guarda ainda marcas de homenagens póstumas que lhe foram prestadas: um pau brasil plantado pelo presidente Washington Luiz, placas comemorativas, um busto em mármore...

Muito do que foi de Ruy a Nação deixou perder-se no leilão levado a efeito no velho casarão, após a sua morte. Hoje o patrimônio nacional tenta reaver essas preciosidades. Mas pouco consegue. Temos já, é verdade, o museu de Ruy Barbosa. Voltou a pertencer-lhe a sua velha casa. E' um casarão grande, muito grande. Mas é entretanto pequeno para conter toda a glória do imortal brasileiro.

Não sei qual oferecer aos convidados!

As duas são tão deliciosas... e ambas da marca "CICA"

Feitas com frutos da melhor qualidade, rigorosamente selecionados, e com todo o rigor da higiene, a Marmelada Branca "Cica" e a Goiabada "Cica" são excelentes sobremesas. Mas a Marmelada Branca "Cica" e a Goiabada "Cica" não são apenas so-

bremesas deliciosas: êsses dois produtos "Cica" constituem, pelo seu alto valor nutritivo, elementos indispensáveis na alimentação, principalmente das crianças. Portanto, tenha-as sempre em casa para a sobremesa e para o lanche da criança.



COMPANHIA INDUSTRIAL DE CONSERVAS ALIMENTÍCIAS

SE A MARCA É "CICA" BONS PRODUTOS INDICA

DOFRE DO FÍGADO
TOME
BIO-HEPAX
PRODUTO DO LABORATÓRIO DA GUARANTIA

REVISTA DA SEMANA

Comunicamos aos interessados que não está mais em vigor a autorização conferida ao sr. Olimpio de Lucena Montenegro para obter matéria destinada a esta revista.

Rua Maranguape, 15 — Rio.

A Administração.

Você acabou de ver que este negócio de amor é sempre a mesma coisa. Só o que tem é que quando a gente vai envelhecendo esquece como é, e começa a implicar com aquilo mesmo que a gente já fez, e era igualzinha ou até muito pior.

JOSEFA — Então você vai mesmo amanhã?

ZÉ PEDRO — Amanhã cedinho, se Deus quiser.

(Música)

(Batidas numa porta)

LUIZINHA (chamando) — Zé Pedro... Ó Zé Pedro...

ZÉ PEDRO (despertando) — Que é, que é?

LUIZINHA — Sou eu, Zé Pedro. Você não vai agora? Já são seis horas.

ZÉ PEDRO — Ah, é Luizinha. Já vou, sim. Eu vou me vestir e já vou.

LUIZINHA — Antes de ir venha falar comigo. Eu escrevi uma carta para você entregar ao André.

(Acordes musicais)

ZÉ PEDRO — Pronto, Luizinha. Eu já vou.

LUIZINHA — Obrigada, Zé Pedro. Aqui está a carta. Se você conseguir encontrar o André, entregue e espere a resposta, sim?

ZÉ PEDRO — Eu não vou trazer resposta, não, Luizinha. Ele mesmo é que há de vir para lhe responder.

LUIZINHA — Vá com Deus, meu amigo. E Deus permita que você possa cumprir o que acaba de me prometer.

(Intervalo)

REGINA — Então, Luiz? Vai aceitar o convite do Walter?

LUIZ — Por certo. E' preciso não dar a perceber que conhecemos os seus planos.

REGINA — É. Você tem razão. Nós devemos ir. Mas você deve ir armado. Afinal, nós não sabemos o que ele pretende.

LUIZ — Não creio que ele planeje um novo sequestro, nem ele pensa em me obrigar a dizer a fórmula do torpedo. Ele agora está sozinho e é muito covarde para isto.

REGINA — O que me enerva é justamente esta situação. A gente não saber de que forma ele pretende atacar.

LUIZ — Bem, até agora, como vimos, ele esteve à espera do Levy. Parece-me no entanto que já perdeu a esperança.

REGINA — Sim. Ele vai começar a agir sozinho. Compreendeu que o companheiro não lhe trará a isca, a tal francesinha, e resolveu começar o trabalho mesmo assim.

LUIZ — E é preciso que nos coloquemos na defensiva. A nossa maior arma deve ser o disfarce. Ele não deve, absolutamente, sentir que estamos nem mesmo desconfiados.

REGINA — Por certo. Acima de tudo nós agora temos que representar a comédia de uma santa ingenuidade.

LUIZ — Isto para as mulheres não deve ser difícil, hein?

REGINA — O que?

LUIZ — Fingir.

REGINA — Sim. De fato, a mulher finge melhor que o homem. Mas o interessante é que a mulher finge apenas quando é absolutamente necessário, e o homem, que finge a cada momento, não há meios de aprender...

LUIZ — Não me fale assim, Heloisa. Não ponha este veneno na sua boca tão bonita.

REGINA — Que veneno, Luiz?

LUIZ — Essa ironia fina como um estilete.

REGINA — Você não usou a sua também?

LUIZ — Eu estava gracejando, minha querida. Eu sei que você é a mais verdadeira, a mais real de todas as mulheres.

REGINA (rindo) — Você acha isso, Luiz? (continua rindo).

LUIZ — Acho. Mas... por que você está rindo?

REGINA — Não sei. Estou achando graça em tudo isto. Nervoso, talvez...

LUIZ — Não, Heloisa. Você não é das que riem por qualquer motivo. Diga-me, por que é que você está rindo?

REGINA (continua rindo nervosamente) — Não é nada, Luiz. Eu nem sei por que é que estou rindo.

LUIZ — Heloisa. Eu lhe quero muito bem para alimentar suspeita a seu respeito. Eu não suportaria, meia hora sequer, um mau juízo de você. Apesar de todo o mistério que a cerca, do segredo em que você se encastela, apesar de tudo isto eu sempre acreditei, eu quero acreditar em você. Mas agora você lançou uma dúvida no meu espírito.

REGINA — Mas por que esta dúvida, Luiz?

LUIZ — Então você ri perdidamente por que eu digo que a acho sincera, por que proclamo a sua lealdade, ri como que trocando da minha crença em você, e acha que essa crença não deva, depois disso, ficar abalada?

REGINA — Eu já lhe disse, Luiz. Foi um riso nervoso.

(Passos)

REGINA — Olhe, aí vem o Walter.

WALTER (chegando) — Bom dia, madame "Casa Branca". Bom dia, doutor. Está uma bela manhã. Não acham que hoje à tarde, poderiam ir até a minha casa? Estou ansioso para lhes mostrar a bela aquisição que acabo de fazer.

LUIZ — Estamos às suas ordens, sr. Walter.

WALTER — Bem. Então vamos combinar o seguinte: eu tenho que tratar de uns negócios e preciso sair imediatamente. Mandar-lhes-ei o meu carro logo mais à tarde. Eu os esperarei lá. O meu chofer virá buscá-los. Madame vai ficar encantada com o parque, com as flores e com a paisagem que cercam a minha propriedade.

REGINA — Mas não seria melhor irmos juntos, sr. Walter?

WALTER — De qualquer maneira eu não os poderia acompanhar. O negócio de que vou tratar é nas proximidades do meu sítio. E eu tenho que ir imediatamente. De modo que pretendo esperá-los lá. Mesmo porque, desejo chegar antes para lhes preparar uma recepção condigna, não é?

LUIZ — Está bem, sr. Walter. Estamos gratíssimos à sua gentileza. Pode mandar o seu carro. Nós iremos à sua casa.

REGINA (voz velada) — Só o que me assusta sou eu mesma. Eu tenho medo é de mim. Há ocasiões em que quase não resisto e tenho ímpetos de gritar a verdade, de lhe dizer que eu sou a sua Regina. Houve um dia em que eu quase lhe falei em Luizinha. Imagine você que ele foi à igreja comigo, e aquilo me comoveu de tal maneira que eu quase me trai. Mas Deus há de me dar coragem para continuar até o fim, para levar avante o programa que tracei. Cuide bem de minha filha. Aí vai uma cartinha para ela. Beije-a por mim. Sua amiga muito grata...

JOSEFA — Heloisa... (Outro tom) Hum... o dr. Luiz até já vai à igreja! Ele está mesmo mudado. Bem... agora é tratar de rasgar esta carta e entregar a de Luizinha.

(Ruído de papel que se rasga)
(Passos)

JOSEFA — Hum!... lá vem ela correndo.

LUIZINHA (chegando cansada) — Carta de mamãe, é, Josefa? Você foi à agência e não me chamou.

JOSEFA — Você estava tão embebida com aquele livro.

LUIZINHA — Ora. Mas para ter notícias da mamãe eu deixo tudo, Zefinha.

JOSEFA — Pois então aqui está a carta que ela lhe escreveu...

LUIZINHA — Dê-ma...

(Rasgar envelope)

LUIZINHA (sussurra a leitura da carta) — E' sempre assim. Uma carta falando de bobagens, de futilidades. Como se eu fôsse uma eterna criança. Eu estou farta desta comédia, destes mistérios. Onde está a verdade que vocês há tanto tempo me vêm prometendo? (Chora) Oh, Josefa... você e mamãe são duas mentirosas. Você é uma mentirosa, Josefa...

JOSEFA — Que é isso, Luizinha? Acalme-se, minha filha. Você não deve falar assim de sua mãe, nem da Zefinha, que lhe quer tanto bem; Zefinha que passava as noites velando por você, quando você era pequenina; Zefinha que sua mãe estima tanto, que me deu você para batizar. Lembre-se de que eu sou sua madrinha, e madrinha é uma segunda mãe. Tenha confiança em nós e espere, Luizinha.

LUIZINHA (ainda chorosa) — Está bem, Josefa; me desculpe, sim? E' que... eu ando muito nervosa. Você me desculpe, sim?

JOSEFA — Ora, não precisa pedir desculpas, minha filha. Vamos para casa. O Zé Pedro daqui a pouco deve estar aí.

LUIZINHA — Ele esteve com a mamãe, não esteve?

JOSEFA — Sim... ele deve ter ido ontem a S. Paulo. Ele vai trazer notícias fresquinhas de Heloisa. Com certeza ela mandou um bandão de coisas para você.

LUIZINHA — Pois é isto o que ela manda dizer nesta carta. Que mandou uma porção de coisas bonitas pelo Zé Pedro.

JOSEFA — E então, Luizinha? Como é que você fica tão zangada com sua mãe, que vive pensando em você?

LUIZINHA — Ora, Josefa. Você não conhece aquela frase profunda e verdadeira como tôdas as verdades que saíram da boca de Cristo?

JOSEFA — Qual é a frase, Luizinha?

LUIZINHA — Aquela que diz que "nem só de pão vive o homem"... Que me adiantam as bugigangas, os vestidos, os livros bonitos, as joias, a riqueza se tudo falta ao meu coração?

JOSEFA — Mas eu já lhe pedi que tenha paciência. Breve você terá tudo no seu coração.

LUIZINHA — Tudo não, Josefa. Faltará Netuno, faltará o meu André.

JOSEFA — Para êsse virá o esquecimento. Você é tão nova. Sua vida mudando você vai esquecer. E você precisa esquecer êsse André.

LUIZINHA — Não, Josefa. A vida muda, o tempo passa mas o coração, ah! o coração será sempre o mesmo. Não se pode mandar no sentimento. E André nunca mais sairá da minha lembrança, eu hei de gostar eternamente de André!

(Música)

(Porta que abre e passos)

JOSEFA — Olá, tia Alzira! Que boa surpresa encontrá-la aqui.

ALZIRA — Bati... Ninguém respondeu. Empurrei a porta, entrei e fiquei. Há que tempo estou aqui esperando vocês.

JOSEFA — Fez muito bem. E agora vai ficar para almoçar conosco. Nós tínhamos ido à Agência apanhar cartas da Heloisa.

ALZIRA — Ah, vieram notícias dela, é?

JOSEFA — Vieram, sim. Ela vai bem, e os negócios de que foi tratar também vão caminhando para uma boa solução.

ALZIRA — E... onde está Luizinha?

JOSEFA — Luizinha vinha comigo. De repente resolveu ir até à praia. Mas daqui a pouco ela deve estar aí.

ALZIRA — Então eu vou esperar. Eu preciso muito conversar com Luizinha. Eu não estou gostando daquela tristeza... A Luizinha está se entregando de mais àquela tristeza.

(Passos)

JOSEFA — Olhe, aí vem ela. Com licença, eu vou lá dentro preparar o almoço. Até já.

(Passos; porta que fecha)

LUIZINHA — Ah, tia Alzira. Como vai?

ALZIRA — Vou bem. A tia Alzira vai sempre bem, minha filha, mas eu ando muito zangada com você.

LUIZINHA — Zangada comigo, tia Alzira? E por que?

ALZIRA — Você está me envergonhando, Luizinha.

LUIZINHA — Eu estou lhe envergonhando?

ALZIRA — Sim, Luizinha. Não fique zangada com a minha franqueza, sim? Você sabe como é a tia Alzira... rude mas sincera...

LUIZINHA — Ora, não precisa desculpar-se. Fale à vontade, tia Alzira.

ALZIRA — Sabe qual foi a impressão que eu tive quando você nasceu?

LUIZINHA — Qual foi, tia Alzira?

ALZIRA — Eu tive direitinho a impressão de que era uma fada, daquelas que chegavam na beira dos berços para tocar as princesas com a varinha de condão, e eu pensei que a minha bênção ia fazer de você a mais perfeita e mais feliz de todas as mulheres. E no entanto o que eu estou vendo é uma coisa diferente...

LUIZINHA — E é por isso que está zangada, tia Alzira? Que culpa tenho eu de não ser perfeita e de não ser feliz?

ALZIRA — Você não é feliz porque não é perfeita. Mas você não é perfeita porque não quer.

LUIZINHA — Ora, tia Alzira. Eu não tenho culpa se não sou a perfeição que a senhora desejou no dia em que nasci.

ALZIRA — Mas você era, e de repente está deixando de ser. Você está perdendo a vontade, você está ficando uma mulher fraca, e o que eu pedi para você no dia do seu nascimento foi justamente este milagre: que você fosse a mais forte e mais perfeita de todas as mulheres. Você precisa reagir contra essa tristeza. Você precisa ser forte, Luizinha. Se é preciso esquecer aquele moço — esqueça.

JOSEFA (entrando) — Luizinha. Aí vem o Zé Pedro. Vem com uma mala enorme. Aquilo são os presentes de Heloisa para você.

ZÉ PEDRO (chegando) — Boa tarde, minha gente. Boa tarde. Deixe-me arrear este peso que não está nada sopra.

LUIZINHA — Coitado de você, Zé Pedro. Carregando esta mala tão grande por cima deste areal. Deixe-me ajudá-lo.

JOSEFA — Hum... o meu marido está ficando velho. Vejam como está cansado por causa de um pesinho atôa.

ALZIRA — E você toda contente com isso, hein, Zefinha? As mulheres gostam tanto quando os maridos vão ficando velhos...

JOSEFA — Eu não, tia Alzira. Veja só! Que idéia! Qual! Essa tia Alzira...

LUIZINHA — Ah... você trouxe jornais também, Zé Pedro? Deixe ver este.

(Ruído de jornal)

(Pausa)

LUIZINHA — Ah, mas... Oh, meu Deus! Zé Pedro!... Josefal... Olhem aqui... Este retrato... Esta notícia!... Veja, Zefinha! Veja, tia Alzira! (chora) Oh... meu Deus!... meu Deus!... (chora).

(Encerramento)

CAPÍTULO XXII

LOCUTOR — Luiz está completamente vencido pelos encantos de Regina. Luizinha voltou para a colônia de pescadores, onde está construída a casa branca e, desiludida pelos insucessos da sua ida ao Rio de Janeiro, entrega-se a uma tristeza e um abatimento profundo que preocupa Josefa. Tia Alzira vai visitá-la e diz que é preciso, é necessário esquecer o rapaz que lhe tem atormentado o coração. E o capítulo terminou quando a conversa é inter-

rompida por Josefa, que anuncia a chegada de Zé Pedro com uma mala grande. Dentre as muitas lembranças ele trouxe jornais. Luizinha começa a ler e tem um espanto.

LUIZINHA — Oh, meu Deus! Zé Pedro!... Josefal... Olhem aqui! Este retrato! Esta notícia! Veja, Zefinha! Veja, tia Alzira! (chora) Oh, meu Deus! Meu Deus! (chora) Está tudo perdido. O André vai embora. Ele vai à Europa!

JOSEFA — Deixe-me ver a notícia (pausa). Mas é este? Este é que é o André?

LUIZINHA — É, sim. Você não está vendo o nome em baixo? Por que você está espantada, Zefinha?

JOSEFA (disfarçando) — Não. Eu não estou espantada, não. Você está tão nervosa que, afinal... a gente fica nervosa também.

LUIZINHA (chorando) — Ele vai embora. Está tudo perdido, meu Deus! Está aí, tia Alzira. Os vaticínios da fada milagrosa! Agora é que eu sou uma infeliz porque nem mesmo a esperança me resta. Tudo. Tudo acabou!

ALZIRA — Olhe, Luizinha. Eu não estudei geografia. Mas eu acho que a Europa é aqui mesmo neste mundo, não é?

LUIZINHA — Sim. E'.

ALZIRA — E... isto aqui é muito grande, é?

LUIZINHA — E' enorme, tia Alzira. Se eu não achei o André no Rio de Janeiro não há de ser agora, que ele vai para tão longe, que o irei encontrar.

ALZIRA — Ora, deixe de ser tôla. O moço vai dar um passeio e...

JOSEFA — Não. Ele não vai a passeio. A notícia aqui diz que ele vai a serviço, numa comissão.

ALZIRA — Então, melhor ainda. Ele vai lá fazer o seu trabalho, mas não vai para sempre. Ele volta, Luizinha. E quem sabe se na volta ele não vem roxinho de saudades da sereia. Vamos! Pare de chorar, minha filha. Não perca a esperança. Não desanime. Você ainda é tão nova, ainda tem tanto tempo para viver.

LUIZINHA — Mas tia Alzira. Ele vai embora zangado comigo, desconfiado, pensando mal de mim. Ele vai ver tanta mulher bonita. Oh, meu Deus! Agora é que ele vai me esquecer. Ele vai embora pensando que eu sou má, que eu sou fingida, e eu nem pude ao menos me defender!

ALZIRA (rindo) — Ah, ele vai pensando que você é fingida, que você é má? Então alegre-se, minha filha. Ele pode ver toda a qualidade de mulher que ele não esquece você, Luizinha. Mulher ruim é como ferrête, no coração dos homens: a marca não sai. Fique sossegada, Luizinha. O seu André não vai esquecer você. Mulher ruim é como ferrête no coração dos homens. Se ele pensa que você é má ele não esquece você.

ZÉ PEDRO — Que é isso, tia Alzira? Então a senhora diz essas coisas para Luizinha?

ALZIRA — Digo, sim. E não se meta a defender os seus companheiros. E' a verdade. Luizinha precisa conhecer a vida. Ela até tem vivido nesta praia deserta que não é escola para ninguém. Pois se a Luizinha raramente vai a S. Vicente, que é distante daqui uns quatro quilômetros? Não sai daqui... que experiência pode ela ter da vida?

ZÉ PEDRO — Puxa! Então em que escola a senhora aprendeu tudo isso?

ALZIRA — Ninguém precisa saber onde foi. Eu só lhe digo uma coisa: não foi aqui, nesta praia, no convívio desta gente boa e simples.

ZÉ PEDRO — Está bem. Eu respeito o seu segredo. Agora eu queria falar uma coisa com Luizinha.

LUIZINHA (chorosa) — Fale, Zé Pedro. Eu estou ouvindo.

ZÉ PEDRO — Olhe, Luizinha, eu vou lhe dizer uma coisa. Enquanto você chorava, enquanto a tia Alzira fazia todo aquele discurso eu estive calado, não foi?

LUIZINHA — Sim, Zé Pedro.

ZÉ PEDRO — Pois eu estava quieto mas estava estudando um meio de resolver o seu caso, minha filha. Você espere uns dois dias. Tenha calma que eu penso que, pelo menos, posso descobrir o endereço dêle para você.

LUIZINHA — Mas para que quero eu o endereço dêle agora, se êle não estará mais no Brasil e eu não estou no Rio de Janeiro?

ZÉ PEDRO — Não sei, Luizinha. Eu não garanto, mas tenho um pressentimento de que sou capaz de lhe arranjar até a direção dêle lá naquelas paragens para onde êle vai.

LUIZINHA (animando) — Você é capaz de fazer isto, Zé Pedro? Ah, Zé Pedro. Eu queria tanto escrever ao André... embora eu saiba que êle não responde.

ZÉ PEDRO — Mas quem disse que êle não responde?

LUIZINHA — Quando eu estive no Rio escrevi para a posta restante uma porção de vêzes. Em todo caso, talvez que estando mais distante êle se resolva abrir minhas cartas.

JOSEFA — Mas então êle não abria as suas cartas?

LUIZINHA — Eu tenho certeza de que êle rasgava as minhas cartas antes de lê-las. Eu tenho certeza disto. Sim. Porque se êle lêsse o que eu lhe tenho escrito pelo menos êle teria pena de mim (chora).

JOSEFA — Não se desespere, Luizinha. Vamos esperar as providências do Zé Pedro. Tenha fé em Deus.

LUIZINHA — Está bem, Josefa. Está bem. Eu esperei. Deus há de ter pena de mim.

(Música)

ZÉ PEDRO — Foi por isso que eu prometi a Luizinha. Pela maneira como você olhou aquele retrato eu vi que você sabia alguma coisa. Eu vi que aquele retrato era de alguém que você devia conhecer.

JOSEFA — Mas você fez mal, Zé Pedro. A gente não faz uma promessa, só porque desconfia de uma coisa. A gente só garante quando tem certeza.

ZÉ PEDRO — Mas eu não posso ver a Luizinha sofrendo, Josefa. Eu hei de fazer tudo para consertar esta encrenca.

JOSEFA — Mas que é que você pretende fazer?

ZÉ PEDRO — Ora. É muito simples. Se êle é a pessoa que nós desconfiamos, eu já sei o caminho que devo seguir para segurar aquele idiota e trazê-lo até aqui. Eu hei de fazer aquele tal de André pedir perdão a Luizinha. Você há de ver Josefa. Você há de ver!

JOSEFA — Hum. ...eu não sei se isto será um benefício para ela. Eu acho que o melhor é Luizinha esquecer aquele pelintra.

ZÉ PEDRO — Esquecer? Você está ficando velha, Josefa!

JOSEFA — Eu? Ficando velha? Ora essa. E por que?

ZÉ PEDRO — Quando a gente começa a não entender a mocidade é um sinal certo de velhice. Quem diz isso é a tia Alzira, hein.

JOSEFA — Ora, deixe de bobagens. Eu acho mesmo. Eu acho que a Luizinha devia esquecer aquele rapaz. Você não vê que tudo isto mais tarde ainda vai dar maior complicação?

ZÉ PEDRO — Complicação? Mas por que?

JOSEFA — Se êle é quem a gente pensa, vai ser uma nova complicação. Por isso eu acho que é melhor Luizinho sofrer agora para não ter que sofrer depois.

ZÉ PEDRO — Qual nada, Zefinha. Luizinha não hó de pagar a vida inteira pelo mal que os outros fizeram. Eu vou atrás do André. Eu trago êle até aqui, nem que seja pelo gasganete. Eu hei de trazer o homenzinho até aqui...

JOSEFA — Tenha juízo, Zé Pedro. Veja lá se em vez de benefício você não vai fazer um mal a Luizinha. Depois, eu não acho vantagem trazer um homem à força para junto de uma mulher. Quando um rapaz gosta mesmo de uma moça não fica emburrado como êle ficou.

ZÉ PEDRO — Isso não, Zefinha. Você não se lembra daquela nossa briga por causa do Manuel.

JOSEFA (sonsa) — Manuel? Não me lembro... Quem é?...

ZÉ PEDRO — Não distorça não, hein? Manuel, aquele branco saliente que era criado do dr. Luiz.

JOSEFA — Ah! Até já não me lembrava mais...

ZÉ PEDRO — Não se lembrava, hein? Pois olhe: se daquela vez você não viesse chorando pedir para fazer as pazes, eu acho que até agora você estava era solteira, ouviu?

JOSEFA — Não seja tolo, Zé Pedro. Você pensa então que eu só ia achar você para casar comigo?

ZÉ PEDRO — Ué... mas não foi você mesma que me disse naquela ocasião, que não casando comigo não casava com mais ninguém?

JOSEFA — Sim, eu disse... mas...

ZÉ PEDRO — Mas o que? Vamos. Explique-se. Ah, dona Josefa, dona Josefa. A senhora sempre foi uma boa sonsinha, sabe?

JOSEFA — Escute, Zé Pedro. Você não acha que nós já estamos muito velhos para estar discutindo coisas do tempo de criança?

ZÉ PEDRO — Criança, não. Se você era uma criança, uma garota muito saliente e muito namoradeira, eu já era um homem, e até hoje me dá raiva quando me lembro de certas coisas.

JOSEFA — Deixe de tolices, Zé Pedro. Você é que era muito ciumento.

ZÉ PEDRO — Ciumenta era você. Viviam me atormentando por causa da criadinha da dona Celeste.

JOSEFA — Zé Pedro! Eu já estou perdendo a paciência! E o melhor é a gente não puxar estes assuntos que isto vai acabar em briga feia.

ZÉ PEDRO — Está bem. É melhor mesmo a gente ficar por aqui. Mas então não se meta no que eu quero fazer por Luizinha, ouviu? Deixe de ser rabugenta.

SÃO-LUIZ
FONES: 25.7679-25.7459

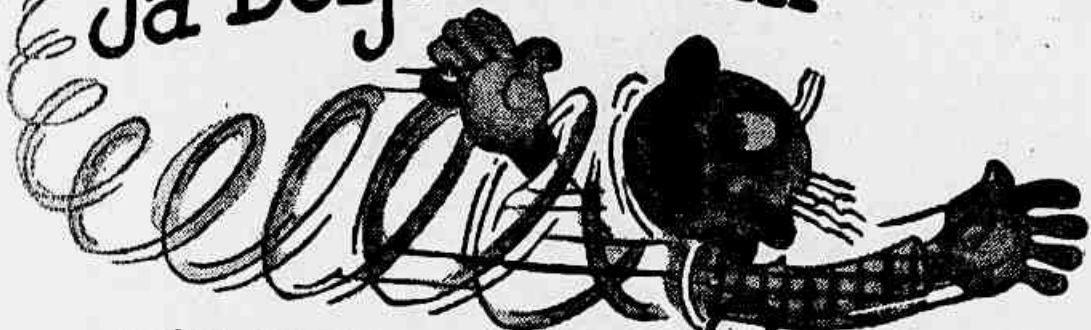
VITÓRIA
FONE: 42.9020

CARIÓCA
FONE: 28.8178

ROXY
FONE: 27.8245

5^A FEIRA DIA 9

Já beijaste um



CICLONE?

Caiste num



RODAMOINHO?

TUDO ISTO É
contra o que acontece a
OLSEN e JOHNSON



"Processando DOIDOS"
SEE MY LAWYER

com ALAN CURTIS, GRACE McDONALD, NOAH BEERY, Jr.

Franklin Pangborn, Edward S. Brophy, Richard Benedict, Lee Patrick, Gus Schilling

YVETTE, The Cristianis, CARMEN AMAYA e Companhia, The KING COLE TRIO

Hudson Wonders, Six Willys, The Four Teens, Rogers Adagio Trio



Acompanham
COMPLEMENTOS
NACIONAIS





MALTOGENO

Granado

Medicação

tônico - nutritiva
útil às MÃES e
AMAS DE LEITE



TIPO 1, UNO

Mas Que Pancada!



A dor acalma-se prontamente, a ferida cicatriza e sara com a ajuda do Mentholatum. As mães preocupadas tem-o sempre à mão, para queimaduras, cortes, pancadas e constipações.

MENTHOLATUM

Desperte a Bilis do seu Fígado

e saltará da cama disposto para tudo. Seu fígado deve produzir diariamente um litro de bilis. Se a bilis não corre livremente, os alimentos não são digeridos e apodrecem. Os gases incham o estômago. Sobrevem a prisão de ventre. Você se sente abatido e como que envenenado. Tudo é amargo e a vida é um martírio.

Uma simples evacuação não eliminará a causa. Neste caso, as Pilulas Carters para o Fígado são extraordinariamente eficazes. Fazem correr esse litro de bilis e você se sente disposto para tudo. São suaves e, contudo, especialmente indicadas para fazer a bilis correr livremente. Peça as Pilulas Carters para o fígado. Não aceite outro produto. Preço Cr\$ 3,00.

À BUSCA DA FELICIDADE

Que é todo o esforço da vida humana senão uma permanente busca da felicidade? Por que se agitam homens e mulheres, em todas as idades, senão para conseguir os elementos que os fazem felizes? Mas a primeira condição da ventura individual é o bem estar físico, resultante da boa saúde. Não há felicidade possível quando o sistema nervoso não funciona normalmente e ninguém ignora que é pelos nervos que o homem goza ou sofre. A alegria e a tristeza estão intimamente vinculadas aos nervos. Mantê-los sólidos, preservando-os dos choques e abalos da agitação moderna, é, pois, o primeiro passo para alcançar a felicidade. A ciência possui um grande recurso para isso. O Benal, fórmula do prof. Austregésilo, assegura o funcionamento normal do sistema nervoso, garante o sono reparador, dá o domínio do indivíduo sobre si mesmo. É uma barreira às inquietações que perturbam a vida e tiram do homem o mais precioso dos bens, que é o sossego do espírito. Benal encontra-se em todas as Drogarias e farmácias.

Sem título...



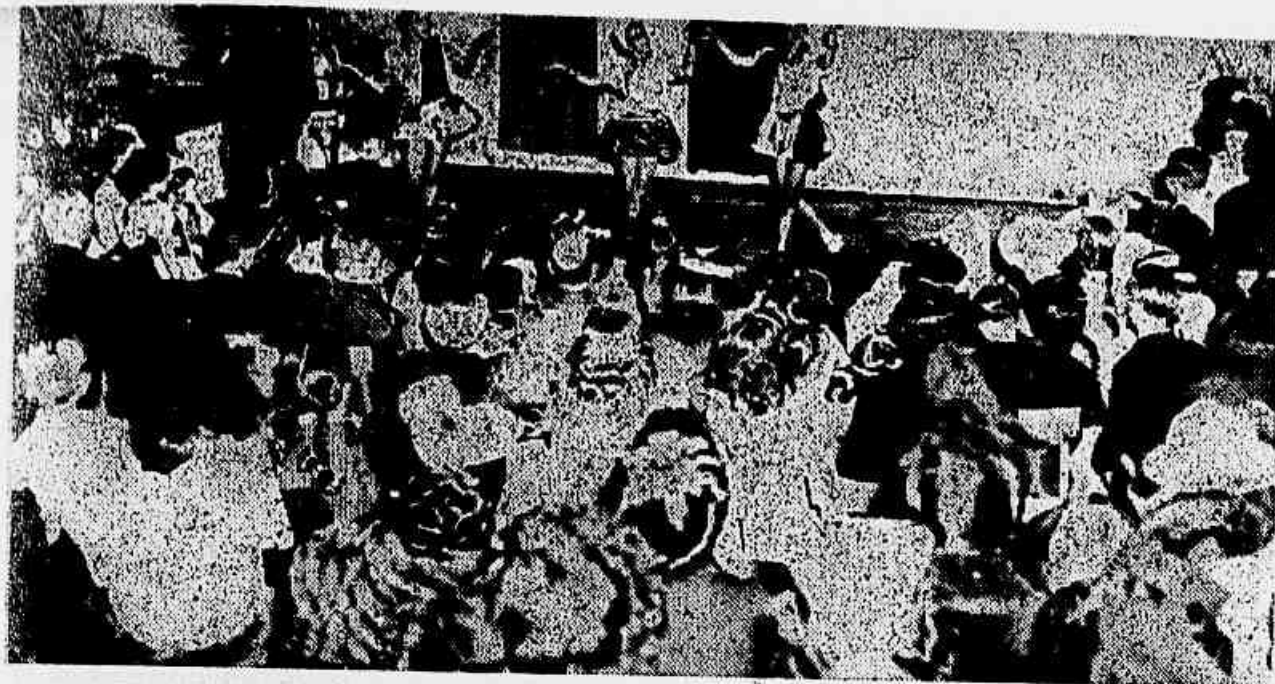
- Aquêlê tipo alto, que cantou ontem, no lírico, é o baixo ou tenor?
- Não vi bem, porque eu estava na última fila das cadeiras...



- Muito trabalho como vice-presidente do clube?
- Nada. A ociosidade é mãe de todos os vices...



- Tenho uma paixão louca pela água do mar e pelos peixes.
- Principalmente os peixões? Que hidrolatria!



Parte da numerosa assistência aplaudindo um dos magníficos ballados exibidos sob a direção da insigne professora madame Olenewa.



Números de prestidigitação por "Bonzo", o mágico amador mais conhecido na América do Sul, e sócio do Círculo Internacional dos Mágicos. "Bonzo", que foi muito aplaudido, é o pseudônimo do sr. Stanley Kay, o excelente amigo inglês da colônia francesa de S. Paulo, de origem francesa, isto é, de mãe francesa.

14 DE JULHO EM SÃO PAULO

Sob o patrocínio da exma. sra. Helena Zimmermann, consulesa, presidido pelo exmo. sr. cônsul Henri Zimmermann, presentes o representante do exmo. sr. dr. Fernando Costa, interventor federal em São Paulo, e outras autoridades; dr. Maurice Demolein, banqueiro, presidente da "Société de Bienfaisance 14 Juillet" e diretor geral da "Caisse Générale de Prêts Fonciers et Industriels", de Paris; Jacques Funke, industrial, presidente do Comité da "France Combattante", nesta capital; capitão Frederico Statmuller, do exército francês, veterano da guerra de 1914; cel. Christiano Klingelhofer, diretor da Guarda Civil; sr. Gustavo Carrano, gerente da Carteira de Câmbio da Agência do Banco do Brasil; senhoras e senhoritas e várias personalidades de destaque na sociedade paulista — teve lugar, nesta capital, a grande festa nacional, organizada pela colônia francesa.

Depois de seis longos anos de luta contra o barbarismo, contra o inimigo da civilização, os franceses radicados em São Paulo voltaram a celebrar, solene e festivamente, um dos acontecimentos mais belos e mais humanos da história de sua pátria — "La Fête Nationale Française". O programa, que foi todo realizado nos salões do Hotel Esplanada, obedeceu a duas partes distintas: uma de caráter oficial, às 11 horas, que consistiu na recepção feita ao corpo consular e demais autoridades, bem como a todos os membros da colônia; a outra de caráter social, cuja renda foi revertida em benefício das vítimas da guerra, constou de duas partes

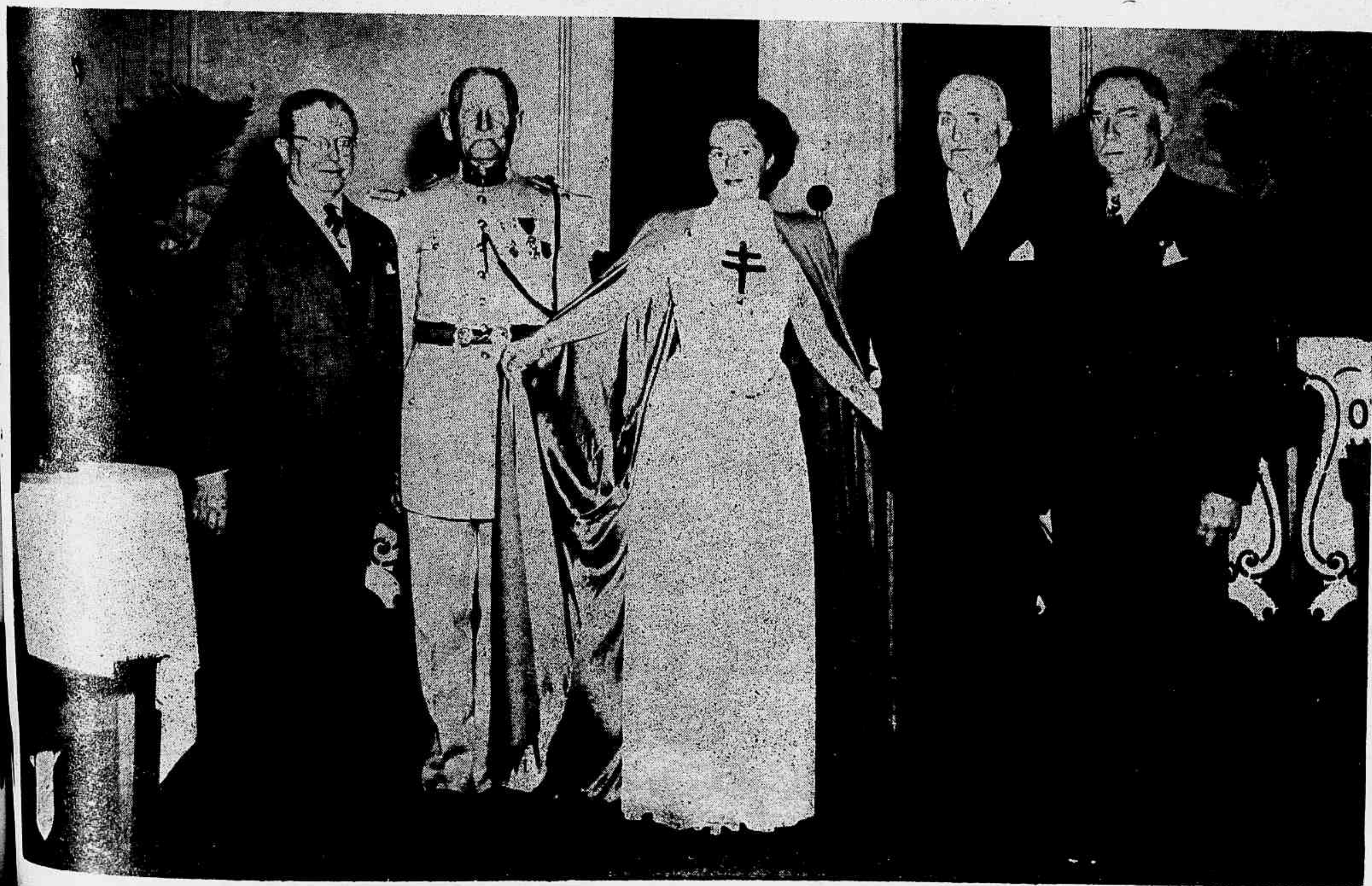


O sr. Henri Zimmermann, cônsul geral da França em São Paulo e Santos, tendo à direita o coronel Christiano Klingelhofer, antigo diretor da Guarda Civil de S. Paulo, e o representante do sr. Fernando Costa, interventor federal em S. Paulo; e, à esquerda, os srs. capitão Frederic Statmuller, ex-membro da antiga Missão Militar Francesa, Jacques Funke, dr. Maurice Demolein e outros.

— a primeira solene, com a apresentação de números variados de prestidigitação por "Bonzo", o mágico amador cujo nome verdadeiro é Stanley Kay, grande amigo da colônia francesa, o qual foi muito aplaudido; seguiram-se vários números de arte, inclusive declamações em homenagem ao poeta Louis Aragon e outros poetas da resistência, vindo, por fim, um grande baile, entremeado por vários números de dança clássica, sob a direção da professora Madame Olenewa, que foi muito cumprimentada.

Já se disse — e nunca será de mais repetir — que a França é a capital do mundo. O 14 de Julho de 1789 foi revivido, em 1945, não somente na França mas em todo o mundo cristão, em todas as nações amantes da igualdade, da justiça e do direito, princípios por que se bateram Mirabeau, Danton, Robespierre e tantas outras grandes águia da liberdade e porque, em verdade, esta gratíssima efeméride traz consigo o condão quase sobrenatural de despertar no homem o desejo de assegurar as conquistas nobres dos seus antepassados; de continuar vigilante na preservação da democracia, em cujo único seio são asseguradas as aspirações dos povos e a dignidade da espécie humana. A vitória da Revolução Francesa há de constituir, como sempre, um dos capítulos mais inolvidáveis da história das civilizações, em cujo heroísmo não de se inspirar as gerações presente e futura, na reconstrução dum novo mundo que, esperamos, seja elevado no espírito, mais nobre e mais humano.

Da direita para a esquerda os srs. dr. Maurice Demolein, banqueiro, diretor geral da Caisse Générale de Prêts Fonciers et Industriels, de Paris, e presidente da Sociedade Francesa de Beneficência "14 de Julho"; Henri Zimmermann, cônsul francês em S. Paulo e Santos; capitão Frederic Statmuller, veterano da guerra de 1914; e Jacques Funke, industrial e presidente da "France Combattante", recentemente condecorado pelo general De Gaulle. No centro vê-se, simbolizando a gloriosa bandeira da França Livre, a sta. Francine Carrut, filha do sr. Raymond Carrut, superintendente da "Brasil" Cia. de Seguros Gerais.



KOLYNOS ILUMINA O SEU SORRISO...



Um sorriso saudavel é o resultado da saúde geral do organismo. Um centímetro de Kolynos na escova seca lhe proporciona este sorriso, não somente porque limpa os dentes, mas porque combate a proliferação das bactérias que provocam muitas molestias infecciosas. A concentração de Kolynos e a ausencia de agua na sua composição o tornam um germicida poderoso e de efeito mais duradouro.

E... como é agradável usar Kolynos! A sua espuma benéfica atinge todos os recantos da boca, as gengivas e a garganta, levando a todo o aparelho bucal uma sensação de frescor que comprova a ação total de Kolynos.

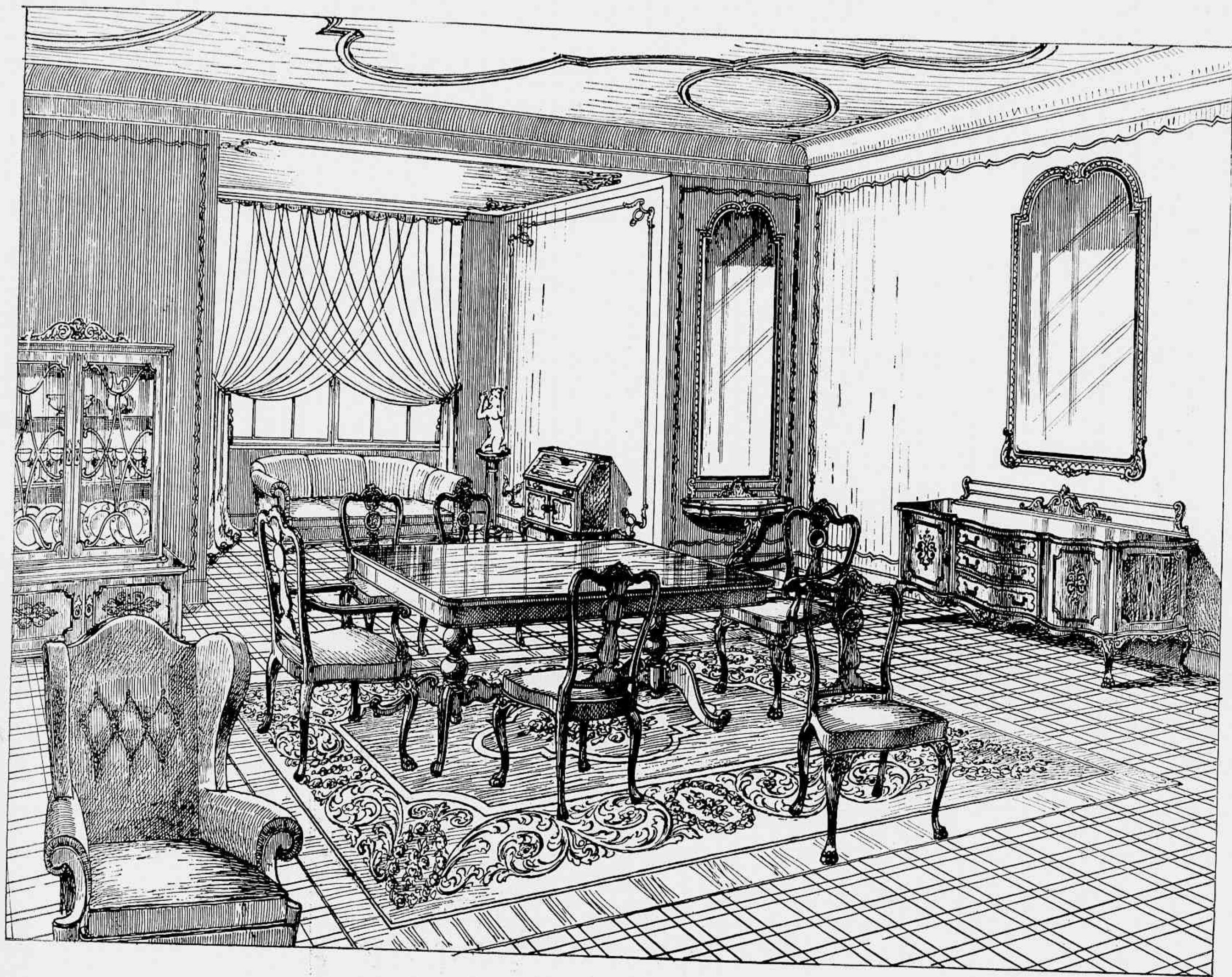
Não é em vão que mais dentistas e mais familias usam e recomendam este creme dental realmente benéfico, que custa muito menos porque rende muito mais.



Limpa mais...
agrada mais...
rende mais...

ILUMINE seu sorriso usando o CREME DENTAL ANTISSÉTICO!

* Ouça na Rádio Nacional, às 2.ªs feiras
às 21,35 o Rádio Almanaque Kolynos.



“LUIZ XV” ESTILIZADO

O modelo acima apresenta uma sala de jantar que tanto pode ser utilizada para um “bungalow” relativamente espaçoso como para um palacete austero. Os móveis deste moderno “dining-room”, todos em Luiz XV, obedecem entretanto a uma estilização que os tornam compatíveis com qualquer estilo arquitetônico. A madeira utilizada para a construção da mesa, “étagère”, cristaleira e cadeiras é ligeiramente escura, combinando por isso com qualquer tonalidade de que se revistam as paredes. No original usaram-se como complemento um grande espelho Luiz XV e uma poltrona moderna, além do sofá e da radiola que aparecem ao fundo, num pequeno “living-room” anexo a essa luxuosa sala de jantar.

MOBILIARIOS · TAPEÇARIAS · DECORAÇÕES
OFERECEMOS ORÇAMENTOS GRATIS

ASA
MARCA

UNES
REGISTRADA

A MAIOR E MELHOR ORGANIZAÇÃO DO BRASIL
AGÓRA SOMENTE

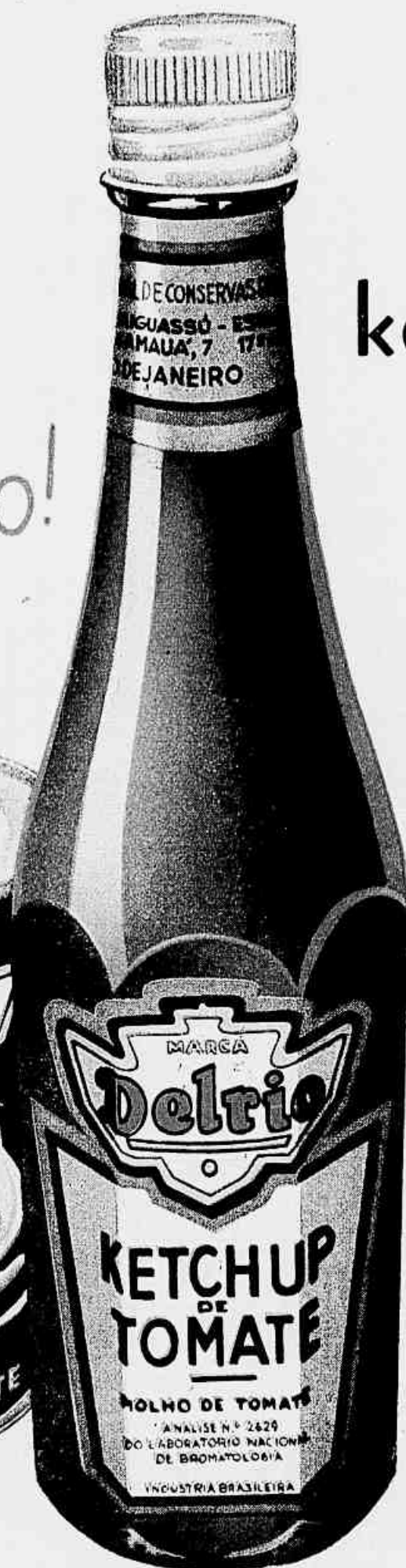
65 · RUA DA CARIOCA · 67

NAO TEM MAIS ANEXO NEM FILIAIS

Procurei Seca e Meca
De fio a pavio
E não vi nada igual
As conservas Delrio!



sopa de
tomate



ketchup

Só Delrio sabe produzir estas deli-
cias para sua mesa! Porisso, exija
sempre a marca Delrio no trio
campeão dos produtos de tomate,
liderado pelo
SUCO DE TOMATES DELRIO



Ouçã este programa oferecido por
DELRIO: "Papel Carbono" - No
Rádio Club do Brasil (860 kcs.)
todas as 3as.-feiras às 21,35. Um
antigo favorito. O mais inte-
ressante programa de amadores,
revelador de novos talentos.

Delrio

COMPANHIA INDUSTRIAL DE CONSERVAS DELRIO - RIO DE JANEIRO